



FERNANDO PESSOA

CORRESPONDÊNCIA

1905-1922

edição

MANUELA PARREIRA DA SILVA

ASSÍRIO & ALVIM

Meu caro amigo – O convite geral feito na sua secção de inquérito literário, e aquele com que verbalmente honrou a obscuridade ou a juventude do meu nome, foram, como sabe, de princípio aceites por mim para, no seu jornal, levantar a luva que inquiridos vários arremessaram à *Renascença Portuguesa*. Lançado, porém, que por mim fui no caminho da contra-argumentação, breve verifiquei que, tendo por dever meu responder a tudo quanto no seu inquérito se dissesse contra a *Renascença Portuguesa*, as dimensões escritas da resposta excederiam, e de muito, as dimensões de um artigo de jornal; ao passo que a nulidade do meu nome, por mais que o meu raciocínio lhe fosse capa para o público, impedia-me de, sequer, pensar em pedir-lhe a inserção de artigos sobre artigos, discutindo, ponto por ponto, a como que argumentação dos adversários da nossa novíssima poesia. Resolvi, por isso, guardar para folheto a resposta extensa e completa a quantos simulacros de objecções várias competências nominais houvessem deixado cair nas suas colunas. Preparo esse folheto, que a *Renascença Portuguesa* editará.

Nesta atitude me conservaria, se o Prof. Adolfo Coelho não tivesse feito incidir uma parte do seu depoimento sobre um artigo meu, publicado na *Águia*, e que visa precisamente a explicar, na sua significação sociológica, a nossa novíssima poesia; chamado assim, como que por meu nome, à baila jornalística, sinto-me com o direito e o dever de abrir uma clareira na minha renúncia à publicidade maior e a valer-me, na extensão de um artigo, do seu amável convite.

Os argumentos que empregarei contra as objecções do Prof. Adolfo Coelho servir-me-ão, ao mesmo tempo e de sumário modo,

de resposta geral a outras adversas referências feitas à *Renascença Portuguesa* e à nossa nova poesia; porquanto, explicativos como são daquelas, implícita resposta levam a todos os seus inimigos. Isto não exclui – bom é que se note – a mais detalhada resposta no folheto. Apenas a prepara e imperfeitamente a resume.

Por ora, pois, responderei apenas às vagas objecções feitas contra o carácter renovador e grande da nossa novíssima poesia pelo Prof. Adolfo Coelho no seu quase-erudito artigo. Esse artigo é sereno e aparentemente lúcido e motivado; infelizmente, quem se der ao trabalho de lhe procurar o fio condutor de uma lógica, encontra-lhe uma íntima desconexão, desmentindo a sua fisionomia de ligado e conexo.

Seja como for, perscrutemos em que se baseia o Prof. Adolfo Coelho para descrever de uma renascença literária em Portugal e de ser a nossa poesia novíssima representativa dessa renascença. Cinge-se a duas considerações, que era dispensável que estivessem submersas em elementos acidentais e anedóticos. Essas duas objecções, que não pecam por explícitas nem por argumentadas se perdem, são: 1.º – que a nossa nova poesia não mostra avanço, especialmente no que diz respeito à grandeza individual dos seus representantes, sobre a poesia da geração de 1860 a 1870; 2.º – que não mostra avanço espiritual – isto é, em compreensão da Natureza, expressão de emoções, etc., – sobre qualquer outra corrente poética – a romântica, suponha-se, consoante exemplos indicados de Byron e Victor Hugo. Concretizando mais: para o Prof. Adolfo Coelho a nossa novíssima poesia nem pela grandeza dos seus poetas, nem pela originalidade e grandeza do seu carácter geral se impõe como poesia característica de uma renascença; ou mesmo de um grande período poético. Isto é o essencial e o basilar do artigo; o resto ou provém disto ou não tem nada que ver para o caso.

As duas considerações citadas reduzem-se, para o contra-argumentador, a uma só. É que a grandeza dos poetas de uma corrente literária está sempre em relação com a originalidade, o equilíbrio e a *nacionalidade* (isto é, o carácter nacional) dessa corrente. Não se pode apontar em toda a história literária movimento que tenha surgido com carácter de originalidade, equilíbrio e nacionalidade que não tenha sido representado por, revelado através de grandes figuras de poeta, e grandes na precisa proporção em que essa corrente é nacional, original e equilibrada.

Assim, as duas poesias que mais se nos oferecem como brotando inesperadas e originais do seio dos seus povos, são a poesia grega e a poesia da Renascença – preeminentemente, a da Renascença inglesa. A primeira surge como que virgemmente, anadiomenicamente, do oceano escuro do tempo; liga-se por episódios e elementos míticos à anterior poesia da Índia, mas a sua essência, a sua *alma*, a sua assombrosa alma lúcida e profunda, é-lhe original e própria. De modo igualmente flagrante rompe da noite da idade chamada média a poesia que, começando em Dante, culmina em Shakespeare e acaba em Milton.

Todas as outras épocas literárias são inferiores a estas duas em originalidade. Todas descendem muito mais evidentemente do passado do que estas.

O próprio Romantismo não destaca da Renascença ou mesmo do século dezoito como a Renascença surge da idade-média e a poesia grega do que lhe é anterior. Isto é incontestável.

Ora é precisamente nos dois períodos verificados como os maiores da literatura em matéria de originalidade que aparecem as maiores obras individuais, as maiores figuras individuais de poetas. Porque é fora de dúvida para quem tenha mais do que um vácuo de compreensão que as alturas máximas da poesia estão na *Iliada* e em

Shakespeare, e, logo abaixo, nos dramaturgos gregos e nos dois épicos supremos da Renascença, Dante e Milton. De modo que a questão se reduz simplesmente a procurar o grau de originalidade, equilíbrio e nacionalidade no actual período poético português; se essas forem constatadas grandes, inevitavelmente se terá de concluir ou que os novíssimos poetas nossos são grandes poetas, ou caso seja impossível considerá-los como tais, que brevemente surgirão grandes poetas ou, pelo menos, um grande poeta na nossa nova poesia.

Mas a questão pode ser posta à prova mais estritamente analisando. Em primeiro lugar, escusamos de perscrutar a *nacionalidade* de uma poesia: se se prova a sua plena e equilibrada originalidade, fica *ipso facto* provado o seu carácter de absolutamente nacional. Porque se a poesia de uma nação é em certo período em absoluto original, de onde lhe poderá vir essa originalidade, esse poder de ser diversa e outra do que todas as outras poesias, senão de ser a genuína e suprema interpretação do que esse país tem de essencialmente diverso e outro do que outros países – e isso é ser tal país e não outro, é a *raça*. Fica, portanto, restrita a nossa investigação a constatar a existência ou não existência, na nossa nova poesia, de originalidade e equilíbrio.

Mas mesmo isto é escusado. O caso é *saber* constatar originalidade: pois que perfeita e verdadeira originalidade não existe sem equilíbrio perfeito. Vejamos porquê. Primeiro em que consiste o equilíbrio de um psiquismo qualquer, individual ou colectivo? Essencialmente no grau da sua atenção ao mundo exterior; e quanto mais ele é atento ao mundo exterior, tanto maior seu equilíbrio é. E em que consiste a originalidade? Em ter ideias inteiramente próprias e individuais; e «inteiramente individuais e próprias» quer dizer inteiramente subjectivas. Como, porém, o espírito elabora impressões vindas do exterior, a originalidade será tanto maior

quanto maior for o número de impressões do exterior que o espírito é capaz de acolher e elaborar para originalidade; isto é, quanto maior for a sua atenção ao mundo exterior; quèr dizer, pois, quanto maior for o seu equilíbrio. Portanto originalidade verdadeira e perfeita envolve equilíbrio, nunca é senão originalidade equilibrada.

Mas como é que se pode medir a originalidade de uma corrente literária? Em que é que consiste, propriamente, essa originalidade? Vejamos primeiro o que é uma corrente literária. É manifestamente uma comunidade de ideias ou intuições característica de poetas e literatos de uma época. Qual é a base de uma comunidade de ideias? Um fundamental conceito igual das coisas, uma igual atitude perante o universo e a vida.

O que é um comum conceito do universo e da vida? Um comum conceito do que constitui a realidade. O ponto único, portanto, para onde tem de convergir a nossa atenção é este – se a nova poesia portuguesa envolve qualquer conceito novo do que é a realidade, se a sua atitude perante o universo e a vida é uma atitude inteiramente nova.

Ora Portugal pertence à civilização europeia ocidental; a sua evolução, literária ou outra, tem vindo integrada, portanto, na evolução literária ou outra, dessa civilização. E visto que essa civilização tem, em literatura porque em tudo, uma linha evolutiva, se a nossa nova poesia traz qualquer coisa de original em si, essa originalidade deve ser o princípio de um novo estágio na linha evolutiva da civilização em que Portugal está integrado – nova Renascença portanto que de Portugal se derramará para a Europa, como da Itália para a Europa se derramou a outra Renascença. Mas se essa originalidade, a ser verdadeira, representará um novo estágio na geral linha evolutiva literária da Europa, a sua natureza deve ser de certo modo deduzível dos anteriores estádios da evolução literária europeia. O que temos

portanto que fazer é analisar os estádios anteriores da evolução literária da Europa moderna, deduzir dessa análise quais devam ser os característicos do estágio literário seguinte, e depois comparar esses característicos deduzidos com os característicos da nossa novíssima poesia. Se houver coincidência, teremos provado a nossa tese.

Os dois estádios literários da civilização europeia moderna são a Renascença e o Romantismo. Analisemos os característicos destes, deduzamos depois os prováveis característicos do período literário que se lhes deve seguir e comparemos finalmente esses característicos com os da nova poesia portuguesa.

Qual é a atitude da Renascença perante o Universo e a vida? O que é que para ela constitui essencialmente a Realidade? É a alma e só a alma: a Renascença não tem o sentimento da Natureza. Vejamos. Quais são as formas poéticas da Renascença? São os poemas de amor (Petrarca), ou poemas de acção humana (os poetas épicos) ou dramas (Shakespeare e os dramaturgos do seu tempo). São portanto três formas de poesia de Alma, só de Alma – visto que tratam ou do sentimento que liga as almas – o amor – ou de acção humana, acção de almas, portanto; ou, no seu poeta culminante, Shakespeare, mais completamente ainda de almas em acção. Quanto à Natureza, os poetas da Renascença não a *sentem*, por mais nitidamente que a *vejam*: assim, o mais observador de todos eles, Shakespeare, não é poeta perante a Natureza, é observador simplesmente. Descreve o que vê em maravilhosos versos; mas nenhuma simpatia o liga a Natureza que tão nitidamente vê.

Dá-se com o romantismo o caso inverso. Para os românticos a única verdadeira Realidade é a Natureza; da Alma conhecem só cada um a sua alma individual. Daí o carácter inteiramente diverso da poesia romântica em relação à da Renascença. A sua noção da acção humana é fraca e descontínua, de modo que são incapazes de

elaborar uma epopeia. A sua fraqueza psicológica é conhecida: os únicos românticos capazes de alguma intuição psicológica, Goethe e Shelley, apoiam-se no passado, à tradição da Renascença, na figura de Shakespeare, para beber psicologia. E o resultado? Grande como é em outras coisas, Goethe-psicólogo não se pode medir, não digamos já com Shakespeare, mas mesmo com outros dramaturgos – Webster, por exemplo – da época shakespeariana. Shelley, para escrever *The Cenci*, estudou atentamente os processos shakespearianos – e o que resultou, ainda que belo, não se pode comparar em intuição dramática sequer com a obra de outros tais que Webster.

Esta diferença entre os poetas da Renascença e os do Romantismo colhe-se flagrantemente no modo como pensam.

Os poetas da Renascença pensam por *ideias* ou por abstracções: os românticos pensam por *imagens*. Isto é, os primeiros pensam em termos de Alma, os segundos em termos de Natureza. Nenhum romântico poderia escrever um soneto como o *Alma minha gentil*, tão despido de imagens, tão *directamente* exprimindo a alma.

Ora, sendo estes os característicos dos dois grandes períodos da poesia europeia moderna, será possível deduzir deles os característicos que deverá ter o grande período da poesia que se lhes seguirá? A dedução não é fácil; é facilíma. Para a Renascença a Realidade é a Alma, para o Romantismo a Realidade é a Natureza. Ora, como o nosso conhecimento não tem outros objectos além da Alma e da Natureza, a nova Renascença (chamemos-lhe assim) não tem outra coisa que tomar para Realidade. A sua originalidade só poderá vir portanto *de uma fusão do psiquismo da Renascença com o psiquismo do Romantismo*.

Não há outra hipótese concebível.

Essa fusão, porém, produz um facto curioso – a coexistência de dois sentimentos da Realidade, uma dupla noção de Realidade. Mas

só pode haver noção de *uma* Realidade; a Realidade é concebível só como *uma*. Resulta, portanto, que para a Nova Renascença a Realidade deverá ser *fusão de Natureza e Alma*. A realidade será pois *Natureza-Alma*. Isto é, pela Nova Renascença *a Natureza será concebida como Alma*.

Ora eu creio que o professor Adolfo Coelho é suficientemente inteligente para perceber que estamos em plena descrição da nova poesia portuguesa. Os característicos que deduzimos como devendo infalivelmente ser os da poesia da Nova Renascença *coincidem em absoluto com os característicos patentes da nossa novíssima poesia*.

Provas? Devem ser escusadas para qualquer criatura capaz de seguir um raciocínio e ler uma página. Leia o professor Adolfo Coelho as poesias características dos nossos novíssimos poetas; medite todos os artigos de Teixeira de Pascoaes – cada verso trai o conceito de Natureza-Alma, cada frase desses artigos o exprime.

Para não fugir, porém, ao exemplo directo e individual, examinemos aqueles dois trechos citados por mim e re-citados pelo professor Adolfo Coelho, cuja erudita incompreensão não encontrou diferença entre eles e uma estância, citada, de Byron, inteiramente diversa no seu sentimento, perfeitamente romântico, de Natureza como Natureza. O primeiro trecho é este, de Jaime Cortesão:

E, mal o luar os molha,
Os choupos, na noite calma,
Já não têm ramos nem folha,
São apenas choupos de alma.

Aqui temos, flagrantissimamente, o material concebido como espiritual – *choupos de alma*. Vejamos o outro trecho: são os dois versos de Pascoaes:

A folha que tombava
Era alma que subia.

Aqui temos o *acto material*, que é a queda de uma folha, concebido como *acto espiritual*; e repare o professor Adolfo Coelho que Pascoaes *não compara* a queda da folha à ascensão da alma – a queda da folha, é *materialmente*, a subida da alma.

Comparando estes maravilhosos trechos a trechos de Byron e de Victor Hugo, mostrou o professor Adolfo Coelho que não sabe olhar para além das palavras, e da mera gramática das frases.

Eu bem sei que o professor Adolfo Coelho *não pode sentir* a nossa nova poesia; ouso esperar que possa compreendê-la de longe, através do meu raciocínio.

Que provámos, pois?

Que a nossa nova poesia é a poesia auroral de uma Nova Renascença, que é uma poesia perfeita e plenamente original. Mas, como acima vimos, se é perfeitamente original, é equilibrada: erram portanto os que a consideram doentia e confusa, lançando sobre ela a sombra da sua própria incompreensão. – Se é original e equilibrada resulta, como acima provámos, que é *inteiramente nacional*: erram portanto quantos falam em estrangeirismo a propósito dela. – Se é original, equilibrada e nacional produz ou produzirá, como acima o mostrámos, grandes e máximas figuras de poeta: erram portanto o professor Adolfo Coelho, primeiro quando acha inferiores os nossos novíssimos poetas, e depois quando considera *messianismo* a ideia de um super-Camões, isto é, de um poeta máximo, inevitavelmente maior do que aquele poeta verdadeiramente grande, mas longe de ser um Dante ou um Shakespeare.

São estas, meu caro amigo, as considerações que julgo indispensáveis como resposta ao professor Adolfo Coelho. Servem, ao

mesmo tempo, como viu, para responder a outros adversários da *Renascença Portuguesa*.

Repliquei com perfeita serenidade, 1.º porque o professor Adolfo Coelho com isenção de dureza escreveu, e 2.º porque de outro modo não poderia escrever em atenção à sua pessoa e ao seu jornal. Para o folheto que preparo reservo o tratar no tom que julgar merecido alguns indivíduos pouco inteligentes ou menos correctos, que têm deposto no seu inquérito.

Desculpe-me o espaço que lhe tomei e disponha sempre do seu amigo e admirador. – *Fernando Pessoa*.

14

A Álvaro Pinto

30-XI-1912

Meu caro amigo:

A falta, neste fim de mês, do seu costumado, e por mim tão merecido, bilhete de advertência para remessa de artigo leva-me a julgar que possa estar doente – hipótese a que desejo sorte contrária à que ambiciono às minhas hipóteses sociológicas – isto é, que seja falsa. – Escrevo para participar que, não havendo catástrofe nervosa, lhe enviarei de aqui amanhã o meu fim de artigo! – Não sei ainda, quando precisamente, lhe poderei enviar o panfleto. – Se o panfleto tiver a extensão – em c. 10 – de uma *Águia* (de 32 páginas) quanto tempo levará a compor e imprimir?

Am.º muito grato

Fernando Pessoa

Lisboa, 4 de Dezembro de 1912

Meu caro amigo:

Remeto hoje, com esta carta, o pequeno resto do meu artigo. Como da extensão quase constará, só a grande acumulação de trabalho, que ontem tive no escritório, me obrigou a adiar para hoje a sua remessa, o que, por ele ser tão pequeno, creio lhe não terá feito inconveniente de vulto.

Recebi o seu postal, que muito agradeço.

Tenho uma coisa a dizer. Caso não tenha ainda plano feito para o n.º 1 do segundo ano da 2.ª série, queria propor-lhe a inclusão de dois escritos que, parece-me, teriam interesse. Como sabe, prometi-lhe nunca mais atirar para cima da sua desprevenida amabilidade remessas que me houvessem pedido. Cumpri isto à risca; já a três amigos recusei enviar escritos que eles me pediram para eu lhe remeter, e cujo valor não era tão flagrante que me levasse a falar-lhe neles.

Suponho, porém, que o meu amigo não me levará a mal que lhe *aponte* o que me pareça bom e que eu possa obter; se lhe convier, dir-me-á, como, com toda a franqueza, caso lhe não convenha. É para bem de *A Águia* que lhe falo nisto.

Dos dois escritos a que me referi, um tenho a certeza de poder obter, e é muito interessante; outro, que é mais interessante ainda — porque de género mais raro, e, no género, perfeito — não posso *absolutamente* assegurar que obtenha, porque não sei se já recebeu do autor a demão final.

O primeiro é uma poesia um pouco extensa — deve levar de 3 a 4 páginas — chamada «Romaria das Árvores»; é do António Cobeira e revela-o de modo original e flagrantemente belo. — O segundo é um magnífico conto, *O Homem dos Sonhos*, de Mário de Sá-Carneiro, que está actualmente em Paris, e é, como não sei se sabe, autor de um belo e revelador livro recente, *Princípio* de seu título. O conto não é grande e o autor é o único *novo* em quem está o poder de contestar a António Patrício o primeiro lugar entre os contistas. Como *construtor* do enredo é já mais do que uma promessa; este conto é, de resto, superior em construção aos que vêm no «Princípio». Ele leu-me aqui o conto e, como eu gostei muito, dedicou-mo; mas espero que me fará a justiça de crer que não é por isso que tinha empenho em o ver publicado em *A Águia*. É por ele — autor — e pela *Águia*.

Como disse, não sei se por qualquer razão me será impossível obter este conto. Farei o que puder. E creia que o conto vale a pena que se obtenha.

Sobre os dois casos diga-me se quer que proceda como lhe indico. Pode crer que nenhum dos autores me pediu a inserção.

Disponha sempre do seu m.º am.º

Fernando Pessôa

Lisboa, 22 de Janeiro de 1913

Meu prezado Camarada:

Uma constitucional perturbação da vontade e uma ânsia, paralelamente paralisante, de sobre tudo dizer tudo, sem falha, falta ou fraqueza, fazem com que eu ponha em tudo o que faço uma demora que acaba por me apavorar até à acção, e que comece essa acção por um pedido de desculpa de tanto ter demorado. No caso presente o que eu tencionava fazer era um ligeiro, epistolar estudo sobre a sua individualidade, agradecimento de raciocinador pela oferta, que amavelmente me fez, das suas duas *plaquettes*, dedicação de psicólogo ao interesse que o seu espírito me desperta e, desde que primeiro o li, me despertou, e fraco retribuir, crítico e frio, da alta e lusitana emoção que os seus versos me têm dado.

Mas, no momento actual, inteiramente trágico, da minha vida, em que sou o Atlas involuntário de um mundo de tédio, que quase fisicamente e localmente me pesa sobre os ombros, as minhas faculdades de análise tornaram-se-me uma coisa que eu sei que tenho mas que não sei onde está.

Vêm estas considerações egotistas para explicar que roce, talvez, tão flagrantemente pelo banal e pelo pouco a apreciação que

segue, das suas duas poesias. Num ou noutro ponto dessa apreciação cairei – dada a impossibilidade que há em mim de querer não analisar – no impulso de esmiuçar e destecer, mas, não podendo, pelas razões já ditas, aplicar-me a esse trabalho completamente, esquivar-me-ei a ir até onde era de meu desejo ser levado.

A meu ver é o meu querido amigo (permita-me que assim o trate) o primeiro dos poetas da novíssima geração. Eu chamo, é claro, novíssima geração àquela que apareceu posteriormente à de Pascoaes, Correia de Oliveira e Lopes Vieira, à que é propriamente já e apenas do século vinte. Entre os poetas dessa geração creio que o meu amigo é *princeps*. Ao especial sentimento da Natureza que a todos é peculiar, e em que tomaram (sem o saber, é claro) o facho das mãos de Tennyson, mais alumando-o, até a chama ser outra, de maior, na alma altíssima da nossa Raça, fazendo escuro o brilho dos ingleses europeicamente antecessores; à subtileza de subjectividade que quase todos têm, e que é o simbolismo traduzido portuguesamente para divino; – a estes dois elementos junta o meu amigo o elemento *heróico* que os ergue e levanta. Não quero com isto dizer que entre os outros poetas da actual corrente este elemento heróico não exista. O que digo é que em si esse elemento está em pleno equilíbrio com os outros, o que torna o seu voo lírico mais alto, mais límpido, e mais aguentadamente largo. O que com este último adjectivo adverbado descrevo é que é, para mim, mais importante e de interesse na sua obra. A poesia só de Natureza, por alta que seja, tira o indivíduo demasiadamente de si para o deixar saber construir uma poesia um pouco extensa conexamente: o caso de Wordsworth, que criou a poesia da Natureza, e, com duas excepções, fálhou toda a poesia mais do que pequena, é típico. A poesia apenas subjectiva faz com que o indivíduo se extravie de si dentro de si próprio: é, ainda mais que a da Natureza, encurtadora do fôlego espiritual. Escuso de

lhe apontar o caso representativo dos simbolistas, os mais puros-subjectivos que a poesia tem tido. – Ora, consoante eu aponte num dos meus artigos n' *A Águia*, o que dá o especial valor à nossa poesia novíssima é que equilibra a poesia da Natureza, em alto grau inspirada, com a poesia da Alma, em grau tão alto sentida. Mas houve uma coisa que ali não disse, não de propósito, mas porque me escapou naquela primeira análise do assunto. É que há um terceiro elemento, e nesse ainda a nossa nova poesia é pecadora: é a *construção*, aquilo a que se pode chamar a *organicidade* de um poema, aquilo que nos dá, ao lê-lo, a impressão de que ele é um todo *vivo*, um todo *composto de partes*, e não simplesmente *partes compondo um todo*. – Ora de onde vem a *construção*? – isto é, de que qualidades nasce?

Eu mostrei que quer a poesia subjectiva, quer a poesia objectiva dá, sendo só ou subjectiva ou objectiva, uma falta, muitas vezes de equilíbrio, e sempre de fôlego. Possuídas em grau igual estas duas formas ideativas, resulta equilíbrio com certeza, mas fôlego não resulta. É que, quer o sentimento do Exterior, por intenso e complexo que seja (e quanto mais intenso ou mais complexo pior), como o sentimento do espírito, por subtil que seja (e tanto mais quanto mais subtil), são, quanto no caso é possível, de sua natureza *estáticos*; e da sua combinação, como é de ver, nada resulta que não estático. – Ora construir implica esforço, quer este esforço seja consciente ou inconsciente, rápido ou demorado. À base da *construção*, poética ou outra, sendo pois de sua natureza um *dinamismo*, logo se compreende como os sentimentos estáticos que são o da Natureza (que é apenas um complexo *contemplan*) e o do Espírito (que é somente um subtil *contemplan-se*) conduzam à falência construtiva. (É de notar, naturalmente, que o carácter estático do sentimento da Natureza relativamente ao da Alma é relativo; puramente estático, quedava-se sem gestos de expressão dentro de si próprio, e nunca dali resultaria arte.)

Posto isto, que a construtividade poética parte de uma faculdade qualquer, dinâmica de essência, com só mais um passo atingiremos a compreensão de quais são essas faculdades. O dinamismo pode ser de três espécies, evidentemente. Ou é dinamismo do Espírito para o Mundo Externo, ou do Mundo Externo para o Espírito, ou uma síntese destes dois dinamismos especiais. Temos pois que os poetas capazes de construir têm uma de três faculdades. Ou têm aquilo a que chamarei *o impulso heróico*, que é o dinamismo de dentro para fora, a ânsia de dominar as coisas, de sobrepor à Natureza a individualidade própria. – Ou têm aquilo a que chamarei *o impulso religioso*, que é o dinamismo de fora para dentro (e que é bom não confundir com o outro sentimento religioso, que é a mais alta manifestação do sentimento da Natureza, mas a que falta o *impulso*, por ser de mais subjectivo, meditativo apenas), e que vem a ser ânsia, contrária à outra, de se submeter, sem se abandonar (como o místico) a um Deus – impulso de outro modo heróico também, porque essa submissão traz consigo o sentimento contrário ante a Natureza e os homens. – Ou, finalmente, têm o impulso construtivo puro, que, sempre com certo grau de consciência, ainda que inspiradamente, ajusta o interior ao exterior, o detalhe ao todo. Este, que é realmente sintético dos outros, é de espécie e origem diversa.

Os homens da Renascença – que foram, na época moderna, os grandes construtivos, tão superiores nisto aos Românticos, por maiores que fossem estes em sentir a Natureza e o Espírito – tinham um ou outro daqueles dinamismos. Os épicos de género guerreiro tinham o primeiro: é mesmo a intensidade do «dinamismo heróico» que aguenta e vivifica *Os Lusíadas*, e os salva de serem vítimas das pequenas faculdades puramente críticas de Camões. Milton tem o segundo género de dinamismo. O terceiro parece-me que o encontro em Shakespeare, onde, por exemplo no caso das várias edições do *Hamlet*, nas constantes alterações, claramente estudadas e cautas,

que, ao mesmo tempo que mais e mais deteatrizam (*sic*) a obra, mais a tornam *ligada*, e *una*.

Ora, para entrarmos enfim em casa, o que com grande alegria noto no meu amigo como destacando-o entre os novos poetas é a sua capacidade construtiva. O *género* dessa capacidade é o «dinamismo heróico». Como adiante direi, este dinamismo não está ainda em si plenamente desenvolvido.

Fica, pois, feita a descrição do que me parece ser o seu valor como poeta. Ao alto e religioso sentimento da Natureza e ao subtil sentimento do espírito que caracteriza os novos poetas, junta o meu amigo um sentimento heróico que o ergue acima deles, ainda que haja entre eles quem tenha com mais misticidade o sentimento da Natureza e (outros) com mais subtileza o sentimento do Espírito.

Passemos aos seus defeitos. Resultam da descrição feita das suas qualidades. São três. O primeiro nasce da própria natureza do dinamismo heróico. O segundo nasce da posse não-plena desse dinamismo. O terceiro nasce de aplicações falsas que de vez em quando faz do seu género de dinamismo.

Vamos ao primeiro. Por vezes, o meu amigo tem tendência a embriagar-se de heroísmo: resulta daí que, de vez em quando, a sua voz é *demasiado alta* para o assunto ou para o trecho, as imagens demasiado heróicas para a ocasião. Nas intercalações que faz na *Sinfonia da Tarde* há disto. Não é defeito muito importante, e é daqueles a que se costuma chamar «defeitos das qualidades».

O segundo defeito pode-lhe fazer mal num poema longo. Na *Sinfonia da Tarde* há, naquelas mesmas intercalações que já citei – *no facto de as ter feito*, com prejuízo da curva perfeita da poesia – uma prova desta posse incompleta da sua qualidade principal. Contra este *travers* é preciso mais cuidado. Creio que crescerá para fora dele. É da juventude do seu impulso heróico, parece-me, e não de falha constitucional nele.

Contra o terceiro defeito é que eu mais o quereria aconselhar, com toda a franqueza e lealdade crítica que nestas linhas estou pondo. Mas a poesia recente onde o podia ter mostrado – a *Esta História...* – está perfeitamente livre dele, está singularmente ligada, conexas, una. É uma das poesias de amor mais perfeitas que há na língua portuguesa. – Onde este seu defeito estava patente era naqueles seus sonetos em tom de ternura que publicou n' *A Águia* antiga e na actual. Esses – permita-me que lhe diga – são falências absolutas. Essencialmente heróico, o seu espírito só maneja bem o sentimento amoroso quando, como na *História*, o pode heroicizar. O amor-ternura *n'est pas votre fait*. É isto que eu chamo a «aplicação falsa» do seu dinamismo. Note-lhe tudo isto por lealdade. Mas não quero que julgue que este defeito lhe diminui o valor do seu género. A espécie de sentimento amoroso que há na *História*, é mesmo superior a quanto amor-ternura se imagina. Não compreendo muito bem, portanto, como desceu da altura da sua inspiração para aí fazer figura num nível que é inferior ao seu.

Tenho a mão cansada e o espírito desconexo. Esta carta é sincera, mas tem um ponto ridículo. É que tendo-lhe eu dito lamentosamente que não analisava, fui analisando e analisando. E que confusamente e tortamente analisei! A minha crítica ao seu espírito de poeta, por sincera que seja, nem é digna da sua individualidade, nem mesmo das horas normais do meu raciocínio.

Desculpe-me tudo isto – desde a desconexão à caligrafia – e creia que ninguém mais do que eu admira a sua Alma de poeta e de português, ou mais deseja que ela suba sempre, para uma arte cada vez mais lusitana e perfeita.

Disponha sempre do seu

Camarada dedicado
e comovido admirador

Fernando Pessoa

A Álvaro Pinto

Lisboa, 28 de Janeiro de 1913

Meu caro amigo:

Permita-me, antes de tudo, e em referência ao folheto da obra e contas da *Renascença*, que fervorosamente o felicite por quanto pôde realizar a sua maravilhosa tenacidade, a sua capacidade organizadora e aquela dedicação que, tendo-a posto, como tem, ao serviço de uma causa cuja importância é maior do que talvez o mais ousado de nós ousa dizer, não é senão um sentimento intensamente patriótico mostrando-se, não através de palavras, como é costume dar-se, mas em obras, como é raro ver-se, e, ao ver-se, e no grau de justo êxito que o seu esforço tem tido, humilhador das mais calorosas expressões que pretendam elogiá-lo.

Não estou neste momento na posse em que queria estar de qualquer coisa como um estilo, para lhe poder dizer estas coisas com o perfeito dizer que conviria. Mas através da frouxa expressão que o meu cansaço, água de sempre, imprime ao meu pensamento, creio que transparece a calorosa sinceridade do que digo.

Envio-lhe junta – creio que ainda a tempo de tomar lugar no n.º 14 – a poesia *Romaria das Árvores*, que pedi ao António Cobeira, e que, acho, não direi uma coisa assombrosa, mas uma coisa com certeza classificável de «magnífica». A impressão do conjunto, afinal, ainda é melhor que a dos trechos que eu conhecia – O Cobeira não diz mal da *Renascença*. O mais que lhe tenho ouvido são apreciações pouco entusiásticas a respeito de alguns colaboradores de

Lisboa, 22 de Março de 1913

Meu caro amigo:

Recebi anteontem à noite o seu cartão, e foi-me ontem impossível informar-me. Hoje, porém, tenho todas as informações de que precisa. O Gomes Leal vive em casa de um indivíduo, de quem me disseram que era pouco instruído mas admirador do Poeta — e «vive» quer dizer, mora, tem um quarto apenas; porque essa pessoa, pobre ao que me parece, não pode infelizmente dar-lhe mais do que o quarto. O Poeta come em casa de uma prima, mas às vezes passa sem almoço ou sem jantar, e não sei se algumas vezes sem ambos. Não insisti com o meu informador por mais detalhes, primeiro porque mais não eram precisos, depois porque me impressionou para além de toda a vontade de falar sobre o assunto o pouco, mas suficiente, que me contaram. Tem, pois, o meu amigo, nestes parcos, mas bastantes, factos a triste informação que me pede. Creio, pois, que nada obsta à intenção da *Renascença* de levar o Poeta para o Porto, para aí tratar dele.

Quanto à folha para subscrição que o meu amigo me remete, só amanhã ou segunda-feira me porei em campo para obter o que puder. Pouco será infelizmente, porque pouco posso fazer, dado que poucas relações tenho, mas pode estar certo que irei até às fronteiras do que me for possível neste sagrado intuito.

Aproveito o estar-lhe escrevendo para tratar de outro assunto.

Se o Teixeira de Pascoaes estiver aí, peço ao meu amigo que lhe diga que, se ainda lhe não escrevi agradecendo *O Doido e a Morte* é porque a carta, principiada, é extensa e no género de uma carta-estudo que escrevi ao Jaime Cortesão; demora um pouco, em si, e eu tenho muito reles circunstâncias de quotidiano poder a desviar-me de dar a atenção que é necessária àquela carta como a outros escritos... E não julgue o Pascoaes, se acaso viu a minha carta dubitativa ao meu amigo, que o que lhe vou escrever orça, em matéria de apreciação, pelo que contém a frase seca como ali falo do artigo sobre o Basílio Teles.

Para o próximo número de *A Águia* devo mandar um estudo sobre a caricatura em geral, a propósito do caricaturista Almada Negreiros, que aqui tem aberta uma exposição. É coisa pequena. Já tenho em meu poder o maravilhoso conto de Mário de Sá-Carneiro de que há tempo lhe falei, mas não o mando por não querer tomar-lhe o número de assalto com coisas minhas e de amigos: demais a mais o Sá-Carneiro pediu-me que daqui lhe enviasse as provas para Paris, o que exige certa antecedência na composição do conto.

O Boavida Portugal vai daqui a pouco publicar o livro contendo as respostas ao *Inquérito*. De modo que vou preparar o folheto para sair logo depois do livro; assim terá a oportunidade que (como com razão o meu amigo dizia) hoje lhe faltaria bastante. E com certeza terei o folheto pronto a tempo, porque basta (e sobra) os dias que o livro do Boavida leva a imprimir para eu completar o que já tenho escrito e adaptá-lo ao livro, que o Boavida me permite que eu vá lendo à medida que se vai imprimindo.

De modo que, assim, fica tudo salvo.

Naturalmente antes deste folheto terei pronto um outro, em que o Leonardo Coimbra talvez lhe tenha falado, sobre a questão da autoria da obra shakespeareana.

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 2 de Setembro de 1914

Meu querido Amigo:

Recebi o seu postal, e foi-me muito grato saber que a sua viagem foi boa. Aguardo a sua carta prometida. Escreva tão extensamente quanto lhe for possível. Por mim, para que não tarde a minha carta, começo-a hoje.

Mau grado a alguma depressão, constante desde que lá fora é guerra, tenho passado com razoável calma pela ilusão sucessiva dos dias. Nada tenho escrito que valha a pena mandar-lhe. Ricardo Reis e Álvaro futurista – silenciosos. Caeiro perpetrador de algumas linhas que encontrarão talvez asilo num livro futuro. Mas essas linhas são esboços de poesias, não poesias propriamente falando. O que principalmente tenho feito é sociologia e desassossego. V. percebe que a última palavra diz respeito ao «livro» do mesmo; de facto tenho elaborado várias páginas daquela produção doentia. A obra vai pois complexamente e tortuosamente avançando.

Quanto à sociologia, além de ter acrescentado alguns raciocínios e análises à minha «Teoria da República Aristocrática», tenho deliberado teorias várias sobre a guerra presente e sobre as forças sociais, nacionais e civilizacionais em acção. Creio ir-me aproximando de uma interpretação do conflito com visos de verdadeira, ou, pelo menos (sejamos sempre um pouco cépticos), de plausível.

O facto é que neste momento atravesso um período de crise na minha vida. Preocupa-me quotidianamente a necessidade de dar ao conjunto da minha orientação, tanto intelectual como «existente na

vida», uma linha metódica e lógica. Quero disciplinar a minha vida (e, conseqüentemente, a minha obra) como a um estado anárquico, anárquico pelo próprio excesso de «forças vivas» em acção, conflito e evolução interconexa e divergente. Não sei se estou sendo perfeitamente lúcido. Creio que estou sendo sincero. Tenho pelo menos aquele amargo de espírito que é trazido pela prática anti-social da sinceridade. Sim, eu devo estar a ser sincero.

Não se admire v. desta minha atitude para comigo mesmo. Tenho vivido tanto e tão cansado tempo comigo que estou sempre de pé atrás para com o que sinto e penso. Muitas vezes, creio firmemente, levo horas intelectuais a intrujar-me a mim próprio. Daí a necessidade em que estou de me acautelar sempre com o que digo. Repare v. em que, se há parte da minha obra que tenha um «cunho de sinceridade», essa parte é... a obra do Caeiro.

Inútil e criminal, porém, o está-lo maçando com isto. Passo adiante, deixando-me.

O Sá-Carneiro resolveu-se afinal a deixar Paris. Agora está em Barcelona, se é que não decidiu já vir para Lisboa, o que naturalmente, mais tarde ou mais cedo acontece. Acho que ele fez bem. Como a guerra vai correndo, não parece impossível um cerco de Paris pelos alemães – o que, de resto, naturalmente pouco altera a sua probabilíssima derrota final.

A Armando Côrtes-Rodrigues

4 Setembro de 1914.

O Sá-Carneiro está actualmente no Palace-Hotel, Ronda de São Pedro, Barcelona.

Na última carta que me escreveu deu-me como muito provável a sua próxima vinda para Lisboa. Parece que embirrou solenemente com Barcelona.

Meu caro Côrtes-Rodrigues: tenho tido imenso que fazer no escritório estes últimos dias, inesperadamente, com a entrada de um novo sócio ou semi-sócio. Por isso lhe escrevo tão pouco. Para a outra mala conto dar melhor conta de mim como correspondente.

Esta carta, estou-a terminando literalmente à última hora.

Dê os meus cumprimentos ao seu Pai e sinta-se apertadamente abraçado pelo

sempre e muito seu

Fernando Pessoa

52

A José Pereira de Sampaio (Bruno)

Rua Pascoal de Melo, n.º 119
Lisboa, 8 de Setembro de 1914

Ex.^{mo} Senhor:

Sem conhecer pessoalmente V. Ex.^a, nem ser, por certo, para V. Ex.^a conhecido, mesmo de nome, decido, porém, valendo-me do direito rudimentar, que todo o homem civilizado tem, de tomar tempo e paciência aos outros, pedir a informação que em seguida explico.

Por uma natural aptidão para os requintes das coisas simples, como, no caso presente, o patriotismo, e também por uma indefini-

da veia messiânica – já expressa em artigos em *A Águia*, onde o menos que se vaticina é o, agora muito próximo, aparecimento de um super-Camões, sinto que me atrai o misterioso, e porventura importantíssimo, fenómeno nacional chamado o Sebastianismo.

Os livros de V. Ex.^a – que conheço, são bússola que me manda fazer de V. Ex.^a o meu norte nisto em perguntar em que livros poderei estudar esse fenómeno. Refiro-me não só à história do seu aparecimento e vida, como à sua íntima feição religiosa. Finalmente gostaria de saber se esse fenómeno tem análogos na história de outras nações.

Não quero tomar a V. Ex.^a mais tempo que sei que é valioso. Basta-me um sucinto apontamento dos livros que deverei compulsar.

Desde já agradeço e, pedindo disponha de mim para aquilo – infelizmente pouco – em que lhe possa servir, assino-me

De V. Ex.^a

admirador sincero e obrigado

Fernando Pessoa

53

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 4 de Outubro de 1914.

Meu querido Amigo:

Recebi a sua carta de 12 a 15 de Setembro, e muito lha agradeço. Antes de tudo mais responderei a ela.

Muito me agrada ler que a bucolização do seu ser se tem operado a seu contento. Sim, depois de alguns anos de vida em Lisboa,

esse reingresso na vida mais próxima da do Universo deve ter-lhe trazido calma e antiguidade ao espírito. Compreendo isso muito bem. Não sei se no seu caso sentiria o mesmo. Eu nunca sei, neste ou naquele caso, o que sentiria. Às vezes nem mesmo sei o que sinto.

A propósito, cheio de uma ideia física do campo, me cita você as odes clássicas do Ricardo Reis. Essas são em verdade contemporâneas por dentro da idade eterna da Natureza. Por sinal que, recentemente, só uma, e essa inemendadamente, fiz. Pelo facto contido no, citado, insólito advérbio, não lha mando. Nem lhe mando outras pequenas coisas que tenho escrito nestes dias. Não são muito dignas de serem mandadas, umas; outras estão incompletas; o resto tem sido quebrados e desconexos pedaços do *Livro do Desassossego*. Verdade seja que descobri um novo género de paúlismo. Mas preciso completar o feito. Então lho mandarei. Para a mala seguinte, provavelmente.

Já me desviei da linha do assunto. Deixei de responder directamente à sua carta, para lhe falar dos meus trabalhos. Não importa: fica dito. E de certo modo, sempre é responder à sua carta, pois que nela v. me pede que lhe mande versos que tenha feito.

Retomo, para evitar mais desvíos, a resposta, verdadeiramente, à sua carta.

Não tenho visto o Ferro. Ele está – vi – no Algarve. Não sei quando volta. Não tive por isso ocasião para lhe dizer o que v. me indica.

O Sá-Carneiro está na sua quinta. Deve ali demorar-se até ao fim deste mês. Acabou há dias *A Grande Sombra*. Acabou-a completamente, isto é, passada a limpo e tudo. É, a meu ver, a melhor coisa que ele tem feito. Magistral, meu caro, magistral.

Como, apesar das melhores intenções minhas, lhe escrevo à última hora, não copio a *Ode à Noite*, ou, antes, o trecho «à Noite» da *Ode Triunfal* n.º 3 de Álvaro de Campos.

A mala passada não lhe escrevi. Adiei tanto uma carta, pensada, extensa, que lhe tencionava escrever, que, à última hora – dado, de mais a mais, um súbito aparecimento de muito trabalho no escritório – não tive tempo para lhe escrever. Poderia, é certo, ter escrito um postal. Mas, ante a extensa carta que eu pensava em lhe escrever, isso era tão ignóbil que preferi o silêncio.

Em todo o caso v. desculpe-me.

Mesmo esta carta vai rápida e mais breve – muito mais breve – do que eu desejaria. Mas desta vez alguma coisa hei-de escrever.

O Guisado vem aqui três dias e depois volta para a Galiza. Recebi hoje carta dele.

Antes que me esqueça: O endereço de Sá-Carneiro é: *Quinta da Vitória, Camarate (Sacavém)*. O do Guisado já v. sabe.

Notícias, propriamente notícias, não há nenhuma. Parece, porém, que v. não fez mal em ir para aí. Devem agora ir para a França tropas nossas. Pelo número que possivelmente atingirão, v. corria risco de ter de seguir.

Duas notas curiosas e engraçadas, ambas com respeito ao mesmo assunto:

Há dias passava eu de carro na Avenida Almirante Reis. Levanto os olhos por acaso, leio no cabeçalho de uma loja: Farmácia A. Caeiro.

A outra é melhor. Como a única pessoa que podia suspeitar, ou, melhor, vir a suspeitar, a verdade do caso Caeiro era o Ferro, eu combinei com o Guisado que ele dissesse aqui, como que casualmente, em ocasião em que estivesse presente o Ferro, que tinha encontrado na Galiza «um tal Caeiro, que me foi apresentado como poeta, mas com quem não tive tempo de falar», ou uma coisa assim, vaga, neste género. O Guisado encontrou o Ferro acompanhado de um amigo, caixeiro-viajante, aliás. E começou a falar no

Caeiro, como tendo-lhe sido apresentado, e tendo trocado duas palavras apenas com ele. «Se calhar é qualquer lepidóptero» disse o Ferro. «Nunca ouvi falar nele...» E, de repente, soa, inesperada, a voz do caixeiro-viajante: «*Eu já ouvi falar nesse poeta, e até me aprece que já li algures uns versos dele*». Hein? Para o caso de tirar todas as possíveis suspeitas futuras ao Ferro não se podia exigir melhor. O Guisado ia ficando doente de riso reprimido, mas conseguiu continuar a ouvir. E não voltou ao assunto, visto o caixeiro-viajante ter feito tudo o que era necessário.

Agora o mais importante, o que era mais preciso não esquecer dizer-lhe.

Em vez de uma revista interseccionista, contendo o manifesto e obras nossas, decidimos (e v., estou certo, concordará), para evitar possíveis fiascos e não se poder continuar a revista, etc., e, ao mesmo tempo, ficar coisa mais escandalosa e *definitiva*, fazer aparecer o interseccionismo, não em uma revista nossa, *mas em um volume, uma Antologia do Interseccionismo*. Seria este, mesmo, o título.

Seria publicado logo que fosse possível, logo depois de acabada a guerra, é de supor. A composição do volume deve ser esta, pouco mais ou menos:

1. Manifesto (*Ultimatum*, aliás).
2. Poesias e prosas de Fernando Pessoa.
3. Poesias e prosas («Eu-próprio o Outro», pelo menos) do Sá-Carneiro.
4. Poesias e prosas de A. Côrtes-Rodrigues. (Vá v. vendo o que de mais caracteristicamente interseccionista tem; e vá mandando, para não se perder tempo. Não sabemos ainda ao certo o espaço que competirá a cada um, mas, devendo o livro ter entre 96 e 128 páginas, v. deve poder fazer um cálculo aproximado.)

5. Poesias e prosas de A. P. Guisado.

6. Poesias de Álvaro de Campos. («Chuva Oblíqua» – Rei Cheops, etc.)

7. *O Interseccionismo explicado aos inferiores*. (É aquela explicação do interseccionismo por meio de gráficos que, uma vez, na *Brasileira*, lhe delineeí. Recordá-se?)

É boa ideia, não é? Feito o livro, não temos que pensar mais no assunto.

Decidimos não incluir na *Antologia*, por ainda muito crianças, social e paulicamente, o Ferro, o Mourão, etc.

Agora a parte financeira do assunto. Segundo cálculo do Guisado, quando fosse preciso fazer o volume, seria bom saber se podíamos contar com v. para entrar com 10 000 réis para o custo da produção. Pode ser?

Aí fica exposto tudo. Já v. fica inteirado dos nossos planos, que espero poderemos considerar *nossos* totalmente, isto é, também seus.

O meu estado de espírito actual é de uma depressão profunda e calma. Estou há dias, ao nível do *Livro do Desassossego*. E alguma coisa dessa obra tenho escrito. Ainda hoje escrevi quase um capítulo todo.

Escreva-me sempre que puder e tanto (em quantidade) quanto possa.

Dê os meus cumprimentos a seu Pai e sinta-se apertadamente abraçado pelo seu sempre e muito dedicado

Fernando Pessoa

Endereço: Fernando Pessoa
Na casa Lavado, Pinto & C.^a
Campo das Cebolas, 43,
Lisboa

P. S. Há quatro dias que ando com esta carta na algibeira; e tem-me esquecido deitá-la ao correio. Vai, enfim, hoje, dia 16. Desculpe-me a demora. — F. Pessoa.

54
A Álvaro Pinto

Lisboa, 12 de Novembro de 1914

Meu caro Amigo:

Só hoje me foi entregue o seu postal do dia 7. Como o Universo, mudo constantemente, e sucede que a correspondência, muitas vezes, só depois de cinco ou seis dias seguindo a minha pista domiciliária, logra encontrar-me enfim. Com o seu postal aconteceu isto.

Ou eu me expliquei exageradamente mal ao Jaime Cortesão, ou ele tirou conclusões excessivas do pouco que eu disse sobre o assunto. Isso era, de resto, natural que acontecesse, visto o próprio facto de eu sobre o assunto ter falado pouco.

Não mandei para aí livro nenhum. Posto que pronto, nem sequer se encontra passado a limpo o trabalho literário de que se trata. Há meses escrevi para aí, ao meu Amigo, como de costume, perguntando-lhe se a *Renascença* editaria uma *plaque* minha, e expliquei que se tratava de um drama num acto, de um género a que eu chamo «estático», e sobre cuja forma e feitio eu disse, para dele dar alguma ideia, que se assemelhava, como com efeito se assemelha, ao escrito *Na Floresta do Alheamento* que publiquei n' *A Águia*.

Depois disto, pedia eu na carta referida que o meu Amigo me dissesse francamente se a *Renascença* podia ou queria editar aquele trabalho. Fiz esta pergunta porque tomei os seus anteriores oferecimentos sobre editar trabalhos meus como referindo-se a trabalhos de crítica ou sociologia, e não a produções propriamente literárias. Eu acrescentei, até, que de modo algum me ofenderia com uma recusa. Sei bem a pouca simpatia que o meu trabalho propriamente literário obtém da maioria daqueles meus amigos e conhecidos, cuja orientação de espírito é lusitanista ou saudosista; e, mesmo que não o soubesse por eles mo dizerem ou sem querer o deixarem perceber, eu *a priori* saberia isso, porque a mera análise comparada dos estados psíquicos que produzem, uns o saudosismo e o lusitanismo, outros obra literária no género da minha e da (por exemplo) do Mário de Sá-Carneiro, me dá como radical e inevitável a incompatibilidade de aqueles para com estes. Não veja o meu caro Amigo aqui a mínima sombra de despeito ou, propriamente, desapontamento; o facto, que acima lhe citei, de que eu de antemão posso calcular o efeito do que escrevo sobre este ou aquele indivíduo, dado que ele me tenha levantado o véu de sobre a sua orientação ou predilecção literária, não me deixa ter sobre o assunto ilusões que eu tenha que perder.

Foi por estas razões que eu — ao falar-lhe do meu drama — lhe indiquei expressamente que ele era aparentado com o *Na Floresta do Alheamento*. Pelas mesmas razões, conforme já disse, não me espantaria uma recusa, nem me ofenderia; e essa recusa, facilitei ao meu Amigo o dar-me quando lhe pedi que me falasse francamente.

A essa carta eu não recebi resposta, e foi isso que eu estranhei, dado que a hipótese de que a carta se perdesse se encontrava afastada pelo facto de que, sendo essa carta em que eu para aí indicava que me mudara para a Rua Pascoal de Melo, o número imediato de *A Águia* veio endereçado já para o meu então novo domicílio.

Tomei o seu silêncio por uma recusa, e mesmo com esse silêncio me não ofendi, tomando-o por o possível efeito de uma prolongada hesitação – apesar de eu ter facilitado uma resposta negativa – em nitidamente me recusar a edição da obra.

Isto, que é muito pouco, é tudo que há sobre o assunto. Se lho expus prolixamente, foi para ser explícito e para não dar com a secura das poucas palavras, a impressão, que seria errónea – de todo errónea – de que eu, ou por isto ou por outra coisa, realmente estava melindrado.

Quanto ao referido trabalho, ou outros trabalhos quaisquer, permita-me o meu Amigo que lhe peça para colaborar comigo em não falarmos mais nisso. Cessei. Compenetrei-me celularmente da absoluta inutilidade de qualquer esforço e da ridícula incongruência do acto fundamental de escrever – expor aos outros coisas que ou são opiniões ou sonhos, como se as opiniões, quando por acaso alguma acção têm, fizessem mais do que perturbar para fora dos seus saudáveis e naturais instintos os pobres cérebros humanos; e como se o destino lógico e nobre dos sonhos não fosse ficarem apenas sonhados dentro de nós, sem a ousada imperfeição de serem expressos. Não podendo ter a maravilhosa e natural saúde de não ter opinião nem sonhos, esforçemo-nos ao menos por adquirir a artificial saúde da renúncia.

Desculpe-me ter-lhe tomado tanto tempo, e ter acabado de modo tão indecorosamente literário.

Creia sempre seu m.^{to} am.^o e grato

Fernando Pessoa

Lisboa, 19 de Novembro de 1914.

Meu querido Amigo:

Creio que há duas malas que lhe não escrevo. Não lhe escrevo há uma, com certeza. Desculpe-me. Eu já não sou eu. Sou um fragmento de mim conservado num museu abandonado. Agora que a minha família que aqui estava foi para a Suíça, desabou sobre mim toda a casta de desastres que podem acontecer. Por isso estou numa abulia absoluta, ou quase absoluta, de modo que fazer qualquer coisa me custa como se fosse levantar um grande peso ou ler um volume do Teófilo.

Você também não me tem escrito. Pelo menos, desde a carta que v. me escreveu da cama, não recebi mais nenhuma. Por misericórdia, escreva-me; não se esqueça de me escrever. Estou no meio de uma desolação infinita.

Tenho feito versos, isso tenho; eu, na minha própria pessoa, mas esqueci-me hoje de os trazer para o escritório, de onde lhe estou escrevendo. Oxalá para a mala seguinte eu não me esqueça, e lhe possa mandar, como queria, uma cópia deles todos. Tinha também para lhe mandar, por ter relação com aquele estudo a meu respeito para o qual v. me pediu elementos, a genealogia do meu terceiro avô, que, por isso, vem a ser a minha. Esta tenho na algibeira, mas custa-me muito, no meu actual estado de não-ser, copiá-la, mesmo à máquina, porque é muito extensa. Outra vez e por esta outra razão eu lhe peço desculpa.

A nossa ideia da *Antologia* está de pé, mas, é claro, só pode ser posta em prática depois de terminar a guerra, visto que é um acto estético de carácter *européu*, não é verdade? Quando será isso?

O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.

Para acabar a minha desolação material e exterior, imagine você que a única coisa com que eu neste momento podia (parecia-me que podia) contar – as cinco libras da tradução dos provérbios (parece-me que v. viu-me aqui a trabalhar nisso) – faltou-me. Os homens só me mandam aquilo quando publicarem o livro, *depois da guerra!* Uma catástrofe, meu caro.

* Olhe lá, a este propósito e se o pedido o incomodar tenha-o como não feito, v. podia emprestar-me vinte mil réis? Eu não sei quando lhos poderei devolver, e de mais a mais, já lhe devo aqueles cinco que v. uma vez me emprestou na Avenida. Mas se lhe peço isto, meu caro, é que estou absolutamente à *bout de ressources*. Literalmente naufragado, meu caro Amigo. E nem família aqui, nem ninguém conhecido, salvo o Sá-Carneiro, que também está atrapalhado e que, em todo o caso, só com uma quantia muito pequena me poderia escorar. Veja se v. me pode fazer este favor – o que v. puder em todo o caso.

Não moro já na Rua Pascoal de Melo, é claro. Melhor modo de me escrever agora:

Fernando Pessôa
Na casa Lavado, Pinto e C.^a
Campo das Cebolas, 43, LISBOA

É o escritório onde pseudo-trabalho, e é o lugar mais seguro para onde me escrever. Para maior lucidez porque a minha letra está muito nervosa, junto um papel com o endereço exacto, à máquina.

Desculpe-me a monotonia e o desconchavo desta carta, que v. compreenderá bem. E não julgue que coisas, como o «olhe lá» de alguns parágrafos atrás, indicam alegria. Meu caro Amigo, isso de alegria está na Ilha Longínqua, aquela que v. e eu sei e nenhum de nós sabe.

Dê cumprimentos meus a seu Pai.

Um grande abraço do seu
muito amigo

Fernando Pessôa

56

A Madalena Nogueira

Lisboa, 21 Novembro de 1914

Minha querida Mamã,

Um aditamento à minha carta de ontem; há já, felizmente, notícias da tia Anica, filha e genro. É apenas um telegrama de Lausanne dizendo *Bem*, mas isso basta. Vê-se que, com ou sem periferias de viagens, chegaram bem ao seu destino; e isso é realmente o que importa.

Também ontem, quando cheguei a casa, encontrei um postal do Raul, de Marselha, que não continha mais do que um viva à França e ao generalíssimo Joffre, cujo retrato, aliás, o postal continha.

Adeus, minha querida Mamã, novos parabéns a todos e sobretudo à Henriqueta, pelo dia 27. E muitas saudades e abraços a todos, e muitos beijos e abraços do seu filho muito amigo e saudoso

Fernando

tenho para lhe expor e contar. Espero poder mandar-lhe os poucos versos que tenho feito. Que, apesar de tudo, e através de tudo, trabalho sempre, produzo sempre. Mesmo nos pântanos do meu espírito há lótus que florescem.

Sim, para a minha carta próxima devo ter apanhado do chão dos meus propósitos a energia suficiente para lhe contar coisas e para lhe copiar versos.

Por ora, só isto e os meus agradecimentos.

Os meus cumprimentos a seu Pai, e para você um grande e amigo abraço do

sempre seu

Fernando Pessoa

59

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 19 de Janeiro de 1915.

Meu querido Amigo:

Há tempos que lhe ando prometendo uma extensa carta. Não sei mesmo se, especificando, lhe não falei numa carta de género psicológico, a meu próprio respeito. Em todo o caso, é disso que se trata.

Eu ando há muito – desde que lhe prometi esta carta – com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu «caso»,

da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser a outro senão a você – isto porque só você, de entre todos quantos eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas) como *almas*, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância, da Vida, essa consciência que nos impossibilita de fazer arte meramente pela arte, e sem a consciência de um dever a cumprir para com nós-próprios e para com a humanidade.

Nesta explicação aparentemente preliminar vai já exposta uma grande parte do problema. Não sei como lho hei-de expor ordenadamente; de modo perfeitamente lúcido. Mas, como isto é uma carta, eu irei expondo conforme possa; e você ordenará, em seu espírito, depois, os dispersos e alterados elementos.

A minha crise é do género das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós-próprios. A minha, agora, não é de incompatibilidade comigo próprio; a minha, gradualmente adquirida, auto-disciplina, tem conseguido unificar dentro de mim quantos divergentes elementos do meu carácter eram susceptíveis de harmonização. Ainda tenho muito a emprender dentro do meu espírito; disto ainda muito de uma unificação como eu a quero. Mas, como disse, não é dessa banda que sopra o vento do meu desconsolo actual.

A crise de incompatibilidade com os outros – não, entenda-se desde já, uma incompatibilidade violenta, como a que resultasse de divergências declaradas, nítidas, *de ambas as partes*. Trata-se de

outra coisa. A incompatibilidade é sentida por mim, dentro de mim, e é comigo que está o peso todo da minha divergência de aqueles que me cercam. O facto de eu estar agora vivendo só, por não ter aqui família próxima (minha tia, em cuja casa eu estava, está na Suíça, onde foi ficar com a filha, que casou há pouco com um rapaz estudante, pensionista do Estado) vem agravar este estado de espírito, por me deixar a nu com a minha alma, sem afeições e interesses familiares próximos a desviar de mim a minha atenção.

Temos pois que vivo há meses numa contínua sensação de incompatibilidade profunda com as criaturas que me cercam – mesmo com as próximas, amigos, literários é claro, porque os outros não são indivíduos com quem eu tenha que poder ter intimidade espiritual e por isso – como, em matéria de relações sociais, me dou bem com toda a gente, dou-me bem com eles.

Em ninguém que me cerca eu encontro uma atitude para com a vida que *bata certo* com a minha íntima sensibilidade, com as minhas aspirações e ambições, com tudo quanto constitui o fundamental e o essencial do meu íntimo ser espiritual. Encontro, sim, quem esteja de acordo com actividades literárias que são apenas dos arredores da minha sinceridade. E isso não me basta. De modo que, à minha sensibilidade cada vez mais profunda, e à minha consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de génio recebe de Deus com o seu génio, tudo quanto é futilidade literária, mera-arte, vai gradualmente soando cada vez mais a oco e a repugnante. Pouco a pouco, mas seguramente, no divino cumprimento íntimo de uma evolução cujos fins me são ocultos, tenho vindo erguendo os meus propósitos e as minhas ambições cada vez mais à altura daquelas qualidades que recebi. Ter uma acção sobre a humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha

vida. E, assim, fazer arte parece-me cada vez mais importante coisa, mais terrível missão – dever a cumprir arduamente, monasticamente, sem desviar os olhos do fim criador-de-civilização de toda a obra artística. E por isso o meu próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se; exijo agora de mim muita mais perfeição e elaboração cuidada. Fazer arte rapidamente, ainda que bem, parece-me pouco. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escrito.

Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer *épater*. Não me agarro já à ideia do lançamento do Interseccionismo com ardor ou entusiasmo algum. É um ponto que neste momento analiso e reanaliso a sós comigo. Mas, se decidir lançar essa quase-*blague*, será já, não a quase-*blague* que seria, mas outra coisa. Não publicarei o Manifesto «escandaloso». O outro – aquele dos gráficos – talvez. A *blague* só um momento, passageiramente, a um mórbido período transitório, de grosseria (felizmente incaracterístico), me pôde agradar ou atrair. Será talvez útil – penso – lançar essa corrente como corrente, mas não com fins meramente artísticos, mas, pensando esse acto a fundo, como uma série de ideias que urge atirar para a publicidade para que possam agir sobre o psi-quismo nacional, que precisa trabalhado e percorrido em todas as direcções por novas correntes de ideias e emoções que nos arranquem à nossa estagnação. Porque a ideia patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propósitos, avulta agora em mim; e não penso em fazer arte que não medite fazê-lo para erguer alto o nome português através do que eu consiga realizar. É uma consequência de encarar a sério a arte e a vida. Outra atitude não pode ter para com a sua própria noção-do-dever quem olha religiosamente para o espectáculo triste e misterioso do Mundo.

Tenho-lhe explicado tudo isto muito mal. Quase que me tenta a ideia de rasgar esta carta onde, até, pouca justiça fiz a mim próprio. Mas você deve compreender o que eu sinto, e, creio, regozijar comigo, através da sua amizade, por esta minha evolução ascendente dentro de mim.

Regresso a mim. Alguns anos andei viajando a colher maneiras-de-sentir. Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade. Oxalá me [não] desvie disto o meu perigoso feitio demasiado multilateral, adaptável a tudo, sempre alheio a si próprio e sem nexos dentro de si.

Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros. O que eu chamo literatura insincera não é aquela análoga à do Alberto Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos (o seu homem, este último, o da poesia sobre a tarde e a noite). Isso é sentido na *pessoa de outro*; é escrito *dramaticamente*, mas é sincero (no meu grave sentido da palavra) como é sincero o que diz o Rei Lear, que não é Shakespeare, mas uma criação dele. Chamo insinceras às coisas feitas para fazer pasmar, e às coisas, também – *repare nisto, que é importante* – que não contêm uma fundamental ideia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção da gravidade e do mistério da Vida. Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir. E por isso não são sérios os *Paulis*, nem seria o *Manifesto* interseccionista de

que uma vez lhe li trechos desconexos. Em qualquer destas composições a minha atitude para com o público é a de um palhaço. Hoje sinto-me afastado de achar graça a esse género de atitude.

Que pouco lúcido e explícito tudo isto! Mas eu tenho que lhe escrever tudo rapidamente; é hoje o dia 19 e eu não quero deixar de conversar com o seu espírito sobre estas coisas. Como já disse, você é o único dos meus amigos que tem, a par daquela apreciação das minhas qualidades que lhe permitirá não julgar esta carta um documento de megalómano, a profunda religiosidade, e a convicção do doloroso enigma da Vida, para simpatizar comigo em tudo isto.

Escuso agora de lhe explicar o quanto esta atitude – que eu, aliás, não revelo, por várias razões, desde a de ser uma coisa íntima até à de ser incompreensível às sensibilidades dos que me cercam – me incompatibiliza surdamente com os que estão em meu redor. Não é uma incompatibilidade violenta, disse; mas é uma impaciência para com todos quantos fazem arte para vários fins inferiores, como quem brinca, ou como quem se diverte, ou como quem arranja uma sala com gosto – género de arte este que dá bem o que eu quero exprimir, porque não tem Além nem outro propósito que o, por assim dizer, *decorativamente* artístico. E daí a minha «crise» toda. Não é crise para eu me lamentar. É a de se encontrar só quem se adiantou de mais aos companheiros de viagem – desta viagem que os outros fazem para se distrair e acho tão grave, tão cheia de termos de pensar no seu fim, de reflectir no aqui diremos ao Desconhecido para cuja casa a nossa inconsciência guia os nossos passos... Viagem essa, meu querido Amigo, que é entre almas e estrelas, pela Floresta dos Pavores... e Deus, fim da estrada infinita, à espera no silêncio da Sua grandeza...

Bem ou mal – mal, por certo – expus-lhe tudo. Sinto-me contente por lhe ter falado assim, e porque sei que o seu espírito acolhe com

simpatia e amizade estas minhas tristezas de altura. Tudo isto, escuso dizer-lhe, é segredo... De resto, a quem o poderia você contar?...

Termino, a tempo felizmente. Mande-me quando puder, cuidadosamente copiados dos originais, os inéditos de Antero de que me fala. Pode ser que, tendo-os aqui, seja conveniente publicá-los nalguma parte. Haverá autorização para isso? É bom saber-se.

Mando-lhe alguns versos meus... Leia-os e guarde-os para si... A seu Pai, se quiser, pode lê-los, mas não *espalhe* porque são inéditos. Amo especialmente a última poesia, a da *Ceifeira* onde consegui dar a nota *paúllica* em linguagem simples. Amo-me por ter escrito.

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência
E a consciência disso!...

e, enfim, essa poesia toda.

Tenho escrito mais, mas mando o que está completo e é mais fácil copiar. É pena que vá tudo em letra de máquina, que torna a poesia pouco poética, mas assim é mais rápido e nítido.

Escreva-me sempre, meu caro Côrtes-Rodrigues. Dê cumprimentos meus a seu Pai e receba um grande e fraterno abraço do seu

Fernando Pessoa

P. S. – Vi há dias uma esplêndida composição – «um túmulo de Wagner» – do Norberto Corrêa. Bela deveras. Você gostaria imenso de a conhecer.

F. P.

P. S. – Não tenho tempo para reler esta carta. Naturalmente faltam palavras aqui e acolá, dada a rapidez com que eu a escrevi. E a letra em altura nenhuma será muito legível. Você desculpe.

F. P.

I

PAÚIS

Paúis que roçarem ânsias pela minha alma em ouro...
Dobre longínquo d'Outros Sinos... Empalidece o louro
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minha alma...
Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!...
Silêncio na parte inferior das folhas, outono delgado
D'um canto de vaga ave... Azul esquecidos em 'stagnado...
Ó que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!...
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora?...
Estendo as mãos para Além, mas no estender delas já vejo
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...
Címbalos de imperfeição... Ó tão antiguidade
A hora expulsa de si-Tempo!... Onda de recuo que invade
O meu abandonar-me a mim-próprio até desfalecer
E recordar tanto o eu presente que me sinto esquecer...
Fluido de auréola transparente de Foi, oco de ter-se...
O mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não conter-se...
A sentinela é hirta, a lança que finca no chão
É mais alta que ela... P'ra que é tudo isto... Dia chão...
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os aléns!
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro!
Fanfarras de ópios de silêncios futuros!... Longes trens!...
Portões vistos longe, através das árvores, tão de ferro!...

II

Elfos ou gnomos tocam?...
 Roçam nos pinheirais
 Sombras e bafos leves
 De ritmos musicais...

Ondulam como em voltas
 De estradas não sei onde,
 Ou como alguém que entre árvores
 Ora se mostra ou esconde...

XII

Meu pensamento é um rio subterrâneo.
 Para que terras vai e d'onde vem?
 Não sei... na noite em que o meu ser o tem
 Emerge dele um ruído subitâneo

De origens no Mistério extraviadas
 De eu compreendê-las..., misteriosas fontes
 Habitando a distância de ermos montes
 Onde os momentos são a Deus chegados...

De vez em quando luze em minha mágoa,
 Como um farol num mar desconhecido,
 Um movimento de correr, perdido
 Em mim, um pálido soluço de água...

E eu relembro de tempos mais antigos
 Que a minha consciência da ilusão
 Águas divinas percorrendo o chão
 De verdores uníssonos e amigos,

E a ideia de uma Pátria anterior
 A forma consciente do meu ser
 Dói-me no que desejo, e vem bater
 Como uma onde de encontro à minha dor.

Escuto-o... Ao longe, no meu vago tacto
 Da minha alma, perdido som incerto,
 Como um eterno rio indescoberto,
 Mais que a ideia de rio certo e abstracto...

E p'ra onde é que ele vai, que se extravia
 Do meu ouvi-lo? A que cavernas desce?
 Em que frios de Assombro é que arrefece?
 De que névoas soturnas se anuvia?

Não sei... Eu perco-o... E outra vez regressa
 A luz e a cor do mundo claro e actual,
 E na interior distância do meu Real
 Como se a alma acabasse, o rio cessa...

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1915.

Meu querido Amigo:

Naturalmente receberei daqui a dias, enfim, carta sua. É com urgência que lhe escrevo esta; mal tenho tempo para lhe escrever esta mala, mas há a urgência que consta do seguinte, para o que peço a sua, não melhor, mas óptima, atenção.

Vai entrar imediatamente no prelo a nossa revista, *Orpheu*, de que é director em Portugal um poeta, Luís de Montalvor, amigo íntimo de Sá-Carneiro, e meu amigo também, e no Brasil um dos mais interessantes e *nostros* dos poetas brasileiros de hoje, Ronald de Carvalho.

Vai entrar *amanhã mesmo* no prelo. Deve ter perto de 80 páginas, e é trimestral. *Se você mandar colaboração para chegar aqui no vapor do princípio do mês que vem era óptimo. Não nos falte.* Seria para nós um grande desgosto que a revista aparecesse sem v. colaborar.

Naturalmente teremos ocasião de publicar umas 6 páginas suas, a página contendo ou 2 sonetos ou 6 quadras – isto para v. fazer ideia do tamanho. Mande quanto original v. possa, *excedendo bastante o necessário*; v. não se importará naturalmente que eu aqui escolha de entre essas poesias as mais adaptadas ao nosso fim?

Não se importa, com certeza. Por isso **não falte**.

Olhe que a revista vai *amanhã* entrar na tipografia, começar a compor-se. *V. tem tempo*, mas não perca vapor. Mande quanto possa pelo primeiro. *Mande o mais interseccionista que tiver – não as*

Odes Proféticas por exemplo. Mande coisas género *Outro* (não tenho aqui cópia) e coisas análogas. **NÃO NOS FALTE.**

Meus cumprimentos a seu Pai. Um grande abraço do todo e sempre seu

Fernando Pessôa

P. S. – Se puder registre a carta, para não se perder. Meu endereço (lembra-se?):

Fernando Pessôa

Na casa A. Xavier Pinto e C.^a

Campo das Cebolas, 43

Lisboa

A casa comercial onde estou mudou de firma agora. Mas não fazia mal pôr o nome antigo.

A Ronald de Carvalho

Lisboa, 29 de Fevereiro de 1915.

Meu caro poeta:

Escrevo-lhe a desoras da Delicadeza. Há meses que o Luís de Montalvor me fez chegar aos olhos o seu Livro. Embora o lesse sem tardança, tenho demorado o agradecimento para além dos limites

que se usam. A licença poética não admite tanto. Eu tenho abusado do direito concedido aos camaradas de responder longe de propósito. Começo a minha carta por lhe pedir as desculpas a que este adiamento obriga.

Não sei que lhe diga do seu livro, que seja bem um ajuste entre a minha sensibilidade e a minha inteligência. Ele é deveras a obra de um Poeta, mas não ainda de um Poeta que se encontrasse, se é que um Poeta não é, fundamentalmente, alguém que nunca se encontra. Há imperfeições e inacabamentos nos seus versos. Vêm-se ainda entre as flores as marcas das suas passadas. Não se deveriam ver. Do Poeta deve ser o ter passado sem outro vestígio que permanecerem as rosas. Para quê os ramos quebrados, ainda, e partido o caule das violetas?

Eu não lhe devia dizer isto, talvez, sem prefaciá-lo que sou o mais severo dos críticos que tem havido. Exijo a todos mais do que eles podem dar. Para que lhes havia eu de exigir o que cabe na competência das suas forças? O poeta é o que sempre excede aquilo que pode fazer.

O seu Livro é dos mais belos que recentemente tenho lido. Digo-lhe isto para que, não me conhecendo, me não julgue posto a severidade sem atenção às belezas do seu Livro. Há em si o com que os grandes poetas se fazem. De vez em quando a mão do escultor faz falar as curvas irreais da sua Matéria. E então é o seu poema sobre o Cais e a sua impressão do Outono, e este e aquele verso, caído dos deuses como o que é azul no céu nos intervalos da tormenta. Exija de si o que sabe que não poderá fazer. Não é outro o caminho da Beleza.

Tenho vivido tantas filosofias e tantas poéticas que me sinto já velho, e isto faz com que me dê o direito de o aconselhar, como Keats a Shelley, que esteja de vez em quando com as asas fechadas.

Há um grande prazer estético às vezes em deixar passar sem exprimir uma emoção cuja passagem nos exige palavras. Dos nossos jardins interiores só devemos colher as rosas mais afastadas e as melhores horas e fixar só aquelas ocasiões do crepúsculo quando dói demasiado sentirmo-nos. O resto é só a brisa que passa e não tem outro aroma senão o momento que rouba a imortalidade dos jardins.

Escrevo e paro... Pergunto a mim próprio se poderá julgar tudo isto, porque não é transbordante de elogios, uma crítica adversa. Não o conheço e não sei. Mas repare que só a quem muito aprecio eu escrevo destas coisas. Decerto me faça justiça de crer que a quem não tem nenhum valor eu digo imediatamente que tem muito. Só vale a pena notar os erros dos que são na verdade Poetas, daqueles em quem os erros são erros. Para quê notar os erros daqueles que não têm em si senão o jeito de errar?

Com tudo isto, que parece hesitante no elogio, repito-lhe que o seu livro é dos mais belos que ultimamente tenho lido. A sua imaginação, doentia e delicada, é uma princesa que olha das janelas o luxo longínquo dos tanques. Vejo que sente os reflexos. Eles são com efeito as melhores horas da água; e decerto que as mais belas são aquelas, em jardins ainda do século dezoito — onde a tristeza de uma civilização morta bruxuleia ainda, como um gesto na sombra, na sombra rápida da água que se dissipa.

A má sensibilidade dói-me. Por certo que outrora nos encontramos e entre sombras de alamedas dissemos um ao outro em segredo o nosso comum horror à Realidade. Lembra-se? Nós éramos crianças.

Tinham-nos tirado os brinquedos, porque nós teimávamos que os soldados de chumbo e os barcos de latão tinham uma realidade mais precisa e esplêndida que os soldados-gente e os barcos que são

úteis no mundo. Nós andámos animados longas horas pela quinta. Como nos tinham tirado as coisas onde púnhamos os nossos sonhos, pusemo-nos a falar delas para as ficarmos tendo outra vez. E assim tornaram a nós, em sua plena e esplêndida realidade — que paga de seda para os nossos sacrifícios! —, os soldados de chumbo e os barcos de latão; e através das nossas almas continuaram sendo, para que nós brincássemos com eles. A hora (não se recorda?) essa era demasiado certa e humana. As flores tinham a sua cor e o seu perfume de soslaio para a nossa atenção. O espaço todo estava levemente inclinado, como se Deus, por astúcia de brincadeira, o tivesse levantado do lado das almas; e nós sofríamos a instabilidade do jogo divino como crianças que apreciam as partidas que lhes fazem, porque sejam mostras de adulta afeição.

Foram belas essas horas tristes que vivemos juntos. Nunca tornaremos a ver essas horas, nem esse jardim, nem os nossos soldados e os nossos barcos. Ficou tudo embrulhado no papel da seda da nossa recordação de tudo aquilo. Os soldados — os pobres deles — furam quase o papel com as espingardas eternamente ao ombro. As proas das barcas estão sempre para romper o invólucro. E sem dúvida que todo o sentido do nosso Exílio é este — o terem-nos embrulhado os brinquedos de antes da vida, terem-nos posto na prateleira que está exactamente fora do nosso gesto e do nosso jeito. Haverá uma justiça para as crianças que nós somos? Ser-nos-ão restituídos por mais que cheguem aonde não chegamos, os nossos companheiros de sonho, os soldados e os barcos?... sim, e mesmo nós, porque nós não éramos isto que somos... Éramos duma artificialidade mais divina... Parecíamos estar destinados a coisas menos tristes do que a alma.

Escrevo e divago, e tudo isto parece-me que foi uma realidade. Tenho a sensibilidade tão à flor da imaginação que quase choro com isto, e sou outra vez a criança feliz que nunca fui, e as alame-

das e os brinquedos... e apenas, no fim de tudo, a supérflua realidade da vida...

Perdoe-me que lhe escreva assim... A Vida, afinal, vale a pena que se lhe diga isto. Deus escuta-me talvez, mas «de si ouve», como todos que escutam... A tragédia foi esta, mas não houve dramaturgo que a escrevesse...

Para que lhe estou eu dizendo isto?

Reparo de repente que a minha imaginação, à expensa da minha inteligência, fez uma crítica ao seu Livro. Fê-la amavelmente, como não podia deixar de ser, e porque assim o exigia o nosso convívio, esse no jardim antiquíssimo quando o Mundo não tinha criado ainda a necessidade de ter sido criado por Deus. Foram deveras de um ateísmo espiritual aquelas horas que perdemos nos jardins. Existimos aí nós, porque os jardins éramos nós também. Depois os séquitos foram-se.

Os sons da sua ida prolixa demoraram-se na aragem... Ficou-nos a alma, como um exílio inevitável, e nós escrevemos versos para nos lembrarmos de que fomos...

Abraça-o

Fernando Pessoa

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 4 de Março de 1915.

Meu querido Amigo:

Agradeço-lhe muito o seu telegrama, posto que sinto que v. se tivesse dado ao incómodo e à despesa de o fazer. Isso mostra o seu interesse pela nossa revista, mas era realmente desnecessário que v. se tivesse incomodado assim. Chegando os seus poemas na mala de *de aqui a dias chegam bem a tempo*. Oxalá v. tenha mandado bastantes coisas, para podermos ver bem quais devem representar melhor para o público a feição do seu Espírito.

A composição da nossa revista será a seguinte:

1. *Introdução* – Luís de Montalvor.
2. Para os «Indícios de Ouro» – poemas de Mário de Sá-Carneiro.
3. *Poemas* – de Ronald de Carvalho.
4. *O Marinheiro* – drama estático em um quadro, de Fernando Pessoa.
5. *Treze Sonetos* – de Alfredo Pedro Guisado.
6. *Frisos* – contos do desenhador, José de Almada Negreiros.
7. *Poemas* – (ou outro título qualquer) de Côrtes-Rodrigues.
8. *Narciso* – poema de Luís de Montalvor.

Tudo isto deve dar para cima de 80 páginas. A revista – não sei se já lhe disse – é trimestral. O primeiro número deve sair no fim de Março corrente; os outros, correspondentemente, em fins de Junho,

Setembro, Dezembro. O preço de cada número é de 300 réis. A assinatura para continente e ilhas é 1000 réis por ano, pelos 4 números.

Vamos a ver se conseguimos aguentar a revista até, pelo menos, ao 4.º número, para que ao menos um volume fique formado. Vai ficar uma coisa muito boa, com um ar *definitivo*, de coisa *que fica*. Bem orientada, deve pegar *a valer*. Parece-me isto, sobretudo por causa da venda e das assinaturas no Brasil, que o Luís de Montalvor (director em Portugal), que esteve bastante tempo no Brasil, e o Ronald de Carvalho, director do Brasil, devem conseguir obter.

Ora, a propósito de assinaturas, ocorre-me que, quando nós aqui falámos em sair, não sei se era com a *Lusitânia*, se era com a *Europa*, v. me citou nomes de várias pessoas cuja assinatura para a revista v. disse poder obter. V. recorda-se sem dúvida que tratámos deste assunto nos «Irmãos Unidos» e que eu assentava num livrinho os nomes dos assinantes prováveis, pondo adiante, entre parênteses, as iniciais de aquele de nós que as poderia obter. Tenho aqui esse livrinho e transcrevo os nomes seguintes, de assinaturas prováveis, aos quais estão apenas as iniciais de v. É para v. ver se pode conseguir, então, estas assinaturas, e outras de que se recorde. Escreva-me sobre este assunto, dizendo-me tudo o que for preciso para nós aqui tratarmos dessas assinaturas; a saber – (1) se devemos enviar as revistas para v., ou para eles, ou para outra parte qualquer; (2) se as revistas deverão ser dirigidas a cada um dos que v. indicar acompanhadas de uma carta da gerência da revista pedindo a assinatura – tendo v., é claro, previamente falado com esses indivíduos a respeito disso. Indique-me tudo como puder, na primeira mala, visto que essa sua carta deve chegar aqui antes (com certeza) de a revista estar impressa. Temos que tratar afincadamente – como v. compreende – da parte-administração da revista; que é por descurar esta parte que costumam cair, em geral, as revistas literárias. Indique-me v. tam-

bém para onde, em Ponta Delgada (e outros pontos de S. Miguel, se valer a pena) se devem mandar exemplares para a venda avulso; quantos exemplares; se v. fala aos donos desses estabelecimentos, etc., etc. Temos que *firmar* esta revista, porque ela é a ponte por onde a nossa Alma passa para o futuro.

Aí vão os nomes que v. citou como sendo os dos assinantes que v. poderia arranjar: Agostinho Pizarro – Dr. António César Rodrigues – P.^e Manuel Ernesto Ferreira – Teobaldo da Câmara – Dr. Albano de Gusmão Tavares – José Leão – Teotónio da Silveira Moniz – Dr. António Saraiva – Dr. Mont'Alverne de Sequeira – Honorato Bernardo Betencourt – Augusto Loureiro – Cândido Garcia Reis – Alberto Martins – Dr. Nuno de Gusmão – Dr. Eduardo de Luís Tavares – Marquês de Jácome Corrêa – Coronel Francisco Afonso Chaves – Narciso de Moraes – Conde de Botelho. Não sei se eles são todos de aí. V. verá e dirá. Claro está que não incluí na lista os nomes do Norberto Corrêa e do Rocha, porque a esses falo eu aqui. Na lista vai o nome Cândido Garcia Reis. É aquele rapaz a quem v. me apresentou, não é verdade? aquele que estava doente. Incluí o nome dele na lista porque, apesar de ele estar cá (vi-o há dias), não o conheço suficientemente para lhe poder falar sobre o assunto.

Ia-me esquecendo... com efeito, esqueci-me... Na lista da colaboração da revista, depois dos *Frisos* do Almada Negreiros vão duas poesias do meu *filho* Álvaro de Campos – o homem da ode de cuja terminação (descritiva da Noite) você tanto gostava. Uma das poesias é aquela *Ode Triunfal* (o canto das máquinas e da civilização moderna) que v. já conhece. A outra é uma poesia anterior (que é posterior) do mesmo cavalheiro. Depois, quando seguir para aí a revista, lhe falarei deste assunto mais detalhadamente. Escuso de lhe falar do segredo «absoluto» disto tudo, não é verdade?

Estou ainda sem saber se v. recebeu aquela minha carta em que eu lhe mandava versos. Oxalá não se perdesse. Teria muita pena se assim tivesse acontecido.

O meu drama estático «O Marinheiro» está bastante alterado e aperfeiçoado; a forma que v. conhece é apenas a primeira e rudimentar. O final, especialmente, está muito melhor. Não ficou, talvez, uma coisa *grande*, como eu entendo as coisas grandes; mas não é coisa de que eu me envergonhe, nem – creio – me venha a envergonhar.

Dê os meus melhores cumprimentos a seu Pai e receba, meu querido Côrtes-Rodrigues, um grande abraço do seu muito amigo, admirador e obrigado.

Fernando Pessoa

P. S. – O Guisado tem feito ultimamente extraordinárias e inesperadas coisas, versos ofuscantemente belos.

63

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 19 de Março de 1915.

Meu querido Amigo:

Muito obrigados – nós todos – pelos seus poemas. Chegaram a tempo, muito a tempo; está já composta e impressa a folha do *Orpheu* em que eles estão.

A revista deve estar inteiramente pronta aí por 25 deste mês. De maneira que só para a mala do dia 4 de Abril lha poderemos mandar.

Para essa mala mais detidamente lhe escreverei.
Meus cumprimentos a seu Pai.
Abraça-o muito apertadamente o seu

Fernando Pessoa

64

A Miguel de Unamuno

Lisboa, 26 de Março de 1915

Ex.^{mo} Senhor D. Miguel de Unamuno:

Por este correio enviamos a V. Ex.^a o primeiro número da nossa revista *Orpheu*. Como depreenderá de uma, ainda que rápida, leitura, esta revista representa a conjugação dos esforços da nova geração portuguesa para a formação de uma corrente literária definida, contendo e transcendendo as correntes que têm prevalecido nos grandes meios cultos da Europa. Tomamos a liberdade de chamar para isto a sua atenção, e de lhe pedir que examine de perto a atitude essencial da nossa arte literária; estamos certos que nela terá a surpresa de encontrar qualquer coisa que não se lhe terá deparado no seu percurso através das literaturas conhecidas. Como temos a consciência absoluta da nossa originalidade e da nossa elevação, não temos escrúpulo algum em dizer isto.

Baseados nisto, e como seja nosso intuito estender quanto possível a nossa influência, e conseguir, através da nossa corrente — a mais cosmopolita de quantas têm surgido em Portugal — uma aproximação de espíritos, tão pouco tentada ainda, com a Espanha, pedíamos a V. Ex.^a nos desse a sua opinião sobre a nossa revista e a literatura que contém — opinião essa que, se pudesse ser dada através da imprensa, como julgamos que a nossa iniciativa merece, duplamente nos seria grata. Nada nos é tão simpático como a agitação de ideias, e é por isso que sobremaneira agradeceríamos que tornasse pública a sua opinião — seja ela qual for — sobre nós.

Fica feito o nosso pedido.

Com os protestos do nosso respeito, rogamos a V. Ex.^a acredite na admiração de

Por *Orpheu*

Fernando Pessoa

65

A José Pereira de Sampaio (Bruno)

Lisboa, 31 de Março de 1915

Ex.^{mo} Senhor José Pereira de Sampaio:

Por este correio receberá V. Ex.^a, homenagem nossa, o primeiro número da revista *Orpheu*.

Esta publicação enfeixa os esforços daqueles universais escritores que, por obra e graça da obscura lei serial que rege estes apareci-

mentos, se encontraram, sem saber porquê, constituídos em corrente literária. Da feição cosmopolita desta corrente não será preciso falar a V. Ex.^a, pois que, melhor do que nós, o seu espírito, quando ler, disso falará. Queremos apenas – indesculpavelmente talvez – chamar a sua atenção sobre o modo como englobamos quantos convites artísticos hoje contém e como, através das nossas congruentes individualidades, as sintetizamos para uma corrente original, que em todas as dimensões transcende essas, citadas, correntes anteriores. Claro está que há em nós um fundo de originalidade, de primitividade metafísica de emoção, que permitiu, não só inevitabilizar em nós a tendência para essa síntese, como, conexamente, no valizar dessa síntese, ir deixando escrito em cada frase psíquica – como, por fim, no conjunto organizado – o nome da nossa Individualidade.

Nós desejamos ter – não diremos pela imprensa, mas directamente pelo menos – a opinião de V. Ex.^a sobre a nossa revista e a nossa arte. Essa opinião, seja ela qual for, é um favor que nos é feito. Aguardamo-la com curioso interesse.

Creia V. Ex.^a no respeito e na admiração de

Por *Orpheu*

Fernando Pessoa

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 4 de Abril de 1915.

Meu caro Côrtes-Rodrigues:

Muito à pressa.

Ontem deitei no correio um *Orpheu* para si. Foi só um porque podemos dispor de muito poucos. Deve esgotar-se rapidamente a edição. Foi um triunfo absoluto, especialmente com o reclame que *A Capital* nos fez com uma tarefa na 1.^a página, um artigo de duas colunas. Não lhe mando o jornal porque lhe escrevo à pressa, da *Brasileira* do Chiado. Para a mala seguinte contarei tudo detalhadamente. Há imenso que contar. Agora tenho tido muito que fazer. Da livraria depositária é que seguirão os exemplares para os assinantes e livrarias daí. Naturalmente não há números para irem para todos os nomes que v. indica. Vão para alguns. Naturalmente temos que fazer segunda edição. «Somos o assunto do dia em Lisboa»; sem exagero lho digo. O escândalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente – mesmo extra-literária – fala no *Orpheu*.

Há grandes projectos. Tudo na mala seguinte.

O escândalo maior tem sido causado pelo 16 do Sá-Carneiro e a *Ode Triunfal*. Até o André Brun nos dedicou um número das *Migalhas*.

Meus cumprimentos a seu Pai. Um abracíssimo do

Fernando Pessoa

Lisboa, 19 de Abril de 1915.

Meu querido Amigo:

Com a minha vida, indisciplinadora de almas, no escritório, acrescida da minha vida jornalística de agora (sou redactor duma nova folha que aqui há, *O Jornal* – caí nesta vida temporariamente), mal tenho tempo para as minhas simples coisas da vida intelectual, de modo que por pouco me não escapou o dia de lhe escrever. Lembrou-me hoje de repente, e felizmente lembrou-me a tempo, visto que são 19. E não tenho tempo para tratar de reunir alguns, pelo menos, dos artigos que se têm escrito sobre o *Orpheu*; tenho pena de que o não possa fazer, porque v. havia de rir imenso com eles. Para a outra mala – definitivamente lho prometo – não me esquecerei. Tantos e tais foram os artigos, que em três semanas o *Orpheu* se esgotou – «totalmente, completamente se esgotou».

Para a outra mala fica, igualmente, o escrever-lhe uma longa carta sobre o assunto.

São 12 1/2 da noite – isto é, como dizia o Dr. Assis, «já é amanhã». Paro aqui, portanto.

Meus cumprimentos a seu Pai; um grande abraço para si do muito seu

Fernando Pessoa

(Saudades do Sá-Carneiro e do Alfredo Guisado.)

Lisboa, 4 de Junho de 1915

Ex.mo Senhor Director do *Diário de Notícias*,

E/V.

Regressando ontem a Lisboa, só então tive ocasião de ler uma crítica, há poucos dias publicada no jornal que V. Ex.^a proficientemente dirige, ao extraordinário livro do Sr. Mário de Sá-Carneiro, meu ilustre camarada do *Orpheu*.

Não é à crítica que me quero referir, porque ninguém pode esperar ser compreendido antes que os outros aprendam a língua em que fala. Repontar com isso seria, além de absurdo, indício de um grave desconhecimento da história literária, onde os génios inovadores foram sempre, quando não tratados como doidos (como Verlaine e Mallarmé), tratados como parvos (como Wordsworth, Keats e Rossetti) ou como, além de parvos, inimigos da pátria, da religião e da moralidade, como aconteceu a Antero de Quental, sobretudo nos significativos panfletos de José Feliciano de Castilho, que, aliás, não era nenhum idiota.

Não é a isto que me quero referir. O que quero acentuar, acentuar bem, acentuar muito bem, é que é preciso que cesse a trapalhada, que a ignorância dos nossos críticos está fazendo, com a palavra *futurismo*. Falar em futurismo, quer a propósito do 1.º n.º *Orpheu*, quer a propósito do livro do Sr. Sá-Carneiro, é a coisa mais disparatada que se pode imaginar. Nenhum futurista tragaría o *Orpheu*.

O *Orpheu* seria, para um futurista, uma lamentável demonstração de espírito obscurantista e reaccionário.

A atitude principal do futurismo é a Objectividade Absoluta, a eliminação, da arte, de tudo quanto é *alma*, quanto é sentimento, emoção, lirismo, subjectividade em suma. O futurismo é dinâmico e analítico por excelência. Ora se há coisa que [seja] típica do Interseccionismo (tal é o nome do movimento português) é a subjectividade excessiva, a síntese levada ao máximo, o exagero da atitude *estática*. «Drama estático», mesmo, se intitula uma peça, inserta no 1.º número do *Orpheu*, do Sr. Fernando Pessoa. E o tédio, o sonho, a abstracção são as atitudes usuais dos poetas meus colegas naquela brilhante revista.

A César o que é de César. Aos Interseccionistas, chame-se interseccionistas. Ou chame-se-lhes *paúlicos*, se se quiser. Esse termo, ao menos, caracteriza-os, distinguindo-os de outra qualquer escola. Englobar os colaboradores do *Orpheu* no futurismo é nem sequer saber dizer disparates, o que é lamentabilíssimo.

No 2.º número do *Orpheu* virá colaboração realmente futurista, é certo. Então se poderá ver a diferença, se bem que seja, não literária, mas pictural essa colaboração. São quatro quadros que emanam da alta sensibilidade moderna do meu amigo Santa-Rita Pintor.

Até aqui tenho falado, em geral, mais pelos meus colegas do que por mim. O meu caso é diferente. Permita-me V. Ex.^a que me refira a ele.

A minha *Ode Triunfal*, no 1.º número do *Orpheu*, é a única coisa que se aproxima do futurismo. Mas aproxima-se pelo assunto que me inspirou, não pela realização – e em arte a forma de realizar é que caracteriza e distingue as correntes e as escolas.

Eu, de resto, nem sou interseccionista (ou paúlico) nem futurista. Sou eu, apenas eu, preocupado apenas comigo e com as minhas sensações.

Espero da lealdade jornalística de V. Ex.^a a inserção desta carta em lugar onde pelo menos os jornalistas a leiam. Na impossibilidade de fazer os nossos críticos compreender, tentemos ao menos levá-los a fingir que compreendem.

De V. Ex.^a

Cdo Venr. e Obgdo.

ÁLVARO DE CAMPOS

engenheiro e poeta sensacionista

69

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 23 de Junho de 1915.

Meu caro Côrtes-Rodrigues:

É uma circunstância violenta e aflitiva. V. pode emprestar-me cinco mil réis até ao dia 1 do mês que vem (1 Julho)? É aflitivíssimo o caso, creia. E o pagamento é pronto e certo no referido dia 1, se não for antes, o que pode acontecer, mas não prometo.

Se v. me pudesse fazer isto! Valia-me numa conjuntura em que não tenho ninguém para quem me vire. Era questão de uns dias; nem eu – desde o que v. já me explicou sobre a sua situação – lhe faria partida alguma, ou seria capaz de lhe dizer que lhe pagava em determinado dia, se me fosse impossível fazê-lo. Se v. puder, não deixe de me fazer isto!

Não estarei no escritório amanhã senão tarde. Mas, vindo v. cá e deixando-me em envelope a quantia, ser-me-á entregue fielmente quando eu chegar.

Não me julgue indelicado por lhe pedir, ainda por cima, que venha aqui ao escritório, e, mais, dizendo-lhe que talvez eu não esteja. É que tenho coisas inadiáveis de que tratar e não poderia marcar horas e lugar mais conveniente onde encontrá-lo. Desculpe.

Veja se me pode fazer isto, sim? É só por estes 5 ou 6 dias. Decerto que poderá ser.

Seu mt.º am.º e grato

F. Pessoa

70

A Armando Côrtes-Rodrigues

Noite de 26-6-1915

Irmão em pseudo:

Saberás que hoje, pelas 6 horas da tarde, inesperadamente, tudo se resolveu.

Eu nada já esperava, como sabias, e eis que de repente uma porta se abriu nas ocorrências, mesmo defronte do meu Desejo.

Um astro benéfico talvez transitando um ponto vital do horóscopo? Verei se assim foi. Saúdo-te.

Fernando Pessoa

71

A A Capital

Lisboa, em 6 de Julho de 1915.

Ex.º Senhor Director de *A Capital*:

A notícia inserta em *A Capital* de ontem regista uma informação imperfeita com respeito aos intuitos teatrais que tomaram alguns dos meus colegas de *Orpheu*, sob minha diligente orientação.

Não se trata nem de futurismo nem de representar um drama dinâmico da categoria litográfica que V. Ex.ª indica. Para esclarecer bem o assunto – e visto que já se fala nele em público – direi que o drama que tencionamos apresentar se chama «Os Jornalistas», que é um estudo sintético do jornalismo português, e que, como (em parte) V. Ex.ª diz, se vêem apenas os doze pés dos três jornalistas que estão em quase-cena.

Passo em branco – porque seria inútil protestar nesse lance – sobre a atribuição de futurismo que nos pretendem lançar. Seria de mau gosto repudiar ligações com os futuristas numa hora tão deliciosamente dinâmica em que a própria Providência Divina se serve dos carros eléctricos para os seus altos ensinamentos.

De V. Ex.ª

Respeitador e criado

ÁLVARO DE CAMPOS

engenheiro e poeta sensacionista

Lisboa, 21 de Setembro de 1915

Meu caro Santa Rita:

Agradeço-lhe comovidamente a proposta que me faz na sua carta de 19, que apenas ontem à noite me foi entregue na *Brasileira* do Rossio. Comovidamente, porque essa carta representa bem o seu interesse por *Orpheu*, e portanto não pode deixar de impressionar com agrado a quem foi um dos fundadores espirituais da revista.

Infelizmente, e por duas razões, é-me impossível aceitar essa proposta.

Em primeiro lugar, não me compete a mim — que nenhuma parte financeira tenho na revista — dispor de qualquer modo dela. Qualquer opinião minha sobre o assunto redundaria, mesmo, numa indelicadeza para com o Sá-Carneiro.

Há, porém, uma outra consideração que não posso deixar de fazer, sobretudo porque sei que, nela, o Sá-Carneiro concorda comigo.

A revista *Orpheu* representa uma determinada corrente, a cuja testa estão o Mário de Sá-Carneiro e eu. A transferir para alguém essa revista, só podia ser, como no exemplo baconiano da *traditio lampadis* dos antigos, *ad filios*, aos discípulos, na carinhosa frase empregada tanto (num sentido oculto) pelos teosofistas, como (num sentido apenas metafórico) pelo próprio Mestre Francis Bacon.

Não posso por isso, meu caro Santa Rita, encarar afirmativamente a sua proposta, embora do coração lha agradeça.

De resto, *Orpheu* não acabou. *Orpheu* não pode acabar. Na mitologia dos antigos, que o meu espírito radicalmente pagão se

não cansa nunca de recordar, numa reminiscência constelada, há a história de um rio, de cujo nome apenas me entrelembro, que, a certa altura do seu curso, se sumia na areia. Aparentemente morto, ele, porém, mais adiante — milhas para além de onde se sumira — surgia outra vez à superfície, e continuava, com aquático escrúpulo, o seu leve caminho para o mar. Assim quero crer que seja — na pior das contingências — a revista sensacionista *Orpheu*.

Creia, meu caro Santa Rita, na reciprocidade da amizade e da admiração do (assinado) Fernando Pessôa.

Meu caro:

Estarei amanhã aqui no escritório entre a 1 e as 2 horas. Apareça v. nessa ocasião. Se a tese não for muito grande, talvez não seja impossível tê-la pronta na segunda-feira. Mas só vendo-a.

Muito seu,

Fernando Pessôa

16-X-1915.

português. Se, contudo, preferir considerar estas formas estranhas como uma expressão incontida da imaginação, espero que me permita reclamar o direito de as ter produzido conscientemente.

O facto é que são formas de expressão necessariamente criadas por uma atitude panteísta extrema que, quebrando os limites do pensamento definido, viola também as regras do significado lógico. Os poemas que lhe envio (e os outros a que fiz referência) são, porém, os mais inócuos neste sentido; poupo-o a qualquer referência especial aos poemas que representam propriamente o que chamo a «atitude sensacionista», mas, para lhe dar uma ideia do seu significado, junto aos quinze poemas um poema sensacionista em inglês. Este, como disse, não pertence ao livro.

Por favor, dirija a sua resposta para: Fernando Pessoa – Director de *Orpheu* – Rua do Ouro, 196 – Lisboa

Aguardando com muito interesse a sua opinião, e agradecendo antecipadamente, subscrevo-me, Exmo. Senhor,

Com a maior consideração,

79

A Santa-Rita Pintor

Lisboa, 23 de Outubro de 1915

Meu caro Santa Rita:

Aí lhe mando a colaboração do Sá-Carneiro, segundo as instruções que ele me mandou, em carta chegada ontem. Tenho pena que seja pouco extensa essa colaboração, mas, enfim, mando os poemas que ele me indicou.

Na segunda-feira deve aí ter a minha colaboração. Tenho tido muito que fazer – coisas aqui do escritório – e só amanhã me posso realmente dedicar a passar os meus poemas a limpo.

Diga-me qualquer coisa a respeito da sua Revista. Quando a manda imprimir? Já falou ao Ângelo de Lima?

O Raul Leal mostrou-me ontem o trecho do seu Manifesto ou Prefácio, em que se refere ao Sensacionismo. Acho que está muito bem, como expressão de opinião. Claro está que não concordo com a sua interpretação, mas isso nada tem para o caso de que se trata.

Garanto-lhe de antemão que é com muito interesse que lerei o seu Manifesto.

Disponha sempre, meu caro Santa Rita, do todo seu

(a) Fernando Pessoa

80

A Santa-Rita Pintor

Lisboa, 24 de Outubro de 1915

Meu caro Santa Rita:

Aí lhe mando cinco páginas de poemas meus. São (excepto o último, que é excessivamente simples e mal merece, na verdade, o nome de «poema sensacionista») tanto na índole da sua Revista quanto eu pude conseguir. É pena que eu não tenha mais poemas-intersecções, porque esses é que, verdadeiramente, tinham cabimento neste caso.

Naturalmente v. quererá mais poemas meus. Por isso não assinei as páginas que lhe mando. E diga-me se quer que tire o *Plenilúnio*. Eu incluí-o para estabelecer uma transição para uns

cinco sonetos que tencionava juntar, mas que, afinal, me ficaram em casa. «Estabelecer uma transição» não está bem. Seria melhor dizer «repousar o leitor», porque os cinco sonetos são de estranheza superior quase até à *Hora Absurda*.

Mando-lhe também o frontispício para os poemas do Sá-Carneiro. Num postal, que chegou hoje, é que ele mo indica. E também, felizmente, me pede para lhe enviar mais dois poemas. Como não os tenho aqui, mas em casa, só poderei enviá-los amanhã. Desculpe-me estas várias demoras.

Todo seu
(a) Fernando Pessoa.

81

A José Pacheco

Lisboa, 7 de Nov. de 1915

Meu querido José Pacheco:

Soube pelo Almada da sua próxima partida: felicito-o por ela, porque sei quanto lhe agrada reencontrar Paris. E de mais a mais, vai ver o Carlos Franco, não é verdade?

Que saudades eu tenho do que lhe vai acontecer!

V. já sabe quando parte? Não se esqueça de mo dizer.

Antes disso, porém, queria estar uns momentos consigo, para falarmos. Isto, caso V. tenha tempo.

É provável, mas não certo, que eu esteja amanhã, 2.^a-feira, às 3 horas na *Brasileira* do Rossio. Digo que é provável, mas não certo, porque não sei o que haverá a fazer amanhã no escritório.

Por isso, se V. *sem se déranger*, puder passar às 3 pela *Brasileira Inferior*, era uma ótima ideia. Farei o possível por lá estar... Não prometo absolutamente, para não acontecer, justamente, não poder ir.

Sempre e muito seu

Fernando Pessoa

82

A Mário de Sá-Carneiro

Lisboa, 6 de Dezembro de 1915

Meu querido Sá-Carneiro:

Como lhe escrevo esta carta, antes de tudo, por ter a necessidade psíquica absoluta de lha escrever, V. desculpará que eu deixe para o fim a resposta à sua carta e postal hoje recebidos, e entre imediatamente naquilo que ficará o assunto desta carta.

Estou outra vez presa de todas as crises imagináveis, mas agora o assalto é total. Numa coincidência trágica, desabaram sobre mim crises de várias ordens. Estou psiquicamente *cercado*.

Renasceu a minha crise intelectual, aquela de que lhe falei, mas agora renasceu mais complicada, porque, à parte ter renascido nas condições antigas, novos factores vieram emaranhá-la de todo.

Estou por isso num desvairamento e numa angústia intelectuais que V. mal imagina. Não estou senhor da lucidez suficiente para lhe contar as coisas. Mas, como tenho necessidade de lhas contar, irei explicando conforme posso.

A primeira parte da crise intelectual, já V. sabe o que é; a que apareceu agora deriva da circunstância de eu ter tomado conhecimento com as doutrinas teosóficas. O modo como as conheci foi, como V. sabe, banalíssimo. Tive de traduzir livros teosóficos. Eu nada, absolutamente nada, conhecia do assunto. Agora, como é natural, conheço a essência do sistema. Abalou-me a um ponto que eu julgaria hoje impossível, tratando-se de qualquer sistema religioso. O carácter extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento *superior* e extra-humano que resumam as obras teosóficas, perturbaram-me muito. Coisa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre *Os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real me «hante»*. Não me julgue V. a caminho da loucura; creio que não estou. Isto é uma crise grave de um espírito *felizmente* capaz de ter crises destas. Ora, se V. meditar que a Teosofia é um sistema ultracristão – no sentido de conter os princípios cristãos elevados a um ponto onde se fundem *não sei em que além-Deus* – e pensar no que há de fundamentalmente incompatível com o meu paganismo essencial, V. terá o primeiro elemento grave que se acrescentou à minha crise. Se, depois, reparar em que a Teosofia, porque admite todas as religiões, tem um carácter inteiramente parecido com o do paganismo, que admite no seu panteão todos os deuses. V. terá o segundo elemento da minha grave crise de alma. A Teosofia apavora-me pelo seu mistério e pela sua grandeza ocultista, repugna-me pelo seu humanitarismo e *apostolismo* (V. compreende?) essenciais, atraí-me por se

parecer tanto com um «paganismo transcendental» (é este o nome que eu dou ao modo de pensar a que havia chegado), repugna-me por se parecer tanto com o cristianismo, que não admito. É o horror e a atracção do abismo realizados no além-alma. Um pavor metafísico, meu querido Sá-Carneiro!

V. seguiu bem todo este labirinto intelectual? Pois bem. Repare que há outros dois elementos que ainda mais vêm complicar o assunto. Quero ver se consigo explicar-lhos lucidamente...

83

A Camilo Pessanha

Ex^{mo}. Senhor Dr. Camilo Pessanha, Macau:

Há anos que os poemas de V. Ex.^a são muito conhecidos, e invariavelmente admirados, por toda Lisboa. É para lamentar – e todos lamentam – que eles não estejam, pelo menos em parte, publicados. Se estivessem inteiramente escondidos da publicidade, nas laudas ocultas dos seus cadernos, esta abstinência da publicidade seria, da parte de V. Ex.^a, lamentável mas explicável. O que se dá, porém, não se explica; visto que, sendo de todos mais ou menos conhecidos esses poemas, eles não se encontram acessíveis a um público maior e mais permanente na forma normal da letra redonda.

É sobre este assunto que assumo a liberdade de escrever a V. Ex.^a. Decerto que V. Ex.^a de mim não se recorda. Duas vezes apenas falámos, no «Suíço», e fui apresentado a V. Ex.^a pelo general Henrique Rosa. Logo da primeira vez que vimos, fez-me V. Ex.^a a honra,

e deu-me o prazer, de me recitar alguns poemas seus. Guardo dessa hora espiritualizada uma religiosa recordação. Obtive, depois, pelo Carlos Amaro, cópias de alguns desses poemas. Hoje, sei-os de cor, aqueles cujas cópias tenho, e eles são para mim fonte contínua de exaltação estética.

Não escrevo estas coisas a V. Ex.^a para seu mero agrado, adulando. Elas são a expressão sincera do modo como sinto as composições a que me reporto. Nem sequer cito este prazer, que os seus poemas me deram, com o restrito fim de apoiar em frases que possivelmente sensibilizem o pedido que venho fazer. A ordem dos factos é outra: é porque muito admiro esses poemas, e porque muito lamento o seu actual carácter de inéditos (quando, aliás, correm, estropiados, de boca em boca nos cafés), que ousou endereçar a V. Ex.^a esta carta, com o pedido que contém.

Sou um dos directores da revista trimestral de literatura *Orpheu*. Não sei se V. Ex.^a a conhece; é provável que a não conheça. Terá talvez lido, casualmente, alguma das referências desagradáveis que a imprensa portuguesa nos tem feito. Se assim é, é possível que essa notícia o tenha impressionado mal a nosso respeito, se bem que eu faça a V. Ex.^a a justiça de acreditar que pouco deve orientar-se, salvo em sentido contrário, pela opinião dos meros jornalistas. Resta explicar o que é o *Orpheu*. É uma revista, da qual saíram já dois números; é a única revista literária a valer que tem aparecido em Portugal, desde a *Revista de Portugal*, que foi dirigida por Eça de Queirós. A nossa revista acolhe tudo quanto representa a arte avançada; assim é que temos publicados poemas e prosas que vão do ultra-simbolismo até ao futurismo. Falar do nível que ela tem mantido será talvez inábil, e possivelmente desgracioso. Mas o facto é que ela tem sabido irritar e enfurecer, o que, como V. Ex.^a muito bem sabe, a mera banalidade nunca consegue que aconteça. Os dois números não só se têm

vendido, como se esgotaram, o primeiro deles no espaço inacreditável de três semanas. Isto alguma coisa prova – atentas as condições artisticamente negativas do nosso meio – a favor do interesse que conseguimos despertar. E serve ao mesmo tempo de explicação para o facto de não remeter a V. Ex.^a os dois números dessa revista. Caso seja possível arranjá-los, enviá-los-emos sem demora.

O meu pedido – tenho, reparo agora, tardado a chegar a ele – é que V. Ex.^a permitisse a inserção, em lugar de honra do terceiro número, de alguns dos seus admiráveis poemas. Em geral publicamos em cada número bastante colaboração de cada autor, de modo que, apesar de a revista ter 80 páginas, os colaboradores de cada número não têm passado de 7 (8). Isto é para indicar que sobremaneira estimaríamos que nos concedesse a honra de publicar umas dez a vinte páginas de sua colaboração. Entre os poemas que era empenho nosso inserir, contam-se os seguintes: «Violoncelos», «Tatuagens», «O Estilista» (só conheço, deste, o segundo soneto), «Castelo de Óbidos», «O Tambor», «Nocturno», «Passeio no Jardim», «Ao longe os barcos de flores», «O meu coração desce...», «Passou o Outono já», «Floriram por engano as rosas bravas...», «O Fonógrafo». Ao soneto que considero o maior de todos os seus e é sem dúvida um dos maiores que tenho lido – «Regresso ao Lar» –, não me refiro, visto que o seu assunto, infelizmente, inibe (e creio ser essa a vontade de V. Ex.^a) que ele se publique.

Podia V. Ex.^a fazer-nos o favor que pedimos? Nós não pedimos só por nós, mas por todos quantos amam a arte em Portugal; não serão muitos, mas, talvez por isso mesmo, merecem mais carinhosa atenção dos poetas. Se fosse possível enviar-nos mais colaboração do que esta que indiquei, dobrado seria o favor, e sobradamente honradas as páginas da nossa revista.

Como correm por aqui várias versões, mesmo escritas, dos seus poemas, pedíamos que – caso quisesse anuir ao nosso pedido, no que julgamos que não terá dúvida – ou nos enviasse cópia exacta deles, ou – caso isso o incomodasse – nos indicasse a quem, aqui, nos devamos dirigir para obter essas cópias.

Como parece que estamos abusando do tempo e da paciência de V. Ex.^a, e como esta carta segue registada, basta-nos, para resposta, um postal – ainda que uma carta registada, contendo cópias ou a indicação pedida, fosse preferível –, ou, caso V. Ex.^a não queira dar-se ao incómodo de nos enviar esse postal, basta (cremos não abusar combinando assim) que V. Ex.^a não nos responda negativamente para nos considerarmos autorizados. Nesse caso guiar-nos-emos pelas cópias que nos parecerem mais conformes à constante psíquica do seu pensamento poético. O preferível, porém, era que V. Ex.^a nos enviasse as cópias dos poemas.

Confessando-me, pelo *Orpheu*, desde já altamente grato e honrado com o envio dos seus poemas, subscrevo-me, com o maior respeito e admiração,

De V. Ex.^a

C.^{do} Resp.^r e Adm.^{or} fervoroso

84

A editor inglês

Sir:

I am quite aware that there is no species of excuse for the request that I am going to make; so I will make no excuse for it.

There is, however, an explanation, and I hope the patience you may be able to give to it will lead you afterwards to give it to the details that follow.

The typescript of poems which I am sending you together with this letter has been offered by me to an English publisher, and rejected; the occurrence, though usual enough, becomes less usual owing to the fact that, as I had not been insane as to propose that he should publish it as his own risk, all I had done was to ask if he could publish it on my paying the cost of the publication.

The summary kind of rejection which the poems thus offered received, has led me to a very hesitating attitude towards them. Though I never conceived them good, I have never thought they would have been deserving of an absolute contempt.

I send you the book and would be much obliged if you could give me your opinion on it. I am secluded and deprived of all kinds of relationships that might exert some criticism on what I write.

I am neither so proud as to despise altogether an opinion other than my own, nor so humble as to accept it altogether. But I □

What I have written in Portuguese has been very generally followed, though I have published no more than in reviews □

I am quite aware that, as I have said, there is no excuse for this intrusion on your time and your patiente. Yet I am led thus to trespass upon them because I have no one on whom I can depend for an impartial criticism of what I write in Portuguese, and I live in Portugal; it is far more difficult to obtain it for anything written in English. Will you do me the favour of giving me your opinion?

To the book itself I have added three long poems, being convinced that □ The short poems contained in my book give no opportunity of showing any technique of construction □

Lisboa, 14 de Março de 1916.

Meu querido Sá-Carneiro:

Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental — uma ânsia aflita de falar consigo. Como de aqui se depreende, eu nada tenho a dizer-lhe. Só isto — que estou hoje no fundo de uma depressão sem fundo. O absurdo da frase falará por mim.

Estou num daqueles dias *em que nunca tive futuro*. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno. A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá; e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento. Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer, nem há desembarque onde se esqueça. Tudo isto aconteceu há muito tempo, mas a minha mágoa é mais antiga.

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a consciência do meu corpo, que sou a criança triste em quem a vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Março, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto.

No jardim que entrevejo pelas janelas caladas do meu sequestro, atiraram com todos os balouços para cima dos ramos de onde pendem; estão enrolados muito alto; e assim nem a ideia de mim fugido pode, na minha imaginação, ter balouços para esquecer a hora.

Pouco mais ou menos isto, mas sem estilo, é o meu estado de alma neste momento. Como à veladora do «Marinheiro» ardem-me

os olhos, de ter pensado em chorar. Dói-me a vida aos poucos, a goles, por interstícios. Tudo isto está impresso em tipo muito pequeno num livro com a brochura a descoser-se.

Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera, e que as coisas de nexo histórico que aí vão saíram espontâneas do que sinto. Mas você sentirá bem que esta tragédia irrepresentável é de uma realidade de cabide ou de chávena — cheia de aqui e de agora, e passando-se na minha alma como o verde nas folhas.

Foi por isto que o Príncipe não reinou. Esta frase é inteiramente absurda. Mas neste momento sinto que as frases absurdas dão uma grande vontade de chorar. Pode ser que se não deitar hoje esta carta no correio amanhã, relendo-a, me demore a copiá-la à máquina, para inserir frases e esgares dela no *Livro do Desassossego*. Mas isso nada roubará à sinceridade com que a escrevo, nem à dolorosa inevitabilidade com que a sinto.

As últimas notícias são estas. Há também o estado de guerra com a Alemanha, mas já antes disso a dor fazia sofrer. Do outro lado da Vida, isto deve ser a legenda duma caricatura casual.

Isto não é bem a loucura, mas a loucura deve dar um abandono ao com que se sofre, um gozo astucioso dos solavancos da alma, não muito diferentes destes.

De que cor será sentir?

Milhares de abraços do seu, sempre muito seu

Fernando Pessoa

P. S. — Escrevi esta carta de um jacto. Relendo-a, vejo que, decididamente, a copiarei amanhã, antes de lha mandar. Poucas vezes tenho tão completamente escrito o meu psiquismo, com todas as

suas atitudes sentimentais e intelectuais, com toda a sua histeroneurastenia fundamental, com todas aquelas intersecções e esquinas na consciência de si próprio que dele são tão características...

Você acha-me razão, não é verdade?

90

A Mário de Sá-Carneiro

Lisboa, 26 de Abril de 1916.

Meu querido Sá-Carneiro:

Recebi, como lhe disse no meu postal de ontem, as suas cartas de 17 e 18, assim como a carta para o Santa-Rita, que ontem entreguei ao irmão, ao encontrá-lo na Rua do Ouro.

Você há-de ter estranhado o tempo que eu tenho levado para lhe escrever. É possível que se tenha, até, ofendido um pouco comigo. Peço-lhe, por amor de Deus, que o não faça. Eu vou explicar-lhe tudo, e a explicação é bem compreensível.

Eu tenho tido, com efeito, bastante que fazer. Tenho tido, é certo, várias pequenas causas a tomarem-me muitos pequenos bocados de tempo. Mas não é por isto que eu lhe não tenho escrito como eu próprio desejaria ter feito.

Em primeiro lugar, tenho o espírito feito em trapos por uma série de grandes apoquentações que me atacaram, e em parte atacam, simultaneamente. Você sabe bem qual o efeito desorientador de uma acumulação de pequenas arrelias. Imagine qual será o efeito de uma acumulação de *grandes* apoquentações. *Uma* grande apo-

quentação, *só uma*, não chega, muitas vezes, a valer, para o efeito de nos dispersar e banir de nós, sete ou oito ralações mínimas. Mas olhe que uma junção de arrelias grandes opera muito mais desastrosamente sobre nós.

De há meses para cá que tenho a pesar sobre mim a gravíssima doença de minha mãe. Ela teve aquilo a que se chama vulgarmente um «nisneto apoplético» e ficou com uma paralisia em todo o lado esquerdo do corpo. Vai melhorando – segundo as cartas que recebo – mas tão lentamente, tão incertamente, que eu nunca posso tirar do meu espírito a pressão fria da incerteza a respeito dela. Já esta angústia, hoje consubstanciada comigo, me apoquento e me desvaira.

Acrescente-se-lhe o grande sofrimento que você – sem querer, é claro – me causou com a sua terrível crise. Não sei se você avalia bem até que ponto eu sou seu amigo, a que grau eu lhe sou dedicado e afeiçoado. O facto é que a sua grande crise foi uma grande crise minha, e eu senti-a, como já lhe disse não só pelas suas cartas, como, já de antes, telegraficamente, pela «projecção astral» (como eles dizem) do seu sofrimento.

Acrescente a estas duas graves razões para eu me apoquentar esta outra – que, à parte tudo aquilo, estou atravessando agora uma das minhas graves crises mentais. E imagine você que, para isto não ser tudo, essa crise mental é de várias espécies ao mesmo tempo, e por diversas razões.

Sobreponha, agora, a isto tudo uma pressão de trabalho – não de um género, mas de várias espécies.

Você calcula bem o resultado de tudo isto... Tenho desleixado tudo, fazendo só aquele trabalho que é absolutamente impossível não fazer.

Tenho atrasado o meu trabalho de traduções. Há mais de um mês que tenho para traduzir um livro de 100 páginas pequenas,

que, normalmente, eu traduziria em 5 dias. E ainda não tenho traduzidas senão 30 páginas! Vão sempre tarde as minhas cartas para minha família. Para você, você já sabe o que tem sido. É assim com tudo, numa força absurda de perder tempo, de navegar pela costa do Inútil, e outras metáforas análogas – que todas são poucas para o que hoje vivo.

Isto serve para justificar a minha demora em escrever-lhe. Mas o facto de esperar ansiosamente notícias suas, para lhe escrever mais calmamente, tem, também, contribuído um pouco para esta demora. Peço-lhe, meu querido Sá-Carneiro, milhares de desculpas. Mas isto não podia ter sido senão assim.

91

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 4 de Maio de 1916.

Meu querido Côrtes-Rodrigues:

Não lhe tenho escrito. Tenho atravessado uma enorme crise intelectual. E agora estou muito pior, com a enorme tragédia que nos aconteceu a todos.

O Sá-Carneiro suicidou-se em Paris no dia 26 de Abril.

Não tenho cabeça para lhe escrever, mas não quero deixar de lhe comunicar isto.

Claro está que a causa do suicídio foi o temperamento dele, que fatalmente o levaria àquilo. Houve, é claro, uma série de perturbações que foram as causas ocasionais da tragédia.

Ele suicidou-se com estricnina. Uma morte horrorosa. Já tentara suicidar-se três vezes – em 3 de Abril a primeira.

Uma grande desgraça!

Naturalmente *Orpheu* publicará uma *plaquette*, colaborada só pelos seus colaboradores, à memória do Sá-Carneiro. Logo que v. puder, portanto – quanto antes melhor – v. mande-me qualquer coisa breve (o mais esmerado possível) à memória dele. Não se esqueça. O bom era se o mandasse pelo próximo vapor.

E dê-me notícias suas. Não as tenho tido.

Meus cumprimentos a seu Pai. Um grande abraço do

Sempre e muito seu

Fernando Pessoa

Na casa A. Xavier Pinto e C.^a

Rua de S. Julião, 101, 1.º

LISBOA

(Note a nova morada)

(Lembro-me agora que v. já a conhece; esteve cá, até, com o Fernando Bravo, uma vez).

direito, por exemplo, começa a ser-me levantado no ar sem eu querer. (É claro que posso *resistir*, mas o facto é *que não, o quis levantar* nessa ocasião.) Outras vezes sou feito cair para um lado, como se estivesse magnetizado, etc.

Perguntará a Tia Anica em que é que isto me perturba, e em que é que estes fenómenos – aliás ainda tão rudimentares – me incomodam. Não é o susto. Há mais curiosidade do que susto, ainda que haja às vezes coisas que metem um certo respeito, como quando, várias vezes, olhando para o espelho, a minha cara desaparece e me surge um fâcies de homem de barbas, ou um outro qual-quer (são quatro, ao todo, os que assim me aparecem).

O que me incomoda um pouco é que eu sei pouco mais ou menos o que isto significa. Não julgue que é a loucura. Não é: dá-se até o facto curioso de, em matéria de equilíbrio mental, eu estar bem como nunca estive. É que tudo isto não é o vulgar desenvolvimento de qualidades de médium. Já sei o bastante das ciências ocultas para reconhecer que estão sendo acordados em mim os sentidos chamados superiores para um fim qualquer que o Mestre desconhecido, que assim me vai iniciando, ao impor-me essa existência superior, me vai dar um sofrimento muito maior do que até aqui tenho tido, e aquele desgosto profundo de tudo que vem com a aquisição destas altas faculdades. Além disso, já o próprio alvorecer dessas faculdades é acompanhado duma misteriosa sensação de isolamento e de abandono que enche de amargura até ao fundo da alma.

Enfim, será o que tiver de ser.

Eu não digo *tudo*, porque nem tudo se pode dizer: Mas digo o bastante para que, vagamente, me compreenda.

Não sei se realmente julgará que estou doido. Creio que não. Estas coisas são anormais, sim, mas não *antinaturais*.

Pedia-lhe o favor de não falar nisto a ninguém. Não há vantagem nenhuma, e há muitas desvantagens (algumas, talvez, de ordem desconhecida) em fazê-lo.

Adeus, minha querida Tia. Saudades à Maria e ao Raul. Beijos ao Eduardinho. Para si muitos e muitos abraços do seu sobrinho muito amigo e grato

Fernando

93

A Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 4 de Setembro de 1916.

Meu querido Côrtes-Rodrigues:

Se v. tem estado desterrado, eu sem desterro também o tenho estado. V. não imagina! Tenho passado estes últimos meses a passar estes últimos meses. Mais nada, e uma muralha de tédio com cacos de raiva em cima. Agora estou numa fase melhor, com episódicas antemanhãs de ser-eu-verdadeiramente. Uma longa história de Depressão, com detalhes lentes-de-aumentar vindas do Exterior... Enfim...

Não me sobra o tempo para lhe relatar por que gradações de mim-e-as-coisas se me infiltrou este mal-de-viver. Mas alguns factos marcam estádios na minha depressão: uma grave doença de minha mãe, que a levou até à possibilidade da morte, mas de que hoje, felizmente, parece estar de todo salva; o suicídio do Sá-Carneiro; a

loucura do Cunha Dias (um rapaz meu antigo amigo, muito falador e vivo, que v. várias vezes deve ter visto na *Brasileira*) – tudo isto e eu... Intercaladamente, várias coisas de menor importância, mas adquirindo relevo por eu estar com relevo para as sentir; fenômenos nem-bons-nem-maus, mas ao princípio perturbadores, como o aparecimento em mim de fenômenos de mediunidade... Isto tudo e a Vida...

De modo que as únicas notícias que lhe posso dar de mim é que não, mas agora melhor. (A frase é exactamente assim, por o meu privilégio de não me exprimir.)

Estou agora saindo de um período de esterilidade literária quase total, período que tem durado muito. Estou-me reconstruindo. Quando tornar a escrever-lhe – o que será para a outra mala – espero poder dar-me por RECONSTRUÍDO EM SETEMBRO DE 1916. Além disso, vou fazer uma grande alteração na minha vida: vou tirar o acento circunflexo do meu apelido. Como (nas circunstâncias adiante indicadas) vou publicar umas coisas em inglês, acho melhor desadaptar-me do inútil ^, que prejudica o nome cosmopolitamente.

Vai sair *Orpheu* 3. É aí que, no fim do número, publico dois poemas ingleses meus, muito indecentes, e, portanto, impublicáveis em Inglaterra. Outra colaboração do número: Versos do Camilo Pessanha (a propósito; «não cite isto a ninguém»), versos inéditos do Sá-Carneiro, *A Cena do Ódio* do Almada-Negreiros (que está actualmente homem de génio em absoluto, uma das grandes sensibilidade da literatura moderna), prosa do Albino de Meneses (não sei se v. conhece) e, talvez, do Carlos Parreira, e uma colaboração variada do meu velho e infeliz amigo Álvaro de Campos.

Orpheu 3 trará, também, quatro *hors-textes* do mais célebre pintor avançado português – Amadeu de Sousa Cardoso.

A revista deve sair por fins do mês presente. Para a mala que vem já lhe poderei dar notícias mais detalhadas.

Agora vou responder aos pontos da sua carta que têm resposta:

O que se tem publicado, de interesse para v., tirando o «Manifesto anti-Dantas» do Almada, é:

Luz Poeirenta, de Silva Tavares. (Livro inteiramente sensacionista, tanto que é dedicado à minha pessoa);

Praias do Mistério, de Augusto de Santa-Rita. (Este deve já v. saber o que é, pois sem dúvida o autor já lho terá mandado);

e não me lembro de mais nada.

Mando-lhe por este correio um exemplar suplementar que aqui tinha do «Manifesto anti-Dantas».

Quanto ao livro do Raul Leal, v., evidentemente, só pode aludir a um volume intitulado *A Liberdade Transcendente*, que ele publicou há uns anos; não sei onde arranjar esse livro, mas tratarei de fazer o que possa para lho conseguir.

O Leal está em Madrid em muito mau estado mental. Tentou há meses suicidar-se, atirando-se para debaixo de um automóvel. Mas escapou, mesmo sem contusões, porque o *chauffeur* desviou o carro. Agora sei que pensa em se ir alistar como voluntário no exército francês; mas há tempos que não tenho notícias dele.

Bem. Isto já é ter-lhe escrito alguma coisa. Escreva v. também.

Apresente os meus cumprimentos a seu Pai, e sinta-se abraçado pelo seu muito amigo e dedicado

Fernando Pessoa

Lisboa, 11 Julho de 1917

Meu querido José Pacheco:

Como não o tenho encontrado, passo hoje por sua casa, deixando-lhe esta carta caso não o encontre (o que é provável pela hora a que passo).

Temos de nos encontrar para discutirmos as páginas de resguardo e o prospecto a distribuir, assim como a forma de reclame, definitivamente: são coisas, todas elas, que temos de combinar e tratar conjuntamente.

O Serra (encarregado da tipografia do [Vitor] Falcão) pediu que lhe dessem mais umas folhas de papel para *Orpheu*, para tirar mais uns 6 ou 7 exemplares a mais. Trata-se, como V. vê, de meia dúzia de folhas.

O outro dia — quando encontrei a V. e ao Almada no Rossio — fiz ao Falcão o pedido de tiragem especial de *A Cena do Ódio*. Mas foi tarde, porque a composição já estava distribuída. De resto, fiz o pedido cerca de meia hora depois de estar com vocês no Rossio, mas o Falcão disse-me que vocês tinham no intermédio falado com ele e não tinham tocado no assunto. Teriam vocês decidido não fazer essa tiragem especial? Nesse caso eu não devia talvez ter falado nisso, mas, se fiz mal, fi-lo involuntariamente, pois vim logo cá acima à tipografia cumprir o que tinha prometido. De resto, naturalmente não houve mal nenhum.

Hoje não estou no escritório de tarde. Estou em casa das 11/2 em diante, preparando o Álvaro de Campos que ainda falta concluir.

Se V. pudesse aparecer em minha casa antes de ir para a Baixa de tarde! (Rua Cidade da Horta, 58 — 1.º Dto.)

Sempre e muito seu
Fernando Pessoa

Lisboa, 20 de Dezembro de 1917.

Minha querida Mamã:

Bismarck, saindo uma vez do comboio em não sei que estação da Itália, deu um empurrão violento em um fidalgo italiano. Este protestou, não sabendo, aliás, de quem se tratava; protestou, é claro, com o tom, natural nas circunstâncias, de quem exige uma satisfação. O outro limitou-se a olhá-lo, e disse: «Sou o Príncipe Bismarck.» O italiano curvou-se, com o ar de quem está satisfeito, e limitou-se, por sua vez, a dizer: «Isso não é uma desculpa; mas, ao menos, é uma explicação.»

Este modo, um pouco esquisito, de começar uma carta diz respeito, literariamente, à circunstância de há perto de quarenta dias eu não escrever para aí uma linha. Vou explicar por que não escrevi; mas, em todo o caso, fica a Mamã já advertida, pela história que contei, que o que vou narrar, servindo de explicação, não poderá nunca servir de desculpa.

De Outubro para cá — desde o princípio de Outubro — a minha vida tem sofrido tais transformações, ou, antes, uma transformação geral tão completa, que me não tem sido possível encontrar-me em

A Francisco Fernandes Lopes

Lisboa, 20 de Abril de 1919

Meu caro Lopes:

Um grupo «intellectual», que se organizou recentemente, e do qual sou secretário, decidiu empreender a publicação de uma revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro: revista *portuguesa*, portanto, apenas por ser escrita só por portugueses, mas não pela língua em que é publicada. Será publicada, alternadamente, em francês e em inglês.

O nosso intuito primário é realizar em linguagem escrita aquele aspecto do temperamento português que vulgarmente revelamos só na linguagem falada. Queremos levar ante a Europa a nossa irreverência para com ela; mostrar que somos criaturas que portuguesamente *não aceitamos*; que os homens de génio cosmopolitas, os pensadores de «renome universal», e outros artigos de drogaria não nos merecem respeito nem consideração. Temos as coisas preparadas para que o número inicial da revista seja coisa de pulso e de monta — coisa que quebre a tradição de servilismo que pesa sobre as atitudes portuguesas. Pode ser que isto, uma vez realizado, resulte estéril, e que o êxito esperado seja negativo. Ficará de nós, em todo o caso, o exemplo da irreverência para com os ídolos europeus; teremos, ao menos, dito mal em voz alta, o que já é alguma coisa.

Se me dirijo a V. sobre este assunto, é que não esqueci aquelas horas magníficas em que V., sob a arcada do Teatro Nacional, desfez a golpes de raciocínio o sistema filosófico de Bergson. O que

nós queremos é, escrito e lúcido, esse seu argumento. Se V. o puder escrever em francês, melhor; se estiver pouco à vontade nisso, deixe, que traduziremos.

Não me venha V. dizer que tem muito que fazer; isso será uma razão para não dar o artigo para o primeiro número da revista, mas não a pode ser para nunca o dar. Nem adopte o sistema português de não responder às cartas; porque, como os chefes do grupo a que pertenço não conhecem a V. pessoalmente, fiquei ante eles por fiador da sua personalidade magnificamente destrutiva, mas eu não queria que as suas qualidades de destruidor começassem a manifestar-se pela destruição das esperanças, que tenho em que V. nos auxilie.

Há aqui, agora, um tumultuar de energias secundárias; têm-se ideado e formado revistas para dar à Europa a ideia de que continuamos a ser as mesmas bestas que sempre temos sido. Queremos desobedecer a este mandato imperativo do servilismo adquirido da raça. V. tem dúvida em colaborar connosco? Que diabo! os homens cuja raça descobriu novos mares e novas terras, bem podem abalançar-se hoje a descobrir que não há talento a descobrir nos burocratas internacionais da influência intelectual.

Posso, podemos, contar consigo?

Sempre e muito seu,

Fernando Pessoa

Para me escrever, basta assim:

Fernando Pessoa,
Apartado 147, Lisboa.

P. S. – Duas coisas que me esqueceu dizer-lhe: Guarde – peço-lhe – a maior reserva sobre o projecto e as intenções que nesta carta lhe narro; quando escrever o seu artigo, cuidê, especialmente, de lhe dar toda a coesão e rigidez matemática do seu raciocínio, que V. revela na palavra falada. Escreva sintética e descarnadamente, e – não se esqueça – comece a agressão pelo título que escolher. – F. P.

110

A Francisco Fernandes Lopes

Lisboa, 26 de Abril de 1919

Meu caro Lopes:

Agradeço-lhe imensamente a sua carta, e, sobre tudo, a sua anuência ao que lhe pedi. Tive uma grande alegria ao saber que poderíamos contar com a sua colaboração. Se lhe respondo só hoje, é que tenho andado imensamente atarefado; mas não quero deixar passar de hoje a resposta que lhe devo. Para aproveitar competentemente o tempo, e não tenho hoje muito de que dispor, vou responder sucinta mas claramente a todos os pontos da sua carta. Há alguns que eu podia ter tratado na primeira carta que lhe escrevi; mas podia acontecer que o assunto ou não o interessasse, ou de momento o não interessasse, e, nesse caso, quanto eu lhe dissesse, a mais do que nessa carta lhe disse, não redundaria senão em tirar-lhe tempo e ofender-lhe a paciência.

O nosso plano é mais largo do que se poderia depreender do conteúdo da minha outra carta; envolve, com efeito, além da parte destrutiva, de que lhe falei, uma parte construtiva. Vi com alegria

V. falar nela, antes de eu lha ter anunciado. Vamos, porém, primeiro à substância da obra, à parte comum tanto à acção negativa, como à positiva.

Como atitude geral temos esta apenas: a criação de uma *cultura portuguesa*; procuramos criar essa «cultura» positiva e negativamente, se assim posso dizer. Criá-la positivamente de duas maneiras: valorizando-nos pela apresentação de estudos de ordem construtiva, original, ou de trabalhos literários da mesma índole, e, não talvez por enquanto – por ser talvez impossível ou difícil –, tentando criar, em pensamento como em imaginação manifestados, um *weltanschauung*, um conceito do universo português. Criá-la negativamente de uma maneira: destruindo com habilidade, originalidade e vigor os ídolos da Terra dos Outros, que da Nossa não vale a pena, pelo menos na orientação de que lhe falo; e esta destruição envolve dois fins – o fim abstracto, intelectual e universal de destruir o que é falso, e o fim nacional, concreto e próximo de aliviar de más influências a mentalidade portuguesa. Não procurámos (ou, antes, acho eu que não devemos procurar) um *weltanschauung* português no sentido estreito de uma «cultura germânica» à portuguesa, mas no velho sentido helénico de uma cultura universal portuguesa. V. compreende, não é verdade? Pergunto, porque (como V. já deve ter verificado) estou hoje pouco lúcido. – Criar um pensamento, uma atitude intelectual, da qual se possa dizer que, embora universal, só de Portugal poderia ter partido – assim, talvez, o intuito fique mais bem expresso.

Esta orientação é suficientemente larga, julgo, para que nela possam caber numerosas teorias, numerosos pontos de vista. Ela envolve, porém, a meu ver, uma certa limitação: em filosofia, um intelectualismo qualquer, expressão da fidelidade que todos nós, europeus, devemos à tradição helénica; em sociologia, a repugnância pelos fenómenos cristãos decadentes – quais a democracia radi-

cal, o socialismo, e o governo de coisa nenhuma a que se chama bolchevismo; e, em matéria que é uma coisa e outra, mas que se pode designar «matéria nacional», a ruptura com os tradicionalismos vários que, a par do servilismo para com o estrangeiro, têm pesado sobre nós – tradicionalismo católico, tradicionalismo anti-industrialista, etc.

Não dou estes pontos, mesmo assim latamente definidos, como essenciais; o essencial é o que a princípio lhe expliquei, sobre a essência, construtiva como destrutiva, do movimento. Mas não creio que V. esteja muito longe de qualquer deles. Sei que V. é um intelectualista em filosofia, e que não repudia a acção directiva da Inteligência sobre o resto do psiquismo; e sei-o por causa do seu ódio, que conheço e a sua própria carta revela, aos intuicionismos, aos pragmatismos, e aos outros géneros psíquicos da morfina e da cocaína. Que V. não é um tradicionalista, também sei. O que ignoro é qual é a sua atitude em matéria propriamente política, ou sociológica; mas isso não importa muito, pois o que acima lhe expus é dito por alto e em mau momento da minha lucidez, e, além disso, não creio que V. seja socialista, nem bolchevista, nem comungue nas formas laicas do igualitarismo cristista.

Vou agora responder aos pontos da sua carta, a que uma resposta concreta se pode dar.

Que, embora, para fins de *vincar*, seja bom que se comece pelo destrutivo, também interessa, e muito, que se vá construindo – já V. o sabe por o que acima lhe disse. E é escusado dizer que o *abat-tage* pode ser de vivos ou de mortos, entendendo-se, como V. viu, que esses mortos são os *que vale a pena matar*, aqueles como V. diz, cuja presença é dominante. É óptimo abrir com um estudo destrutivo de qualquer vivo vivente; o seu estudo sobre o pragmatismo seria de primeira ordem, e o sobre Bergson, se V. o puder arranjar.

Os artigos podem ser quantos V. quiser, sucessivos ou não, acabados num só artigo, ou continuados. V. faz como entender.

Quanto a pseudónimos, pode V. usar os que quiser, também. É essencial, porém, que sejam nomes portugueses (por a revista ser feita só por portugueses), a não ser que V. queira empregar qualquer pseudónimo universal – isto é, palavra do latim ou do grego. É conveniente, no caso de se empregarem pseudónimos, fazê-lo segundo um sistema, dando a cada pseudopersonalidade um certo número de atribuições constantes; isto, simplesmente, para não destruir a estética da pseudonímia, e, se os pseudónimos forem nomes portugueses, com aparência de nomes reais, para manter o carácter dramático que essa obra impõe, o entre-destaque das diversas «pessoas». Por mim, achei curiosíssimo que V. fizesse a pergunta; no primeiro número da revista, aparece, naturalmente, o meu companheiro de psiquismo Álvaro de Campos, com um artigo intitulado «Diogène – Considérations pour ceux qui n'acceptent pas», ao qual se segue a tradução do «Ultimatum» que o mesmo senhor publicou (no *Portugal Futurista*) em 1918, e de que, creio, lhe dei um exemplar. Nada lhe poderá dar melhor ideia desse artigo do que o dizer-lhe que ele leva intercalado, em uma das páginas, um *anúncio* grande, com os seguintes dizeres (salvo qualquer pequena alteração que se faça): (*Nota: Peça rigoroso segredo!*)

SOCIÉTÉ EUROPÉENNE DES FORGES ET ACLIÉRIES
«AMERIKA»

Administrateurs-délégués:
Woodrow Wilson,
David Lloyd George.

Directeur technique:

Paul von Hindenburg und Benneckendorf

HAUTS FOURNEAUX À PETROGRAD

Nesse número é possível que eu colabore, com outra coisa qualquer, com o meu autêntico nome; mas V. escusa de fazer isso, podendo, se preferir, não escrever sob o seu nome verdadeiro.

É possível, por sinal, que, como, para escrever a colaboração Álvaro de Campos, me não fica tempo mental para (no primeiro número) apresentar qualquer trabalho original meu *de agora*, eu traduza simplesmente o meu «drama estático» *O Marinheiro*, que apareceu em *Orpheu 1*, e que me parece ter o relevo bastante para surgir. Em todo o caso, verei o que posso fazer.

Esta cisão em personalidades pseudónimas é tanto mais precisa quanto, por ora, somos (quase) *numericamente* ninguém; em primeiro lugar, não é qualquer que serve para esta obra, pois é preciso dar provas de força e disciplina mental, e, em segundo lugar, o servilismo dos portugueses para com o estrangeiro é de tal ordem que alguns colaboradores *mentalmente* possíveis são *temperamentalmente* impossíveis.

(*Interrupção*: A propósito de obra construtiva e positiva, em que estado está a sua *Finalidade na Biologia*?)

Dos títulos, que V. cita, para o caso Bergson, acho o primeiro o melhor – «A Filodoxia de M. Bergson», é ao mesmo tempo duro e sóbrio, ao passo que os outros dão (a mim pelo menos) a impressão de que se trata de uma mera compilação humorística de citações contraditórias do B. sem argumento intercorrente.

Com isto, creio ter respondido a todas as suas perguntas. É pena, claro está, não podermos discutir isto tudo verbalmente, mas

sempre nos entenderemos assim; e V. desculpe que eu lhe escreva à máquina, pois não gosto de escrever assim aos amigos, mas o facto é que à máquina atinjo, sem quebra da clareza da escrita, uma velocidade que caligraficamente não tenho.

Outro ponto, e importante: V. continue guardando, sobre todos estes pontos, desde a essência aos atributos do plano, o mais rigoroso silêncio. Uma das condições favoráveis para uma obra destas é que surja inesperadamente. Ao António Soares, por exemplo, que V. me diz estar aí, e de quem sou amigo e a quem muito estimo, não convém dizer palavra disto. É um rapaz inteligente, e não é mau, mas esses homens de café são sempre inseguros em matéria de reserva; têm um prazer mórbido em revelar segredos, isto independentemente do temperamento que tenham. Por isso lhe peço segredo, e confio em que V. o guardará.

Mais uns detalhes. O primeiro número da revista sairá em francês, o segundo deve sair em inglês. Quero ver se consigo arranjar, para este, um longo escrito meu, simultaneamente destrutivo e construtivo, intitulado «Primeira aos Beócios», entendendo-se por Beócios as gentes da Europa em geral. Os não-beócios somos nós. Escusado era dizê-lo.

Por enquanto ainda não sabemos se valerá a pena fazer sair qualquer número em português; isso, evidentemente, só seria conveniente para trabalhos originais, de natureza literária, ou coisa parecida. Não sendo o português uma «língua científica», não seria talvez conveniente, salvo casos especiais, doutrinar filosófica ou sociologicamente nele. Em todo o caso, gostava muito que V. me desse, sobre este ponto, a sua opinião. Isto quando pudesse e lhe não tomasse tempo.

E, a propósito de tempo, V. vá fazendo os seus artigos sem se maçar com pressas que o irrite, mas também, sendo possível, sem

os demorar muito. Não sei ainda quando sairá o primeiro número (o francês) da revista, mas não deve ser de aqui a muito tempo.

Cinco páginas de maçada – não é verdade? É quanto basta!
Abraça-o o seu amigo muito sincero e grato

Fernando Pessoa

Apartado 147,
Lisboa.

III
À astrólogo

Lisbon, 24th May 1919

Sir:

I am sending you, enclosing it with this letter, a horoscope which may be described, not perhaps as an astrological curiosity, but rather as a curiosity related to astrology.

A little less than three years ago (I have by me no note of the exact date) I had been discussing with a friend of mine, who has some knowledge of astrology and occasionally indulges in «automatic writing», the fundamental deficiency of mundane, or, rather, national, astrology. I refer, of course, to the absence of «national horoscopes», properly such.

Experience has to some extent led astrologers to connect certain signs of the zodiac with certain regions of the earth; but the connection is not only far less definite and settled than many students believe, but also of such a nature that concrete previsions of events are,

except by the intervention of personal intuition (which, in itself, is unscientific), in almost all cases impossible. The local horoscope for the several conjunctions, eclipses and ingresses, though they are stricter aids to a forecast, yet are by the generality of their nature an insufficient basis for a particular application. A wider possibility of usefulness lies in figures erected for such great national events...

Exmo. Senhor:

Envio-lhe, juntamente com esta carta, um horóscopo que deve ser descrito, não talvez como uma curiosidade astrológica, mas antes como uma curiosidade relacionada com a astrologia.

Há pouco menos de três anos (não tenho comigo nota de data exacta) discuti com um amigo meu, que tem algum conhecimento de astrologia e que se entrega, ocasionalmente, à «escrita automática», sobre as deficiências fundamentais da astrologia mundial, ou antes, nacional. Refiro-me, é claro, à ausência de «horóscopos nacionais», propriamente ditos.

A experiência tem, até certo ponto, levado alguns astrólogos a relacionar certos signos do zodíaco com certas regiões da terra; mas a relação é não só muito menos definida e clara do que muitos estudiosos julgam, mas também de uma tal natureza que as previsões concretas de acontecimentos são, excepto através da intervenção de uma intuição pessoal (que é, em si mesmo, não científica), impossíveis na maioria dos casos. Os horóscopos locais, devido às várias conjunções, eclipses e ingressos, embora sejam auxiliares mais rigorosos para uma previsão, são contudo, pela generalidade da sua natureza, uma base insuficiente para uma aplicação particular. Uma maior possibilidade de utilidade reside nos mapas levantados para aqueles grandes acontecimentos nacionais...

CARTA N.º 175

Esta é apenas uma das quatro versões de uma carta a José Pacheco, provavelmente nunca enviada. De facto, não se conhece qualquer manifesto da *Contemporânea*, revista apresentada como «feita expressamente para gente civilizada» e «para civilizar gente». É, sem dúvida, uma revista que tenta ser o mais diversificada possível, incluindo, além de páginas de literatura e crítica, artigos sobre música, política, desporto, reproduções de pinturas e desenhos. Dá igualmente um relevo especial às relações ibéricas, inserindo colaboração de diversos artistas espanhóis, com alguns dos quais Pessoa viria a corresponder-se, entre 1923-1924. V. cartas a Adriano del Valle, Rogelio Buendía e Isaac del Vando-Villar (vol. II).

CARTA N.º 176

O conteúdo da carta aponta para uma data imediatamente posterior a Outubro de 1922, data do n.º 4 da revista, onde se inseria o violento artigo de Álvaro Maia (v. nota à carta de 17-10-1922, assinada por Álvaro de Campos) ao citado artigo de Pessoa sobre Botto.

Neste mesmo n.º 4, foram publicados os versos de «Mar Português» alguns dos quais seriam integrados, alguns anos mais tarde, em *Mensagem*. No n.º 1, Julho de 1922, saíra *O Banqueiro Anarquista*. Ainda em Dezembro de 1922, no n.º 6, acabariam por vir a lume, «Natal» de F. Pessoa e «Soneto já antigo» de Álvaro de Campos.

QUADRO CRONOLÓGICO DAS CARTAS

DATA	DESTINATÁRIO	ASSUNTO	1.ª PUBLICAÇÃO	OBSERVAÇÕES
1905				
7-7	<i>Natal Mercury</i>	Conflito russo-japonês	1989, M.ª M. Patreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Assinada: Charles Robert Anon
1906				
21-2	<i>Punch</i>	Envio de poema	<i>ibidem</i>	
2-6	Editora inglesa	Pedido de inscrição	<i>ibidem</i>	<i>idem</i>
9-6	Entreprise Luvisy	Oferta de serviços	1985, J. Rui de Sousa, <i>F. Pessoa, empregado de comércio</i>	
1907				
24-8	A. Teixeira Rebelo	Compra de tipografia	1950, J. Gaspar Simões, <i>Vida e Obra de F. Pessoa</i> , vol. I	
1909				
27-II	Augustine Ormond	«Viagem» a Londres	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
1912				
25-4	Álvaro Pinto	Colaboração para <i>A Águia</i>	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
30-4	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
1-5	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
2-5	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
24-6	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
29-8	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
?-9	Boavida Portugal	Réplica a Adolfo Coelho (Inquérito Lit.)	1912, <i>República</i> , 21 de Setembro	
30-II	Álvaro Pinto	Colab. <i>A Águia</i>	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
4-12	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	

6-12	Mário Beirão	Apreciação literária	1957, <i>Diário Popular</i> , 21 de Novembro	
26-12	Poetry Society	Divulgação poesia portuguesa	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
31-12	Álvaro Pinto	Atraso de artigo	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
?-?	Boavida Portugal	Inquérito literário	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Incompleta. Estado de rascunho
1913				
22-1	Jaime Cortesão	Apreciação literária	1960, Jaime Cortesão, <i>Poesias Escolhidas</i>	
28-1	Álvaro Pinto	Renascença Portuguesa	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
1-2	Mário Beirão	Auto-análise	1957, <i>Diário Popular</i> , 28 de Novembro	
24-2	Álvaro Pinto	Poesia de Côrtes-Rodrigues	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
4-3	<i>idem</i>	Folheto sobre <i>Renascença</i>	<i>ibidem</i>	
4-3	Mário Beirão	Refere <i>O Último Lusíada</i>	1957, <i>Diário Popular</i> , 5 de Dezembro	
6-3	Armando Côrtes-Rodrigues	Provas tipográficas	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
7-3	Álvaro Pinto	Folheto sobre <i>Renascença</i>	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
18-3	García Pulido	Folhetos de intervenção	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	
22-3	Álvaro Pinto	Subscrição pró-Gomes Leal	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
8-4	Mário Beirão	Saída de <i>O Último Lusíada</i>	1957, <i>Diário Popular</i> , 5 de Dezembro	
3-5	Álvaro Pinto	Colab. <i>A Águia</i>	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
15-5	Mário Beirão	Agradece livro. Ref. Pascoaes	1957, <i>Diário Popular</i> , 5 de Dezembro	
13-6	Álvaro Pinto	Compra de livros de Nobre	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
10-7	<i>idem</i>	Colab. <i>A Águia</i>	<i>ibidem</i>	
29-7	<i>idem</i>	Desculpa pelo atraso	<i>ibidem</i>	
13-11	<i>Diário de Notícias</i>	Resp. anúncio: traduções	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	

20-11	Mário Beirão	Apreciação de «Ermos»	1957, <i>Diário Popular</i> , 5 de Dezembro	
?-?	Leonardo Coimbra	Apreciação de <i>O criacionismo</i>	1971, A. Pina Coelho, <i>Fundamentos Filosóficos da Obra de F. Pessoa</i>	
?-?	Sá-Carneiro	Meio literário provinciano	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Rascunho. Data conjecturada
1914				
5-1	Teixeira de Pascoaes	Apreciação literária	1953, <i>Cadernos de Poesia</i> , fasc. 14	
11-3	António Correia de Oliveira	Informações sobre provérbios	1984, Cruz Pontes, « <i>Dizeres do Povo...</i> », Prelo	
30-4	Frank Palmer	Tradução de provérbios	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resp.: 5-5. Inédita
30-4	Teixeira de Pascoaes	Mudança de casa	<i>ibidem</i>	
3-5	João [Lebre e Lima]	Auto-análise. Ref. <i>Livro do Desassossego</i>	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
25-5	Álvaro Pinto	Colaborações	1994, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
5-6	Madalena Nogueira (mãe)	Transformação na sua vida	1982, Bernardo Soares, <i>Livro do Desassossego</i>	Parte de carta
10-6	Editora americana	Pedido de catálogo	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
28-6	Armando Côrtes-Rodrigues	Encontro: Brasileira (Rossio)	1996, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
19-7	Mário Beirão	Apreciação da obra de Beirão	1957, <i>Diário Popular</i> , 5 de Dezembro	
2-9	Armando Côrtes-Rodrigues	Produção literária	1996, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
4-9	<i>idem</i>	S/ Sá Carneiro	<i>ibidem</i>	
8-9	Sampaio Bruno	Sebastianismo	1958, J. Pereira Sampaio, <i>Sampaio (Bruno) - Sua Vida e Obra</i>	Resp.: 9-9, in 1992, <i>Revista Biblioteca Nacional</i> , 7 (1)

4-10	Armando Côrtes-Rodrigues	Saída de <i>Orpheu</i> . Notícias	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
12-11	Álvaro Pinto	Desânimo e mágoa	1944, <i>Ocidente</i> , n.º 80	
19-11	Armando Côrtes-Rodrigues	Pedido: dinheiro Ref. Antologia	1996, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
21-11	Madalena Nogueira (mãe)	Notícias da tia Anica e família	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
4-12	Armando Côrtes-Rodrigues	Estado de espírito especial	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
1915				
4-1	Armando Côrtes-Rodrigues	Crise mental	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
19-1	<i>idem</i>	Crise e solidão. Obra literária	1944, <i>O Globo</i> , n.º 28, 1 de Agosto	
19-2	<i>idem</i>	Pedido: colab. para <i>Orpheu</i>	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
29-2	Ronald de Carvalho	Apreciação literária	1955, <i>Tribuna da Imprensa</i> (Rio de Janeiro), 12 de Fevereiro	
4-3	Armando Côrtes-Rodrigues	Saída de <i>Orpheu</i>	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
19-3	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
26-3	Miguel de Unamuno	Apresentação de <i>Orpheu</i>	1978, <i>Colóquio</i> , n.º 45, Setembro	
31-3	Sampaio Bruno	<i>idem</i>	1958, J. Pereira Sampaio, <i>Sampaio (Bruno) – Sua Vida e Obra</i>	Resp.: 6-4, in <i>Revista Biblioteca Nacional</i> , 7 (1)
4-4	Armando Côrtes-Rodrigues	Saída de <i>Orpheu</i>	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
19-4	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
4-6	<i>D. de Notícias</i>	Futurismo	1966, F. Pessoa, <i>Páginas Íntimas e Auto-Interpretação</i>	Assinado: A. Campos
23-6	Armando Côrtes-Rodrigues	Empréstimo de dinheiro	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	

26-6	<i>idem</i>	Problema resolvido	<i>ibidem</i>	
6-7	<i>A Capital</i>	Futurismo. Récita de <i>Orpheu</i>	1981, F. Pessoa, <i>El Eterno Viajero</i>	<i>idem</i>
14-7	Armando Côrtes-Rodrigues	Pedido de encontro	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
24-7	Alfred H. Braley	Horóscopo de F. Bacon. Ref. Shakespeare	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resposta: 24-1-16, in 1996, <i>Correspondência Inédita</i>
19-8	Armando Côrtes-Rodrigues	Encontro	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
21-9	Santa-Rita Pintor	Proposta sobre <i>Orpheu</i>	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
16-10	Armando Côrtes-Rodrigues	Encontro	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
19-10	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
23-10	John Lane	Sensacionismo. Envia poemas	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Existe aparente versão de 27-12-15
23-10	Santa-Rita Pintor	Colaboração para revista	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	
24-10	<i>idem</i>	Envio: poemas	<i>ibidem</i>	
7-11	José Pacheco	Ida para Paris	1977, Gustavo Nobre, «José Pacheco», <i>Colóquio-Artes</i> , n.º 35, Dez.	
6-12	Sá-Carneiro	Crise mental, Teosofia	1950, J. Gaspar Simões, <i>Vida e Obra de F. Pessoa</i> , II	
?-?	Camilo Pessanha	Pedido de colaboração: <i>Orpheu</i>	1966, F. Pessoa, <i>Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literária</i>	
?-?	Editor inglês	Poemas para publicação	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
?-?	Frank Palmer	Apresentação de <i>Orpheu</i>	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	Incompleta
?-?	Harold Monro	Apresentação de <i>Orpheu</i> . Envio de poemas	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Existe versão inédita

?-?	William Bentley	Literatura Portuguesa	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
1916				
14-1	Armando Côrtes-Rodrigues	Informação astrológica	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
14-3	Sá-Carneiro	Auto-análise	1959, M. Sá-Carneiro, <i>Cartas a F. Pessoa</i> , II	
26-4	<i>idem</i>	Crise. Sofrimento	1950, J. Gaspar Simões, <i>Vida e Obra de F. Pessoa</i> , II	
4-5	Armando Côrtes-Rodrigues	Crise. Suicídio de Sá-Carneiro	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
24-6	Ana Luísa Nogueira (tia Anica)	Faculdades mediúnicas. Espiritismo	1950, J. Gaspar Simões, <i>Vida e Obra de F. Pessoa</i> , II	
4-9	Armando Côrtes-Rodrigues	Edição de <i>Orpheu 3</i>	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
16-12	Silva Tavares	Cópia de texto	1960, A. Quadros, <i>F. Pessoa, a Obra e o Homem</i>	Reprodução em fac-símile
?-?	Não identificado	Resposta a inquérito literário	1990, Teresa Rita Lopes, <i>Pessoa por conhecer I</i>	
?-?	<i>O Heraldo</i>	Sensacionismo	Inédita (carta n.º 96)	
?-?	Editor inglês	Sensacionismo	1966, F. Pessoa, <i>Páginas Íntimas e Auto-Interpretação</i>	
1917				
6-3	Frank Hollings	Encomenda: livros ocultismo	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
21-6	William Bentley	Marcação de encontro	<i>ibidem</i>	
11-7	José Pacheco	Preparação de <i>Orpheu 3</i>	1977, Gustavo Nobre, «José Pacheco», <i>Colóquio-Artes</i> , n.º 35, Dez.	
20-12	Madalena Nogueira (mãe)	Transformação geral de vida	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	

?-?	Empresa americana	Serviço de traduções	<i>ibidem</i>	Data incerta. Escrita durante a Guerra
1918				
8-2	<i>British Journal of Astrology</i>	Consulta astrológica	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Resp.: 6-3, in 1996, <i>Correspondência Inédita</i>
11-2	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	<i>idem</i>
27-4	Júlia	Roubos a M. A. Sengo	<i>ibidem</i>	
2-5	Fábrica Meta-lúrgica Lumiar	Trespasse de escritório	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
26-9	Gerente Grand Hotel de Nice	Manuscritos de Sá-Carneiro	<i>ibidem</i>	
1919				
8-3	Amigos	Empréstimo de dinheiro	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
20-4	Francisco Fernandes Lopes	Projecto de revista	1942, <i>Seara Nova</i> , 15 de Outubro	
26-4	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i> : 7 Novembro	
24-5	Astrólogo	Horóscopo local	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Incompleta
26-5	Herbert Jenkins	Encomenda de livro. Ref. a rosacrucianismo	<i>ibidem</i>	Resp. de F. Woodward: 7-6, in 1996, <i>Correspondência Inédita</i>
1-6	Francisco Fernandes Lopes	Alterações no projecto revista	1950, <i>Seara Nova</i> , 5-12 de Agosto	
10-6	Hector e Henri Durville	Terapêutica magnética	1966, F. Pessoa, <i>Páginas Íntimas e Auto-Interpretação</i>	
20-6	Frank Woodward	Identidade de Shakespeare	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
9-8	Geraldo Coelho de Jesus	Saída e êxito do jornal <i>Ação</i>	<i>ibidem</i>	
10-8	<i>idem</i>	<i>idem</i>	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	

12-8	<i>idem</i>	<i>idem</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
13-8	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
1920				
1-3	Ofélia Queirós	Confissão amorosa	1978, F. Pessoa, <i>Cartas de Amor</i>	
18-3	<i>idem</i>	Doença	<i>ibidem</i>	
19-3	<i>idem</i>	Saudades. Doença. Más notícias	<i>ibidem</i>	Resp.: 19-3, 1996, <i>Cartas de Amor de Ofélia</i>
19-3	<i>idem</i>	Intrigas	<i>ibidem</i>	Resp.: 19-3, <i>ibid.</i>
22-3	<i>idem</i>	Ref. A. Crosse	<i>ibidem</i>	Resp.: 22-3, <i>ibid.</i>
23-3	<i>idem</i>	Marca encontro	<i>ibidem</i>	
24-3	<i>idem</i>	Mudança de casa	<i>ibidem</i>	Resp.: 24-3, <i>ibid.</i>
25-3	<i>idem</i>	Muito trabalho. Encontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 25-3, <i>ibid.</i>
26-3	<i>idem</i>	Trabalho. Ref. a A. A. Crosse	<i>ibidem</i>	Resp.: 27-3, <i>ibid.</i>
27-3	<i>idem</i>	Marca encontro	<i>ibidem</i>	<i>idem, ibid.</i>
28-3	<i>idem</i>	Saudades. Doença	<i>ibidem</i>	Resp.: 28-3, <i>ibid.</i>
29-3	<i>idem</i>	Marca encontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 30-3, <i>ibid.</i>
5-4	<i>idem</i>	Saudades. Intervém	<i>ibidem</i>	Resp.: 6-4, <i>ibid.</i>
8-4	<i>idem</i>	Campos Desencontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 8-4, <i>ibid.</i>
16-4	<i>idem</i>	Marca encontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 16-4, <i>ibid.</i>
27-4	<i>idem</i>	Família de Ofélia. A. Campos	<i>ibidem</i>	Resp.: 28-4, <i>ibid.</i>
29-4	<i>idem</i>	Encontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 30-4, <i>ibid.</i>
6-5	<i>idem</i>	Encontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 8-5, <i>ibid.</i>
22-5	<i>idem</i>	Marca encontro	<i>ibidem</i>	
23-5	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	Resp.: 23-5, <i>ibid.</i>
28-5	<i>idem</i>	Problema de Ofélia	<i>ibidem</i>	Resp.: 30-5, <i>ibid.</i>
28-5	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	<i>idem, ibid.</i>
30-5	<i>idem</i>	Desencontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 31-5, <i>ibid.</i>
31-5	<i>idem</i>	Marca encontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 1-6, <i>ibid.</i>

4-6	<i>idem</i>	Tristeza: Ofélia	<i>ibidem</i>	Assinada: Íbis
11-6	<i>idem</i>	Org. de empresas	<i>ibidem</i>	Resp.: 12-6, <i>ibid.</i>
13-6	<i>idem</i>	Parabéns	<i>ibidem</i>	Resp.: 14-6, <i>ibid.</i>
17-6	<i>idem</i>	Trabalho. Cansaço	<i>ibidem</i>	Resp.: 17-6, <i>ibid.</i>
19-6	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
2-7	<i>idem</i>	Doença: Ofélia	<i>ibidem</i>	
31-7	<i>idem</i>	Desencontro	<i>ibidem</i>	Resp.: 31-7, <i>ibid.</i>
2-8	<i>idem</i>	Marca encontro	<i>ibidem</i>	
15-8	<i>idem</i>	Desencontro	<i>ibidem</i>	
18-8	<i>idem</i>	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
15-10	<i>idem</i>	Crise. Deseja ser internado	<i>ibidem</i>	
29-11	<i>idem</i>	Carta de ruptura	<i>ibidem</i>	Pessoa responde a carta de 27-11
1921				
9-3	<i>Diario de Notícias</i>	Abaixo-assinado pró-Rui Coelho	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
1-4	National Mining Corp.	Proposta de negócio de minas	Inédita (carta n.º 157)	Resposta em 5-4. Inédita
4-4	African Realty Trust	Financiamento para Guiné	Inédita (carta n.º 158)	
4-4	<i>idem</i>	<i>idem</i>	Inédita (carta n.º 159)	
5-5	Mendes Costa	Negócio: minas	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	
25-5	African Realty Trust	Financiamento para Guiné	Inédita (carta n.º 161)	
30-5	João Camoesas	Encontro com Jaime A. Vilares	Inédita (carta n.º 162)	
28-7	British Engineering Comp.	Serviços de tradução	Inédita (carta n.º 163)	
1-8	Central Mining & Invest. Co.	Proposta de negócio de minas	Inédita (carta n.º 164)	
5-9	Jaime Vilares	<i>idem</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resposta em 15-9, 1996, <i>Corresp. Inédita</i>
6-9	José Larios	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
6-9	Mendes Costa	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	

6-10	Jaime A. Vilares	<i>idem</i>	<i>ibidem</i>	
6-10	José Larios	<i>idem</i>	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	Resp.: 8-10, <i>ibid.</i>
6-10	Mendes Costa	<i>idem</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resp.: 4-11, <i>ibid.</i>
7-10	João Freitas Martins	<i>idem</i>	1985, J. Rui de Sousa, <i>F. Pessoa empregado de escritório</i>	
1922				
9-8	E. Sirrell	Estada de Mrs. Sirrell em Lisboa	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
17-10	José Pacheco	Artigo de F. Pessoa	1922, <i>Contemporânea</i> , n.º 4	Assinada: Álvaro de Campos
21-11	António Botto	Saída de <i>Cauções</i> . Encontro	1960, A. Quadros, <i>F. Pessoa, a Obra e o Homem</i>	Reproduzida em fac-símile
?-?	José Pacheco	Manifesto <i>Contemporânea</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Existem mais 3 versões no Espólio
?-?	<i>idem</i>	Colab. para <i>Contemporânea</i> . Ref. Botto	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Incompleta. Estado de rascunho

ÍNDICE DOS DESTINATÁRIOS (refere-se à numeração das cartas)

- African Realty Trust, 158, 159, 161
 Amigos, 108
 Astrólogo, 111
 Beirão, Mário, 16, 22, 25, 30, 32, 37, 49
 Bentley, William, 87, 99
 Botto, António, 174
 Braley, Alfred H, 73
 British Engineering Company, 163
British Journal of Astrology, 103, 104
 Camoesas, João, 162
Capital (A), 71
 Carvalho, Ronald de, 61
 Central Mining & Investment Corporation, 164
 Coimbra, Leonardo, 38
 Cortesão, Jaime, 20
 Côrtes-Rodrigues, Armando, 26, 41, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 57-60, 62, 63, 66, 67, 69, 70, 72, 74, 76, 77, 88, 91, 93
 Costa, Mendes da, 160, 167, 170
 Destinatário não identificado, 96
Diário de Notícias, 36, 68, 156
 Durville, Hector e Henri, 114
 Editor inglês, 84
 Editor inglês (outro), 97
 Editora americana, 47
 Editora inglesa, 3
 Empresa americana, 102
 Entreprise Luvisy, 4
 Fábrica Metalúrgica do Lumiar, 106
 Gerente do «Grand Hotel de Nice», 107
Heraldo (O), 98
 Hollings, Frank, 98
 Jenkins, Herbert, 112
 Jesus, Geraldo Coelho de, 116-119
 Júlia, 105
 Lane, John, 78
 Larios, José, 166, 169
 Lima, João Lebre e, 44
 Lopes, Francisco Fernandes, 109, 110, 113
 Martins, João de Freitas, 171
 Monro, Harold, 86
Natal Mercury, 1
 National Mining Corporation, 157
 Nogueira, Ana Luísa, 92
 Nogueira, Madalena, 46, 56, 101
 Oliveira, António Correia de, 41
 Ormond, Augustine, 6

Pacheco, José, 81, 100, 173, 175, 176
Palmer, Frank, 42, 85
Pascoaes, Teixeira de, 40, 43
Pessanha, Camilo, 83
Pinto, Álvaro, 7-12, 14, 15, 18, 21, 23,
24, 27, 29, 31, 33-35, 45, 54
Poetry Society, 17
Portugal, Boavida, 13, 19
Pulido, Domingos Garcia, 28
Punch, 2

Queirós, Ofélia, 120-155

Rebelo, Armando Teixeira, 5

Sá-Carneiro, Mário de, 39, 82, 89, 90
Sampaio (Bruno), José Pereira de, 52,
65
Santa-Rita (Pintor), Guilherme de, 75,
79, 80
Sirrell, E, 172

Tavares, Silva, 94

Unamuno, Miguel de, 64

Vilares, Jaime de Andrade, 165, 168

Woodward, Frank, 115

POSFÁCIO

«Eis aí uma maneira de perpetuar as ideias de um homem que afoitamente aprovo — publicar-lhe a correspondência!»

in *Correspondência de Fradique Mendes*,
Eça de Queiroz

A publicação deste primeiro volume de correspondência (1905-1922), a que se seguirá, em breve, um segundo (1923-1935), visa, fundamentalmente, preencher uma lacuna: a inexistência de uma obra que reúna, de forma sistemática, as cartas escritas por Fernando Pessoa.

Efectivamente, se exceptuarmos os volumes de cartas para Armando Côrtes-Rodrigues (1945), João Gaspar Simões (1957) e Ofélia Queirós (1978), ou as mais recentes edições — o volume intitulado *Correspondência Inédita* (1996), que insere também, e pela primeira vez, um conjunto de cartas de negócios; e a edição crítica das *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença* (1998) —, a epistolografia pessoana aparece dispersa, e por vezes esquecida, em jornais, revistas e obras ensaísticas de autores diversos. Por outro lado, a antologia incluída por António Quadros no vol. II da *Obra Poética e em Prosa* de Fernando Pessoa (1986), re-publicando embora muitas destas cartas, não deixa de ser uma sempre redutora selecção.

Nesta conformidade, e não pondo, de modo algum, em causa a extraordinária importância de que se reveste, para os leitores e estudiosos pessoanos, a existência de publicações que recolhem as cartas dirigidas a um mesmo destinatário, parece-me de elementar

justiça que esses mesmos leitores e estudiosos possam ter acesso à epistolografia integral de Pessoa.

Trata-se, portanto, aqui, de reunir não apenas as cartas consideradas literárias, as que, compreensivelmente, tiveram, ao longo dos anos, a primazia de publicação (feita quase sempre por iniciativa dos destinatários ou dos seus herdeiros), mas também as que, embora pouco significativas de um ponto de vista estritamente artístico, ajudam a iluminar a personalidade múltipla de Fernando Pessoa e a desvendar alguns «mistérios» da sua biografia.

Reunir todas as cartas conhecidas, todos os bocados de tempo que as cartas são: tempo efectivo da vida do homem que as escreveu; tempo de uma sociedade em que se enquadrou e com a qual travou inúmeros diálogos — é o propósito desta obra.

Assim, o critério cronológico usado nesta edição, ainda que discutível como todos os critérios, procura responder, em primeiro lugar, a essa necessidade de sistematização e reconstituição histórica, arqueológica, dos fragmentos que nos ficaram.

De facto, as correspondências epistolares relevam de uma natureza fragmentária. Cada carta é um fragmento que só ganha verdadeiramente sentido quando integrado no conjunto ou conjuntos a que pertence. Se o primeiro conjunto é, sem dúvida, aquele que junta à carta a resposta do destinatário, nem sempre conhecida, o conjunto mais vasto é, no limite, o da cadeia temporal de toda uma vida e de toda uma obra de que a carta-fragmento é, simultaneamente, sintoma e parte integrante.

Por outro lado, uma relativamente longa correspondência, mesmo que só possamos conhecer a fala de um dos correspondentes, deixa à vista um discurso estruturante da própria relação. Ou seja, permite-nos acompanhar a construção e o desenrolar de uma história, «assistir» aos momentos de entusiasmo e de decepção,

«ouvir» confidências, alegrias e desânimos, adivinhar o que fica por dizer, pressentir o seu final feliz ou infeliz.

Esta inscrição da troca epistolar num princípio de narrativa de é também aquilo que nos possibilita e nos compele a uma leitura cronológica das cartas de Pessoa. A sua apresentação cronológica permite, pois, encontrar nexos insuspeitados, surpreender, em cada momento, as prioridades de interesses, os diálogos privilegiados.

Se recuarmos aos anos de fronteira, o último passado por Fernando Pessoa em Durban (1905) e os primeiros passados em Portugal (1905-1909), aqui representados por seis escassas cartas, encontramos um subtil fio condutor que nos põe perante uma espécie de pré-história da heteronímia pessoana. Ao estilo adolescentemente chocarreiro e satírico das cartas para os amigos Armando Teixeira Rebelo e Augustine Ormond, soma-se a capacidade histriónica, a tendência para o desdobramento que as cartas assinadas por Charles Robert Anon, sua primeira personalidade literária, assumidamente revelam.

O salto para 1912 permite, por outro lado, encontrar um Fernando Pessoa singularmente adulto, dividindo-se entre uma adesão, cada dia menos entusiástica, ao saudosismo e ao espírito renascente de *A Águia* e uma colorida e vibrante amizade literária com Mário de Sá-Carneiro.

Curiosamente, a quase total ausência de cartas para este amigo acaba por revelar-se quase tão significativa como o seria por certo a sua presença. As incontáveis cartas de Sá-Carneiro, publicadas logo em 1958-1959, para além de serem um importantíssimo repositório do movimento literário e cultural da época e do contributo do autor para o modernismo português, constituem igualmente um extraordinário som de retorno, um eco da escrita literária de Pessoa e das suas cartas perdidas. Convém, portanto, sublinhar que, neste volume que agora se publica, faltam os fragmentos inencontráveis

da autoria de Pessoa que completariam ou tornariam a história epis-
tolar da sua amizade com Sá-Carneiro bem mais luminosa.

Esta ausência é de algum modo compensada pelas referências feitas a Sá-Carneiro, ou pelos seus textos, enviados para a revista do Porto, nas cartas para Álvaro Pinto. Este, enquanto secretário de *A Águia*, é, de resto, uma espécie de «pivot» nas relações que Pessoa estabelece, em 1912 e 1913, com o grupo da *Renascença Portuguesa*. É através dele que passam não só as colaborações de Pessoa, e dos seus amigos de Lisboa, para a revista, como muitas das opiniões críticas (favoráveis e desfavoráveis) que vai formulando, quer em relação ao movimento saudosista quer em relação aos outros companheiros renascentes.

Vemos, assim, que a quase totalidade das cartas escritas neste período se dirige ao grupo de literatos do Porto: prioritariamente e por motivos práticos, a Álvaro Pinto; e, depois, a Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Mário Beirão. As duas cartas a Boavida Portugal não alteram o cenário, se considerarmos que dizem respeito ao Inquérito Literário que este seu interlocutor promoveu no jornal *República* (1912), onde vêm a lume corrosivas críticas aos homens da *Renascença Portuguesa* e, mais veladamente, ao próprio Pessoa, anunciador do Supra-Camões.

O final da correspondência com Álvaro Pinto, já em 1914, coincide com o corte de relações institucionais de Pessoa com o saudosismo. Contudo, continua, como se vê, a trocar cartas pelo menos com Pascoaes e com Mário Beirão, o que não nos impede de confirmar o seu afastamento literário dos caminhos do Norte.

A este afastamento corresponde uma notória diversificação dos destinatários das cartas de Pessoa, a partir de 1914. O poeta segue, agora, o seu próprio caminho, traduzido epistolarmente na escolha de Armando Côrtes-Rodrigues como interlocutor privilegiado. É

com este companheiro que partilha projectos de carácter poético e editoriais, é a ele que confia as angústias e os momentos exaltantes de criatividade.

O ano epistolar de 1915 conta uma boa parte da história de *Orpheu* e dá igualmente a conhecer a história pessoal da explosão heteronímica de Pessoa. A rede de correspondentes alarga-se, de facto. Santa Rita Pintor, Ronald de Carvalho, Camilo Pessanha, Miguel de Unamuno, Sampaio Bruno, diversos editores ingleses, alguns jornais portugueses, são os receptores do entusiasmo e da febre «orpheica» que Fernando Pessoa precisa de comunicar, mas também da sua assumpção como mestre, como chefe de fila do movimento sensacionista. É igualmente nesta apertada teia epistolar que vemos aparecer a figura «real» de Álvaro de Campos, intervindo provocatoriamente e potenciando a visibilidade pública do seu criador.

O número de cartas conhecidas diminui, significativamente, em 1916, ano da morte de Sá-Carneiro, ano do luto de *Orpheu*, deixando, porém, vislumbrar uma tentativa de superação da crise, que se traduziria também na frustrada recuperação da revista.

Em 1917, lemos, numa carta à mãe, o anúncio de uma transformação geral na sua vida. Pessoa parece encetar uma nova fase que, do ponto de vista epistolar, vemos realmente emergir e consubstanciar-se em projectos editoriais, em criação de empresas, em militância política. Toda esta actividade ganha relevo em 1918, atingindo o seu ponto culminante no ano seguinte.

É, com efeito, na correspondência relativa ao ano de 1919 que encontramos os sinais mais evidentes da multifacetada personalidade de Pessoa e o vemos assumir o papel de interventor na vida cultural e política da época. Assim, nas cartas para Francisco Fernandes Lopes, quem fala é o escritor e o pensador, preocupado em dar a

conhecer no estrangeiro a riqueza intelectual do seu país esquecido; nas cartas para Geraldo Coelho de Jesus, é o militante sidonista, o jornalista empenhado na regeneração económica e organizacional da pátria decadente, que sobressai. (Do empenhamento do poeta numa intervenção política concertada, já em 1913, tínhamos um exemplo, com a carta para Garcia Pulido, seu «sócio» no projecto de folhetos anti-afonsistas.)

Não será também por acaso que, precisamente nesta altura, pede ajuda aos psicólogos franceses Hector e Henri Durville, no sentido de arranjar toda a energia, todo o magnetismo de que necessita para dar resposta às inúmeras solicitações do seu espírito. Ou que consulta astrólogos, como quem busca uma direcção, uma confirmação estimulante do Destino.

De 1920, só nos restam as cartas para Ofélia Queirós. Dir-se-ia que, neste ano de paixão, Fernando Pessoa não foi capaz de se fixar em qualquer outro objecto. Mas a verdade é que também nesta ocasião se verifica o regresso da família da África do Sul e a sua instalação em Lisboa, o que, em parte, poderá ter contribuído para reduzir a actividade epistolar do poeta.

O romance amoroso de Pessoa é, em contrapartida, pormenorizadamente contado pelas suas cartas. A ainda recente publicação (pela Assírio & Alvim) das cartas de Ofélia dá-nos a rara possibilidade de ter ao dispor a história completa. Vemos, assim, acontecer à nossa frente encontros e desencontros, declarações de amor e receios de perda do objecto amado, o princípio e o inevitável fim da relação. (A última carta de 1920 marca a ruptura, embora, como é sabido, o namoro seja reatado em 1929, já sem o fulgor da primeira fase.) Vemos também como Pessoa progressivamente se distancia de Ofélia e traz para o terreno dual a indesejável terceira pessoa, o intruso Álvaro de Campos.

Em 1921, Pessoa conserva exclusivamente, no seu espólio, cópias de cartas relativas aos mais variados negócios, por conta própria ou da sua firma Olisipo. São dezenas de cartas, a que se juntam outras tantas dezenas de respostas, que nos permitem ter uma ideia aproximada da intensidade febril da sua vida extra-literária e do modo como, ingloriamente, procurou melhorar a sua situação financeira. Dir-se-ia também que, depois do fracasso amoroso, Pessoa se impôs a si-próprio um novo fracasso, uma nova provação de que o vemos ressurgir ou renascer, literariamente, e em tradução epistolar, em 1922.

Deste ano, ficaram-nos praticamente apenas as cartas para José Pacheco e para a sua revista *Contemporânea*. A escassez do material não impede, porém, que voltemos a encontrar um Pessoa essencialmente escritor e criador de paradoxos. É a ele, como expoente intelectual da sua geração, que José Pacheco pede um manifesto. É, nas páginas da *Contemporânea*, que Álvaro de Campos, seu «alter ego», regressa aos bons velhos tempos de *Orpheu*, contestando e impelindo Fernando Pessoa a um novo fôlego de visibilidade e de polemismo.

O conjunto das cartas de Fernando Pessoa é, em suma, um corpo heterogéneo, quer pela diversidade dos temas abordados quer pelo vasto universo dos seus destinatários. Mas, se permite reconstituir a vida relacional do poeta e refazer alguns diálogos que protagonizou, ao nível privado e ao nível literário e sócio-político, nem por isso deixa de acrescentar alguma coisa à sua obra.

Na verdade, a carta, pela sua natureza descontínua, mas sobretudo por ser um documento escrito, comunga de uma literariedade que importa salientar. Uma carta é o resultado de um acto solitário: aquele que escreve, sozinho frente ao papel, dispõe de todo o tempo para compor e elaborar o seu discurso. A ausência física do outro oferece-lhe também a possibilidade de o evocar, de o trazer fantas-

maticamente à sua presença e de o imaginar ou de lhe retocar a imagem. A distância dá-lhe, por outro lado, lugar para o fingimento, no sentido pessoano do termo. Isto é, o discurso epistolar surge, com frequência, atravessado pela ficção ou pode ser, pelo menos, gerador de equívocos.

Assim é que, na correspondência de Pessoa, vemos aparecer, explicitamente ou não, os seus outros e nos interrogamos, *algumas* vezes, sobre quem é que escreve — Bernardo Soares? Álvaro de Campos? Fernando Pessoa ele-mesmo? — ou sobre quem é o verdadeiro destinatário de determinada carta — Álvaro Pinto? Ou o colectivo da *Renascença Portuguesa*?

De resto, os registos variam não só, naturalmente, em função da circunstância de cada carta, mas também de cada destinatário. Isto é visível, por exemplo, nas cartas de 1920, para a namorada, em que mima o tom amorosamente piegas e infantil de Ofélia. E é igualmente visível no tom doméstico e popular que usa na carta para D. Júlia.

Mas vemos, igualmente, aparecer um registo poético que se insinua e se sobrepõe, não raras vezes, ao registo circunstancial imediato (como é patente, por exemplo, na carta a Ronald de Carvalho). Estamos, então, perante páginas de literatura que o próprio poeta assume mesmo como parte da sua obra literária. É o que acontece com uma carta à mãe, copiada para integrar o *Livro do Desassossego*, ou com uma carta a Mário de Sá-Carneiro que, depois de relida, decide aproveitar para o mesmo fim.

É também esta vertente que, em última análise, justifica a publicação das cartas escritas por Fernando Pessoa, ao longo de trinta anos. É que, para além do contributo que são para o melhor conhecimento da sua biografia pessoal e literária, e para o conhecimento mais alargado dos movimentos culturais e políticos que percorrem a sociedade portuguesa da época, essas cartas são parte

constituente da obra do poeta. É também, enfim, pelo seu esplendor artístico intemporal que, independentemente das histórias que contam, merecem a nossa atenção.

Não ficaria, porém, completa esta recolha do material epistolar pessoano, sem dar a conhecer, sempre que delas dispomos, as respostas recebidas por Pessoa. Existem, de facto, no Espólio da Biblioteca Nacional, mais de quinhentas cartas por ele conservadas (das quais o maior número pertence, sem sombra de dúvida, a Mário de Sá-Carneiro). Entre elas, estão algumas de interlocutores para os quais não se conhecem cartas de Pessoa. Estão neste caso, as cartas, entretanto já publicadas, de Raul Leal e Alfredo Pedro Guisado, ou as ainda inéditas de Alberto da Cunha Dias. O interesse de que se revestem, e a relação de cumplicidade literária que indiciam, fazem-me lamentar a circunstância de não podermos dispor também daquelas que, certamente, Pessoa lhes escreveu. Temos, então, de nos contentar com as respostas, porventura menos gratificantes, de interlocutores como Frank e Cecil Palmer, Frank Woodward, Alfred Braley, Sampaio Bruno ou dos parceiros de negócios, Mendes da Costa e José Larios.

Assim, incluo, no corpo das notas, essas respostas (inéditas algumas) ou mesmo cartas que motivaram as de Fernando Pessoa. O objectivo é, naturalmente, reconstituir conjuntos, recolocar no lugar a que pertencem todos os anéis dessa cadeia relacional de que falava atrás.

Decidi, no entanto, não reproduzir as respostas de Ofélia Queirós, já porque as suas cartas, ultrapassando a centena, foram muito recentemente reunidas e editadas, já porque a sua total transcrição acarretaria um excessivo peso para este volume, e, com toda a certeza, um difícil manejo da obra. De qualquer maneira, todas as respostas, bem como algumas passagens mais significativas, estão assinaladas, nas notas ou no quadro cronológico que se lhes segue.

A publicação deste quadro visa, por sua vez, fornecer uma espécie de bilhete de identidade de cada documento. Deste modo, para além da indicação da data e do destinatário, já obviamente indicados no corpo principal do livro, acrescentam-se o assunto principal (o que poderá permitir uma consulta mais fácil de uma determinada carta e substituí, até certo ponto, um índice temático), bem como algumas observações quanto ao estado de rascunho ou incompletude de algumas cartas.

Saliente-se que não é possível determinar, em alguns casos, se Pessoa chegou a enviar algumas destas cartas. O facto de terem sido transcritas a partir de rascunhos existentes no Espólio não significa que não tenham tido uma posterior versão definitiva. A verdade é que são muitos também os casos em que o poeta fez da mesma carta uma, duas ou mais versões, acabando por mandar uma delas, mas guardando a(s) outra(s). Outras vezes, conhece-se apenas a cópia da carta (supostamente) enviada e, também neste caso, nada garante que tenha chegado ao destino ou que não se tenha perdido nos labirintos insondáveis do correio.

Assim sendo, resta a certeza da sua escrita, por vezes lacunar, por vezes hesitante e arduamente trabalhada, e a certeza de uma intenção da parte do escritor em comunicar com os seus próximos. Por isso, parece-me legítimo que algumas destas cartas tenham sido dadas à estampa, na própria medida em que se revelam sintoma de uma relação, ou que denunciam o processo de criação epistolar, paralelo do da criação literária, de um poeta como Fernando Pessoa.

O quadro cronológico inclui ainda, como se vê, a indicação da data e do local da primeira publicação de carta. Digamos que, desta forma, é possível detectar uma outra história: a história da recepção da obra pessoana e da importância que, no decurso do tempo, foi sendo dada à sua epistolografia.

Finalmente, importa salientar e justificar ainda a publicação neste volume de algumas cartas inéditas.

As cartas de 1921 (n.ºs 157-159 e 161-164) foram postas a minha disposição pela Sr.^a D. Manuela Nogueira, sobrinha de Pessoa, a quem quero aqui testemunhar o meu agradecimento. São cartas de negócios que, muito embora o seu conteúdo seja de discutível interesse, ampliam sobremaneira o conhecimento ainda escasso da (até há bem poucos anos) insuspeitada faceta empresarial do poeta.

Efectivamente, a dimensão das suas actividades com fins lucrativos, no âmbito sobretudo da Olisipo, ganha relevo, se somarmos ao complexo negócio de venda e compra de minas o não menos difícil negócio de angariação de financiamentos para exploração de propriedades na Guiné (cartas n.ºs 158, 159 e 161), ou a oferta de serviços de traduções a empresas estrangeiras (carta n.º 163). A carta n.º 157, à National Mining Corporation, tem o aliciente de ser a primeira endereçada a esta empresa londrina, com a qual viria a tratar infrutiferamente ao longo de meses. Ela mostra como a iniciativa parte do próprio Fernando Pessoa, como este não se limita a «receber uma incumbência» (conforme afirma nas cartas deste ano a Mendes da Costa, José Larios, Jaime Vilares, João Camoesas), mas, antes, como é ele que provoca, por assim dizer, o próprio Destino.

A carta n.º 96, de 1916 (?), é proveniente do Espólio da Biblioteca Nacional. Constan aí, como se pode ler na nota respectiva, várias versões, manuscritas, dactilografadas ou mistas, desta mesma carta. A versão transcrita resulta, pois, de uma reconstituição, feita a partir de folhas soltas. No entanto, e apesar da não identificação do destinatário, parece-me importante divulgá-la, uma vez que se afigura uma carta nuclear neste volume.

Esta é uma carta carregada de história, se assim me posso exprimir: em primeiro lugar, porque esboça a génese e a paternida-

de do movimento sensacionista, do qual Pessoa se assume principal mentor; em segundo lugar, porque descreve o inexistente meio cultural português e faz a necessária denúncia da inculta imprensa nacional; em terceiro lugar, porque expõe uma curiosa e pouco simpática opinião sobre o Brasil que, mais tarde, em cartas incluídas no segundo volume, veremos amplamente ser desmentida.

Carregadas de história são, no fim de contas, todas as cartas, quanto mais não seja pelo simples facto de estarem, no geral, datadas e poderem, portanto, ser incluídas numa vasta corrente que pontua e percorre a vida e a obra de Fernando Pessoa. Mas esta é uma corrente a que faltam alguns elos fundamentais, constituídos, por exemplo, por cartas que sabemos terem sido escritas pelo poeta a alguns dos seus companheiros de letras. É na expectativa de que ela possa um dia vir a ser completada, que esta publicação se oferece à leitura, assumindo inteiramente o estatuto de não definitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coelho, António Pina, *Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, vol. I e II, Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- Contemporânea*, Grande Revista Mensal, dir. José Pacheco, edição fac-similada, vol. II, Lisboa: Contexto, 1985 (reproduz n.º 4, Outubro de 1922).
- Cortesão, Jaime, *Poesias Escolhidas*, Lisboa: Arcádia, 1960.
- Lopes, Francisco Fernandes, «Duas cartas inéditas de Fernando Pessoa», *Seara Nova*, n.º 795, 7 de Novembro, 1942.
- Lopes, Francisco Fernandes, «Uma nova carta inédita de Fernando Pessoa», *Seara Nova*, n.ºs 1178-1179, 5-12 de Agosto, 1950.
- Lopes, Teresa Rita e Maria Fernanda Abreu, *Fernando Pessoa, El Eterno Viajero*, Catálogo da Exposição Evocativa de Fernando Pessoa, 1981 (ed. port., 1983).
- Lopes, Teresa Rita, *Pessoa por Conhecer*, vol. I, Lisboa: Ed. Estampa, 1990.
- Marcos de Diós, Angel, «Carta de Fernando Pessoa a Miguel de Unamuno», *Colóquio-Letras*, n.º 45, Setembro de 1978.
- Nobre, Gustavo, «José Pacheco», *Colóquio-Artes*, n.º 35, Dezembro, 1977.
- Pessoa, Fernando, «Carta a Armando Côrtes-Rodrigues», *O Globo*, n.º 28, 1 de Agosto, 1944.
- Pessoa, Fernando, «Carta a Teixeira de Pascoaes», *Cadernos de Poesia*, série III, fasc. 14, 1953.
- Pessoa, Fernando, «Cartas a Mário Beirão», *Diário Popular*, 21 e 28 de Novembro e 5 de Dezembro de 1957.
- Pessoa, Fernando, *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, introdução de Joel Serrão, Lisboa: Ed. Confluência, [1945] (2.ª ed., 1985).

- Pessoa, Fernando, *Cartas de Amor*, org., posfácio e notas de David Mourão-Ferreira, estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz, Lisboa: Ática, 1978.
- Pessoa, Fernando, *Correspondência Inédita*, org. e fixação do texto de Manuela Parreira da Silva, Lisboa: Livros Horizonte, 1996.
- Pessoa, Fernando, *Obra Poética e em Prosa*, org. e introdução de António Quadros, vol. II, Porto: Lello & Irmão, 1986.
- Pessoa, Fernando, *Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literárias*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg R. Lind e J. Prado Coelho, Lisboa: Ática, 1966.
- Pessoa, Fernando, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg R. Lind e J. Prado Coelho, Lisboa: Ática, 1966.
- Pessoa, Fernando, *Pessoa Inédito*, coordenação de Teresa Rita Lopes, Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- Pessoa, Fernando, «Uma Réplique ao Snr. Dr. Adolfo Coelho», *República*, 21 de Setembro, 1912.
- Pinto, Álvaro, «Vinte Cartas de Fernando Pessoa», *Ocidente*, vol. XXIV, n.º 80, Dez., 1944.
- Pontes, J.M. Cruz, «“Dizeres do Povo” de Corrêa d’Oliveira e uma carta inédita de Fernando Pessoa», *Prelo*, Outubro/ Dezembro, 1984.
- Portugal, Boavida, *Inquérito Literário*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1915.
- Quadros, António, *Fernando Pessoa, a Obra e o Homem*, Lisboa: Arcádia [1960].
- Sá-Carneiro, Mário de, *Cartas a Fernando Pessoa*, introdução de Urbano Tavares Rodrigues, vols. I e II, Lisboa: Ática, 1959 (nova edição, 1973).
- Sampaio, José Pereira, *Sampaio (Bruno) - Sua Vida e Obra*, Lisboa: Inquérito, [1958].
- Silva, M.ª Manuela Parreira da, *As Cartas de Pessoa*, dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1989.
- Simões, João Gaspar, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, vols. I e II, Lisboa: Bertrand, 1950 (6.ª ed. 1991).
- Soares, Bernardo, *Livro do Desassossego*, recolha e transcrição de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, pref. e org. de J. Prado Coelho, Lisboa: Ática, 1982.
- Sousa, João Rui de, *Fernando Pessoa, empregado de comércio*, Lisboa: Sítese, 1985.

ÍNDICE

<i>Nota prévia</i>	7
CORRESPONDÊNCIA	9
Notas	413
Quadro Cronológico das Cartas	465
Índice dos destinatários	475
<i>Posfácio</i>	477
Referências Bibliográficas	489



FERNANDO PESSOA

CORRESPONDÊNCIA

1923-1935

edição

MANUELA PARREIRA DA SILVA

ASSÍRIO & ALVIM

estrangeiros de que ele, por enquanto, pouco mais conhece que os nomes. Para essa colecção, cujo âmbito geral – que vagamente lhe indiquei – naturalmente transcende a possibilidade da minha colaboração exclusiva, eu traduziria, por exemplo, os «principais poemas» de Edgar Pöe, de Robert Browning, de Wordsworth, de Coleridge, de Mathew Arnold, de Shelley, de Keats, e, em volumes de conjunto, dos poetas menores da Restauração inglesa (Sedley, Suckling, Lovelace, etc.) e da época vitoriana em seu fim (O'Shaugm-say, Dowson, Lionel Johnson, e outros).

Quer para as traduções de Shakespeare quer para estas, é o mesmo o meu critério de tradutor – transpor para português tanto o espírito, como a essência da letra, da obra.

Das traduções de Shakespeare comprometo-me a entregar uma peça por trimestre; das outras um livro cada dois meses.

Quanto ao preço por que seriam pagas estas traduções, creio que o único sistema a adoptar é o sistema das «royalties», como se aplica às traduções deste género. Esse sistema é o mais justo para ambas as partes e ajusta-se por natureza a todas as flutuações de preços de livros e de cálculos de sua produção.

Proponho, pois, nesta orientação, que tanto umas como outras traduções me sejam pagas pela mesma tabela – vinte por cento do preço de capa, na ocasião da entrega do manuscrito da tradução; e isto não deve ser de cálculo difícil, pois que a editora por certo sabe a quanto vai vender o exemplar ao público, e de quantos exemplares vai fazer a tiragem.

Pedi ainda, numa espécie de postscripto à minha proposta, tal como primeiro verbalmente a fiz por intermédio do sr. Geraldo Coelho de Jesus, que por conta destas traduções me fosse abonada, até ao fim do mês de Junho corrente, a quantia de dois mil escudos. Como tenho prontas, e sujeitas apenas a necessária revisão final, a

tradução de *A Tormenta* de Shakespeare e a dos «Principais Poemas» de Edgar Pöe, tendo adiantada a dos «Principais Poemas» de Robert Browning, não tardará muito que a entrega dos manuscritos equilibre o adiantamento que peço. Acresce que, de aqui a não muito tempo, terei pronta também a tradução do *Hamlet*.

É esta proposta, desdobramento e concretização do que verbalmente tratámos, que peço o favor de transmitir oficialmente à editora de que é gerente e sócio.

Agradecendo-o antecipadamente, subscrevo-me, com a maior consideração.

De V. Exa.

Mto. Atto. e Obgdo.

2

A Armando Côrtes-Rodrigues

Meu querido Côrtes-Rodrigues:

Há não sei quantos anos que lhe não escrevo: há tanto tempo que teria agora tanto que contar-lhe que não posso contar-lhe. Só quando falarmos – quando, encontrando-nos, falarmos longamente – poderei contar tudo quando há a contar desde que nos perdemos de vista e de escrita.

V. o que tem feito? Notícias suas, de certo modo, tenho-as sempre tido, ou pelo Rocha (que acaba de me transmitir as saudações que me envia) ou pelo Duarte de Viveiros.

Esta carta é apenas para lhe escrever – escrever dizendo seja o que for, tornar a falar-lhe, ainda que por escrito... Tanta saudade – cada vez mais tanta! – daqueles tempos antigos do *Orpheu*, do paúlismo das intersecções e de tudo mais que passou! V. não imagina, apesar da enorme influência que ficou do *Orpheu* diminuído, moral e intelectualmente tudo.

V. tem visto a *Contemporânea*. É, de certo modo, a sucessora do *Orpheu*. Mas que diferença! que diferença! Uma ou outra coisa relembra esse passado; o resto, o conjunto...

Escreva-me v., escreva-me sempre que possa. O meu endereço é o mais simples possível: apenas *Caixa Postal 147, Lisboa*. Se extraviar esta carta e esquecer portanto o 147, lembre-se que basta pôr: *Fernando Pessoa – Caixa Postal – Lisboa*. Mesmo sem número me chega às mãos.

Dê-me notícias suas, extensas se puder.
Um enorme abraço saudoso e amigo do

Sempre e muito seu

Fernando Pessoa

4-8-1923

3

A Joaquim Pantoja

Meu caro Pantoja:

Deixo-lhe o manuscrito do seu amigo Alexandre Seabra, e peço-lhe desculpa de lho não ter deixado ontem, como prometera. Tinha-o na minha pasta, e deixei-a em casa.

Se quiser dar ao seu amigo a minha opinião – supondo que ela de alguma coisa lhe sirva – sobre os versos dele, pode transmitir-lha nestes termos:

Toda a arte se compõe ou de emoções intelectualizadas, ou de pensamentos tornados emoções. Desde que nela surja a emoção, embora grande, desacompanhada de pensamento, ou pensamento, embora forte, desacompanhado de emoção, falha na sua função de arte; poderá ser pensamento – arte é que não é.

O seu amigo tem emoção bastante, tem mesmo emoção de sobra. O que não sabe – ou ainda não sabe – é fazer que ela espere pelo pensamento, que a transforme e apure, para que se manifeste.

Toda a gente sente. Toda a gente pensa. Nem toda a gente, porém, sente com pensamento ou pensa com emoção. Por isso há muita gente e poucos artistas.

Se me fosse lícito fazê-lo, recomendaria ao seu amigo que não publicasse ainda o seu livro de versos. Qualquer que seja a idade dele, ele tem um cérebro demasiado juvenil; e a arte – ao contrário do que se julga – é trabalho para velhos, ou para envelhecidos. A mocidade tem a vida; não precisa da arte para nada.

Podia fazer mais observações, relativas a pormenores do livro. Omito-as, porém, porque as considerações, que acabo de fazer, as incluem e as suprem.

Disponha sempre do

amigo certo,

7-8-1923

17-8-1926

Meu querido José Pacheco:

Não estive no escritório hoje de manhã; por isso se desencontrou comigo, nessa altura, o seu emissário.

Vão junto os quatro novos exemplares da representação. Não assino a representação pois não assino nada em conjunção, cooperação e colaboração com outrem. V., de resto, sabe isso. Individualista absoluto, e, como o Dantas Baracho, antes só que, até, bem acompanhado.

Sempre e muito seu

Fernando Pessoa

Caro Sr. Ferreira Gomes:

Respondo numerando, às seis perguntas do inquirito que não creio que seja seu.

Elas são:

(1) Qual é dos seus livros, aquele que mais estima?

(2) Qual deles lhe trouxe mais admiradores?

(3) Deve às suas obras alguma aventura amorosa?

(4) Qual foi a maior compensação moral que lhe deu a literatura?

(5) Algum dos protagonistas dos seus livros teve existência real?

(6) Qual é a sua maior preocupação intelectual ao escrever?

Eu respondo:

(1) Não tendo livros publicados, mas só poemas que valem mais que os livros dos meus contemporâneos de todas as falas, não lhe responderei senão entendendo poemas em vez de livros.

Agrada-me estridentemente a «Ode Triunfal», inserta em *Orpheu 1*. Sei bem que a «Ode Marítima», trazida por *Orpheu 2*, tem mais construção e arredores; mas não esqueço que escrevi a primeira com a emoção em linha recta, e que ela é a obra-prima da sensibilidade moderna. São favores que devo aos Deuses: não quero ser ingrato para com eles, desconhecendo-os.

(2) Tenho influído indeterminadamente em várias composições subsequentes, por não ter o segredo de ter influído nas anteriores. Mas não sei se me têm admirado aqueles que me têm admirado. O certo é que não tenho podido passar a minha emoção intelectual para os copistas da minha expressão dela. Mas contento-me com o que não me descontenta, e basta... Ainda há pouco me trouxeram uma publicação brasileira que tem versos seminais nas minhas emoções. Até isso aceito. O Destino assim dá. Ao menos não tardou. *Bis dat qui cito dat*, dizia o meu professor de latim.

(3) Não costumo pôr à arte a canga da sexualidade. Confesso, contudo, que devo a uma obra minha, mas de maneira indirecta, uma aventura amorosa. Foi em Barrow-in-Furness, que é um porto na costa ocidental da Inglaterra. Ali, certo dia, depois de um traba-

lho de arqueação, estava eu sentado sobre uma barrica num cais abandonado. Acabava de escrever um soneto – elo de uma cadeia de vários – em que o facto de estar sentado nessa barrica era um elemento de construção.

Aproximou-se de mim uma rapariga, por assim dizer, – aluna segundo depois soube do liceu (High School) local – e entrou em conversa comigo. Viu que eu estava a escrever versos e perguntou-me como nestas ocasiões se costuma perguntar, se eu escrevia versos. Respondi como nestes casos se responde, que não. A tarde, segundo a sua obrigação tradicional, caía lenta e suave. Deixei-a cair.

É conhecida a índole portuguesa e o carácter propício das horas, independentemente das índoles e dos portugueses. Foi isto uma aventura amorosa? Não chegarei a dizer-lhe. Foi uma tarde, num cais longe da Pátria; e hoje é, decerto, uma recordação a ouro fosco. Assim diríamos no *Orpheu*; assim não deixarei de lhe dizer agora. Que mais quer de mim, senhor Ferreira Gomes? A vida é extremamente complexa, e os acasos são, por vezes, necessários. O conto não tem moral, desde o princípio. O ouro fosco ficou húmido e a tarde caiu definitivamente.

(4) A única compensação moral que devo à literatura é a glória futura de ter escrito as minhas obras presentes.

(5) Não escrevi história nem histórias, e, por isso, não uso protagonistas, a não ser a variedade de pessoas que tenho sido. Nenhuma delas tem existência real, porque nada tem, cientificamente falando, existência «real». As coisas são sensações nossas, sem objectividade determinável; e eu, sensação também para mim mesmo, não posso crer que tenha mais realidade que as outras coisas. Sou, como toda a gente, uma ficção do «intermezzo», falso como as horas que passam e as obras que ficam, ao rodopio subatómico deste inconcebível universo.

(6) Não tenho preocupação intelectual ao escrever. Tenho a única preocupação de emitir emoções, deixando à inteligência que se aguate com elas o melhor que puder. Tenho o desejo de ser de todos os tempos, de todos os espaços, de todas as almas, de todas as emoções e de todos os entendimentos. Menos que tudo é nada para a alma que não cata piolhos na lógica, nem olha para as unhas na estética. Não podendo ser a própria força universal que envolve e penetra a rotação dos seres, quero ao menos ser uma consciência audível dela, um brilho momentâneo no choque nocturno das coisas... O resto é delírio e podridão.

Creia-me cordialmente seu,

Álvaro de Campos

Engenheiro naval e poeta de *Orpheu*

F. N. PESSOA

Apartado 147

Lisboa

Meu querido José Régio:

(Se, espontaneamente, o trato assim, escuso de dizer-lhe que não tinha que hesitar-se, durante um parágrafo inteiro, para me tratar aproximadamente...)

A frase precedente, escrita com uma completa sinceridade, não é minha; intercalou-a, por antecipação, nesta carta o meu abominável, porém neste caso justo, amigo Álvaro de Campos. Dizendo que ele é justo, confirmo, e torno minha, aquela frase.

Do melhor grado, e agradecendo por mim todos, acedo ao honroso convite que me nos faz para que colaboremos no número antológico de *Presença*. Envio quatro composições breves: uma é do Álvaro de Campos, outra minha; do Ricardo Reis vão duas, para que escolha a que prefere. Do extinto Alberto Caeiro não pude obter composição alguma, pois os parentes, ou testamenteiros, me não facultaram o traslado.

Há já tempos que formei a intenção de lhe escrever, tanto para lhe manifestar o prazer, que sempre me tem dado a leitura de *Presença*,

como, mais particularmente, para lhe exprimir aquele que colhi na leitura do seu livro – cuja oferta desde já lhe muito agradeço –, e na dos poemas seus que *Presença* tem inserido, e sobretudo daquele – cujo título de momento deslembro – que fecha com o verso

«Saciarão a minha fome...»

Completo estas palavras com o agradecimento do próprio envio de *Presença* – agradecimento que, mais que todos, me cumpria que não houvesse demorado. Tudo lhe agradeço agora.

Considere-me, peço, sempre à sua disposição para tudo em que possa ser-lhe de alguma utilidade – literária, é claro, pois não tenho outra, e até a literária é matéria controvertível. Mas, tal qual é, dela disponha sem hesitação.

E creia-me seu

admirador sincero e obrigado,

Fernando Pessoa.

Lisboa
26-I-1928.

58
A José Régio

F. N. PESSOA
Apartado 147
Lisboa

Meu querido José Régio:

Comunicou-me o António Botto que o António de Navarro lhe comunicara que o José Régio comunicara a este segundo

António que tinha empenho em ter, para o número antológico de *Presença*, um inédito do Mário de Sá-Carneiro.

Pouco há já. Mando-lhe um, que, por ser a primeira das «Sete Canções de Declínio», que estiveram impressas no *Orpheu 3* que não saiu, denominei, por minha conta, «Canção de Declínio».

Creio que esta canção é inédita. Na *Contemporânea* utilizaram essa folha impressa do Orpheu-aborto para dela extraírem, de acordo comigo, várias composições do Sá-Carneiro. Não tenho aqui, de onde lhe estou escrevendo, a minha colecção da *Contemporânea*, para verificar quais foram as composições utilizadas. Creio, porém, que não se extraiu nenhuma das «Sete Canções de Declínio», e, se alguma se extraiu, estou praticamente certo que não foi esta. É por isso que lha envio.

Muito seu

Fernando Pessoa

31-I-1928

59
À Revista *Presença*

parabéns presença dez felicitam absolutamente comigo fernando
pessoa e ricardo reis não mande o papão para o telhado

álvaro de campos

Lisboa, 13 de Abril de 1928.

Exmo. Senhor Director do *Jornal do Comércio*:

No artigo de Augusto da Costa, inserto hoje no *Jornal do Comércio*, e em uma honrosa transcrição, que nele se faz, do meu folheto recente *O Interregno*, encontra-se uma gralha, de uma só letra, que, por fazer sentido num sentido errado, peço a V. Ex.^a licença para apontar.

No final dessa citação está impresso o seguinte: «Nem, no longo e triste curso das três dinastias filipinas – a dos Filipes, a dos Braganças e a República – houve mais que a minguada e passiva estirpe dos Sebastianistas *liberais* que em algum modo mantivesse viva e amada a memória da alma de Portugal.»

Não escrevi *liberais*: escrevi *literais*. E, como é de ver, com esta palavra *literais* entendi designar aqueles velhos Sebastianistas que tomavam à letra o Regresso profetizado de El-Rei D. Sebastião, Nosso Senhor; que enganadamente supunham pessoal e carnal esse Regresso. Implicitamente os opus àqueles outros Sebastianistas que, como Augusto da Costa e eu, esperamos e confiamos nesse Regresso no seu alto sentido simbólico, que é o verdadeiro.

De V. Ex.^a,
respeitosamente,
(Fernando Pessoa)

Lisboa, 3 de Maio de 1928

Meu querido José Régio:

Tenho a agradecer-lhe, salvo erros de omissão, três cartas suas e o seu livro. Desculpe-me tanta demora. A estada em Lisboa – mais demorada do que agradável – do Álvaro de Campos, abominavelmente polirrítmico, tem-me trazido, como é natural e lógico, fora de mim.

Do seu livro não preciso de lhe falar. Já sabe a alta opinião que tenho dele. A todos a tenho exprimido tal. Já li o seu livro mais três vezes desde que mo enviou. Se a minha opinião carecesse de post-escrito, nisto o teria.

Mandei-lhe tardiamente – e disso lhe peço desculpa – o meu opúsculo *O Interregno*. Foi obra que fiz à pressa, para ser agradável a alguém, muito meu amigo, que me pediu que a fizesse. Isso, aliás, está dito nos primeiros parágrafos do próprio opúsculo. Pode ser que o reedite, refundindo-o e dilatando-o. A ideia fundamental permanece a mesma; não haverá porém seguimento ou seguimentos. O que estava para os ser terá outras, e diversas, aplicações.

Respondo agora à sua última carta, e a parte da penúltima. Começo por o que, com certeza de cumprimento, lhe posso prometer: a parte da Tábua Bibliográfica que diz respeito a mim, e a parte que diz respeito ao Mário de Sá-Carneiro. Diga-me quando quer essas «tábuas». Não lhas envio desde já porque tenho de «pensar» (não haja omissões) e quero ter certas as datas.

Quanto a artigos, do género dos que publiquei na *Contemporânea* e na *Athena*, não tenho nenhuns. O Álvaro de Campos conta ter um ou dois em breve. Quando houver algum pronto, quer que lho mande? São no género e do estilo dos «Apontamentos para uma estética não-aristotélica». Se, no entretempo, eu, Fernando Pessoa, tiver algum artigo pronto, tenha por certo que lho mandarei. Não se admire desta ausência de textos: estou na fase de «apontamentos» (não da leitura, mas de pensamento). O resto é com o Álvaro.

Muito seu,

Fernando Pessoa

62

A Carlos Lobo de Oliveira

Meu querido Carlos de Oliveira:

Só hoje recebi – hoje mesmo deixada no Café «Arcada» – a sua carta de 24 de Abril.

Consegui arranjar-lhe 3 exemplares da *Athena* que contém o «Christmas Cake». Envio-lhos registados – não hoje, mas amanhã, pois os não arranjei a tempo de apanharem o registo.

O mesmo sucedeu, por tabela, ao meu folheto. Mando-lhe onze – um, de mim para si, dez para v. dar a quem quiser. Se precisar de mais, diga.

Dê-me, sempre que possa, notícias suas. A minha «morada» perpétua é Apartado (ou Caixa Postal) 147, Lisboa.

Um abraço do
muito seu,
Fernando Pessoa
17/5/1928.

63

A José Régio

Meu querido José Régio:

Passam legitimamente de uma quantidade numerável as desculpas que tenho que pedir-lhe. Não tenho razão a apresentar-lhe para o meu silêncio e a minha demora senão a razão verdadeira – a falta, em pequena parte, de tempo material; a falta, na parte que falta para o todo, do que chamarei tempo mental.

Não tenho tido ocasião de completar qualquer colaboração, minha de mim, ou minha alheia, para lha poder mandar. E, quanto à nótula bibliográfica, queria, como é de ver, mandar-lha completa; porém faltam-me dados, ou, mais propriamente, datas. Seja como for, mandar-lhe-ei essa nota até quarta-feira da semana próxima, depois de, na Biblioteca Nacional, obter alguns pormenores temporais respeitantes às minhas importantes pessoas.

Peço que me perdoe e espere ainda estes quatro ou cinco dias.

Muito seu,

Fernando Pessoa
29-VI-1928

O que lhe disse de ir para Cascais (Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias) é rigorosamente verdade: verdade, pelo menos, quanto à intenção. Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades, e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter. É pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semanas (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes. Aí tem a célebre história de Cascais.

Toda a minha vida futura depende de eu poder ou não fazer isto, e em breve. De resto, a minha vida gira em torno da minha obra literária – boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário: há coisas, naturalmente, que estimaria ter, outras que tanto faz que venham ou não venham. É preciso que todos, que lidam comigo, se convençam de que sou assim, e que exigir-me os sentimentos, aliás muito dignos, de um homem vulgar e banal, é como exigir-me que tenha olhos azuis e cabelo louro. E estar a tratar-me como se eu fosse outra pessoa não é a melhor maneira de manter a minha afeição. É preferível tratar assim quem seja assim, e nesse caso é «dirigir-se a outra pessoa» ou qualquer frase parecida.

Gosto muito – mesmo muito – da Ofelinha. Aprecio muito – muitíssimo – a sua índole e o seu carácter. Se casar, não casarei senão consigo. Resta saber se o casamento, o lar (ou o que quer que lhe queiram chamar) são coisas que se coadunem com a minha vida de pensamento. Duvido. Por agora, e em breve, quero organizar

essa vida de pensamento e de trabalho *meu*. Se a não conseguir organizar, claro está que nunca sequer pensarei em pensar em casar. Se a organizar em termos de ver que o casamento seria um estorvo, claro que não casarei. Mas é provável que assim não seja. O futuro – e é um futuro próximo – o dirá.

Ora aí tem, e por acaso é a verdade.

Adeus, Ofelinha. Durma e coma, e não perca gramas.

Seu muito dedicado,

Fernando

29-9-1929

Domingo

83

A João Gaspar Simões

30 de Setembro de 1929.

Meu querido Camarada:

Vai à máquina porque assim a letra é clara e a resposta mais livre dos empecilhos da escrita...

... E antes de responder à sua carta de 26, devo dizer que me não esqueci da carta, que em tempos lhe prometera, com as observações mais minuciosas sobre aquele artigo dos *Temas* com que honrou a minha existência. Esta existência tem estado reduzida a uma miserável contemplação dos desvairos do snr. engenheiro Álvaro de Campos; passado este incidente metafísico, terei, suponho,

alma sobran­te para falar por escrito. Não marco data, porque as datas são ficções do tempo; marco, porém, promessa. Não posso fazer mais por enquanto.

E agora respondo à sua carta. Estou disposto, do coração, a apoiar o vosso intuito de publicar as obras do Mário de Sá-Carneiro. Entendo, por mim, e seguindo aquele mesmo critério que expus na nota bibliográfica sobre ele, que esse conjunto das obras dele deve ser formado por: (1) *Dispersão*, (2) *Confissão de Lúcio*, (3) *Céu em Fogo*, (4) *Indícios de Ouro*, inéditos ainda em conjunto. Elimino o volume *Princípio* pela simples razão de que não presta, e o mesmo critério me leva a excluir a peça *Amizade*, que o precedeu, e que nunca li, por imposição do próprio Mário de Sá-Carneiro.

Creio, pois, que a edição das obras completas do Mário deverá ser feita em um único volume, por assinatura antecipada (mediante circulares a nomes escolhidos) e em edição limitada rigorosamente ao resultado dessas circulares. Esclareço mais... Convém-lhes, em todos os sentidos (incluindo nitidamente o financeiro) o fixarem-se de antemão sobre o número de exemplares que hão-de tirar. Fazem circulares, pedindo, simplesmente, a subscrição à edição, e indicando o pagamento contra a entrega do livro. Não peçam pagamento antecipado. Se puderem preçar o livro em 30 escudos, façam-no; não o façam passar de 50. Devem, com isso, e orientando devidamente a distribuição de circulares, obter entre 300 a 500 compradores. Não façam desconto às livrarias; estas que assinem pelo mesmo preço, e vendam depois ao preço que quiserem.

A propriedade das obras do Mário de Sá-Carneiro, naturalmente, é do pai, o coronel Carlos de Sá-Carneiro, que não conheço pessoalmente, nem sei se está em Lisboa, mas que não creio se oponha, de qualquer modo ou em qualquer sentido, à publicação que tencionam fazer. Nem creio que se oporá — como, juridicamente, se

poderia opor — a qualquer orientação que eu pudesse dar à publicação das obras do filho, que mais que uma vez me entregou o destino futuro dessas obras, mas como é de ver, ou verbalmente, ou em uma ou outra carta, e sempre sem valor *legal*.

Quanto ao prefácio, ou estudo preliminar, que esperam de mim, tudo depende do tempo que eu teria para o fazer. Na falta de tempo, bastaria (talvez com um breve acréscimo) aquele mesmo estudo, ou nota, com que abri o n.º 2 da *Athena*. Diz tudo, e, por isso mesmo, dispensa dizer mais.

Tenho, felizmente, o último retrato, que é o espiritualmente verdadeiro, do Autor. É um retrato pequeno, tipo bilhete de identidade, mas susceptível de ser ampliado e reproduzido depois de acordo com essa ampliação. O retrato, de que falo, e de que digo que é o espiritualmente verdadeiro, não dá o Sá-Carneiro como usualmente era, mas um Sá-Carneiro torturado (o próprio olhar o diz), um Sá-Carneiro emagrecido e final, que tem mais verdade que os retratos mais vulgares que ele tinha tirado nas fotografias do grande costume. E é isso mesmo que dá a essa fotografia casual o valor que o casual muitas vezes usurpa ao autêntico — a fixação, por uma imposição súbita do Destino, do aspecto em que qualquer alma se revela.

Peço que me desculpe a demora de uns dias em responder-lhe, e a incoerência da própria resposta. Tenho estado sujeito, estes últimos dias, a tempestades mentais, que conto aproveitar literariamente, mas que, enquanto se não aproveitam, duram.

Se, em virtude dos incidentes atmosféricos da alma, a que acima aludo, esta carta estiver falha em informações, ou em pormenores da resposta que lhe estou querendo dar, peço que não hesite em me dizer em que pontos falta que toque, para que efectivamente lhe responda.

E creia sempre na consideração e no afecto do camarada amigo e grato,

30-IX-1929.

84

A Ofélia Queirós

Bom dia Bebé: gosta de mim exactamente? Não venho do Abel, mas devia ter vindo; e, em todo o caso, o Bebé também tem influências no estilo do Abel. Tem influências à distância, mas ao colo (situação muito natural nos bebés) ainda tem mais. E o Abel tem aguardente doce, mas a boca do Bebé é doce e talvez um pouco ardente, mas assim está bem. Gosta de mim? Porquê? Sim?

Estou doido, e não posso escrever uma carta: sei apenas escrever asneiras. Se me pudesse dar um beijo, dava? Então porque não dá? Má. A verdade é que o dia de hoje se embrulhou de tal maneira, que mal tenho tempo de lhe escrever mal este pouco tempo. Vespa.

Tenho que ir a fugir para casa para jantar cerca das 8 e ir depois a casa daquele meu amigo onde costumo jantar aos sábados. Hoje, é ir lá um pouco à noite, depois do jantar. Fera.

E acabei, e pronto. Dá-me a boquinha para comer?

Íbis

(nome de uma ave do Egipto, que é essa mesmo)

2-10-1929

85

A Ofélia Queirós

9-10-1929

Terrível Bebé:

Gosto das suas cartas, que são meiguinhas, e também gosto de si, que é meiguinha também. E é bom, e é vespa, e é mel, que é das abelhas e não das vespas, e tudo está certo, e o Bebé deve escrever-me sempre, mesmo que eu não escreva, que é sempre, e eu estou triste, e sou maluco, e ninguém gosta de mim, e também por que é que havia de gostar, e isso mesmo, e torna tudo ao princípio, e parece-me que ainda lhe telefono hoje, e gostava de lhe dar um beijo na boca, com exactidão e gulodice e comer-lhe a boca e comer os beijinhos que tivesse lá escondidos e encostar-me ao seu ombro e escorregar para a ternura dos pombinhos, e pedir-lhe desculpa, e a desculpa ser a fingir, e tornar muitas vezes, e ponto final até recommençar, e por que é que a Ofelinha gosta de um meliante e de um cevado e de um javardo e de um indivíduo com ventas de contador de gás e expressão geral de não estar ali mas na pia da casa ao lado, e exactamente, e enfim, e vou acabar porque estou doido, e estive sempre, e é de nascença, que é como quem diz desde que nasci, e eu gostava que a Bebé fosse uma boneca minha, e eu fazia como uma criança, despia-a, e o papel acaba aqui mesmo, e isto parece impossível ser escrito por um ente humano, mas é escrito por mim

Fernando

Apartado 147.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito obrigado pela sua carta, que acabo de receber, e pela página do jornal de Málaga. Não faz mal não ter vindo na *Presença* 33 o trecho do guarda-livros ou o soneto do Álvaro de Campos; ainda bem que veio a tradução do «Hino a Pã». Essa, sim, é que me comprometeria se estivesse ausente. E porquê zangar-se comigo por ter dado ao *Descobrimento* colaboração extensa? Estou pronto a dá-la de igual extensão à *Presença*. Em um e outro caso considero, porém, a índole da publicação. Não julgo justo enviar-lhe colaboração que vá absorver-lhe três páginas, sobretudo devendo a *Presença* entregar o melhor e maior do seu espaço aos poetas e prosadores mais jovens, intercalando apenas os da minha idade por amizade para conosco, aplauso nosso para convosco e enchimento de intervalos.

Feitas estas considerações antepreliminares, e que são a resposta à sua carta, vou ver se consigo fazer a crítica ao seu livro *Mistério da Poesia*; incluirá a crítica ao seu estudo a meu respeito, visto que é inserto no livro, apesar de eu lha ter prometido há já muito tempo. Deve v. compreender, antes de mais nada, que vou fazer a crítica assim mesmo, escrevendo corrente e directamente à máquina a que estou sentado, sem procurar fazer literatura, ou frases, ou quanto não surja espontaneamente no decurso mecânico de escrever. Como

não trouxe comigo o seu livro, terei que indicar em vez de citar, onde haja (se directamente houver) razão para isso. Aviso isto para que v. não veja um vago propositado onde há somente não ter trazido o livro.

De há muito que tenho uma alta opinião do seu talento em geral e das suas qualidades de crítico em particular. Quero que, antes de mais e acima de tudo, reconheça isto, e que isto é a minha opinião fundamental. O que porventura se manifeste de discordância no seguimento desta carta atinge tão-somente os acidentes e os pormenores. Prova-lhe, aliás, este meu conceito da sua inteligência o facto – que talvez não tenha elementos para notar – de que uso para consigo das palavras «admiração» e «admirador», que não costume distribuir ao acaso; «apreço» é o até onde vou onde não posso, a bem comigo, ir mais longe.

A meu ver, *O Mistério da Poesia* marca, na evolução do seu espírito e da expressão dele, um estádio intermédio entre *Temas* e um livro seu futuro. *O Mistério da Poesia* é essencialmente – a meu ver, sempre – um livro de estádio intermédio: é mais profundo e mais confuso que *Temas*. O Gaspar Simões cresceu mentalmente – cresce-se mentalmente até aos 45 anos – e está atravessando uma fase de uma doença do crescimento. Sente a necessidade de explicar mais, e mais profundamente, do que fez em *Temas*, mas, em parte, não atingiu ainda o comando dos meios de aprofundamento, e, em parte, busca aprofundar pontos da alma humana que não haverá nunca meios para aprofundar. De aí – sempre, a meu ver – o que de febril, de precipitado, de ofegante estorva a lucidez substancial de certas observações, e priva outras, centralmente, de lucidez.

À parte o que vejo nisto de uma simples manifestação de evolução íntima, creio que se entrega um pouco mais do que deveria às influências e sugestões do meio intelectual europeu, com todas as

suas teorias proclamando-se ciência, com todos os seus talentosos e hábeis proclamando-se e proclamados génios. Não o acuso de não *ver* isto; na sua idade nunca isto se vê. Pasma hoje – pasmo com horror – do que admirei – sincera e inteligentemente – até aos 30 anos, no passado e no (então) presente da literatura internacional. Comigo isto deu-se tanto com a literatura como com a política. Pasma hoje, com vergonha inútil (e por isso injusta) de quanto admirei a democracia e nela cri, de quanto julguei que valia a pena fazer um esforço para bem da entidade inexistente chamada «o povo», de quão sinceramente, e sem estupidez, supus que à palavra «humanidade» correspondia uma significação sociológica, e não a simples aceção biológica de «espécie humana».

Entre os guias que o induziram no relativo labirinto para que entrou, parece-me que posso destacar Freud, entendendo por Freud ele e os seus seguidores. Acho isto absolutamente compreensível, não só pelas razões gerais acima expostas, mas pela, particular, de que Freud é em verdade um homem de génio, criador de um critério psicológico original e atraente, e com o poder emissor derivado de esse critério se ter tornado nele uma franca paranóia de tipo interpretativo. O êxito europeu e ultra-europeu de Freud procede, a meu ver, em parte da originalidade do critério; em parte do que este tem da força e estreiteza da loucura (assim se formam as religiões e as seitas religiosas, compreendendo nestas, porque o são, as de misticismo político, como o fascismo, o comunismo, e outras assim); mas principalmente de o critério assentar (salvo desvios em alguns sequazes) numa interpretação sexual. Isto dá azo a que se possam escrever, a título de obras de ciência (que por vezes, de facto, são), livros absolutamente obscenos, e que se possam «interpretar» (em geral sem razão nenhuma crítica) artistas e escritores passados e presentes num sentido degradante e Brasileira do Chiado – assim mi-

nistrando masturbações psíquicas à vasta rede de onanismos de que parece formar-se a mentalidade civilizacional contemporânea.

Compreenda-me v. bem: não quero com isto sequer supor que seja este último pormenor do Freudismo o que fez, a v., passes hipnóticos. Mas foi este pormenor que criou o vasto interesse no Freudismo em todo o mundo, e que, portanto, fez a publicidade do sistema. Foi por um processo idêntico que, tendo o Junqueiro derivado a sua celebridade do fenómeno extraliterário de atacar a Igreja Católica (em que intimamente cria) e os «burgueses» (de cuja classe era excessivo ornamento), nós, no meu tempo, o passámos a admirar literariamente, e ainda que não concordássemos com qualquer daqueles dois elementos que haviam criado a celebridade pela qual o ílamos e admirávamos.

Ora, a meu ver (é sempre «a meu ver»), o Freudismo é um sistema imperfeito, estreito e utilíssimo. É imperfeito se julgamos que nos vai dar a chave, que nenhum sistema nos pode dar, da complexidade indefinida da alma humana. É estreito se julgamos, por ele, que tudo se reduz à sexualidade, pois nada se reduz a uma coisa só, nem sequer na vida intra-atômica. É utilíssimo porque chamou a atenção dos psicólogos para três elementos importantíssimos na vida da alma, e portanto na interpretação dela: (1) o subconsciente e a nossa conseqüente qualidade de animais irracionais; (2) a sexualidade, cuja importância havia sido, por diversos motivos, diminuída ou desconhecida anteriormente; (3) o que poderei chamar, em linguagem minha, a *translação*, ou seja, a conversão de certos elementos psíquicos (não só sexuais) em outros, por estorvo ou desvio dos originais, e a possibilidade de se determinar a existência de certas qualidades ou defeitos por meio de efeitos aparentemente irrelevantes com elas ou eles.

Já antes de ter lido qualquer coisa de ou sobre Freud, já antes, até, de ouvir falar nele, eu tinha pessoalmente chegado à conclusão marcada (1) e a alguns resultados dos que incluí sob a indicação

(3). No capítulo (2) tinha feito menos observações, dado o pouco que sempre me interessou a sexualidade, própria ou alheia – a primeira pela pouca importância que sempre dei a mim mesmo, como ente físico e social, a segunda por melindre (adentro da minha própria cabeça) de me intrometer, ainda que interpretativamente, na vida dos outros. Não tenho lido muito de Freud, nem sobre o sistema freudiano e seus derivados; mas o que tenho lido tem servido extraordinariamente – confesso – para afinar a faca psicológica e limpar ou substituir as lentes do microscópio crítico. Não precisei de Freud (nem ele, que eu saiba, me esclareceria nesse pormenor) para saber distinguir a vaidade do orgulho, nos casos em que podem confundir-se, por meio de manifestações em que essas qualidades surgem indirectamente. Não precisei também do Freud para, no próprio campo da indicação (2), conhecer, pelo simples estilo literário, o pederasta e o onanista, e, adentro do onanismo, o onanista praticante e o onanista psíquico. Os três elementos constitutivos do estilo do pederasta, os três elementos constitutivos do estilo do onanista (e a divergência, em um deles, entre o praticante e o psíquico) – para nada disto precisei de Freud ou dos freudianos. Mas muitas outras coisas, neste capítulo e nos outros dois, de facto Freud e os seus me esclareceram: nunca me havia ocorrido, por exemplo, que o tabaco (acrescentarei «e o álcool») fosse uma translação do onanismo. Depois do que li neste sentido, num breve estudo de um psicanalista, verifiquei imediatamente que, dos cinco perfeitos exemplares de onanistas que tenho conhecido, quatro não fumavam nem bebiam, e o que fumava abominava o vinho.

O assunto obrigou-me a cair no sexual, mas foi para exemplificar, como v. compreende, e para lhe dizer quanto, criticando embora e divergindo, reconheço o poder hipnótico dos freudismos sobre toda criatura inteligente, sobretudo se a sua inteligência tem a feição crítica. O que desejo agora acentuar é que me parece que esse

sistema e os sistemas análogos ou derivados devem por nós ser empregados como estímulos da argúcia crítica, e não como dogmas científicos ou leis da natureza. Ora o que me parece é que v. se serviu deles um pouco neste último sentido, sendo portanto correspondentemente arrastado por o que há de audaz pseudocientífico em muitas partes desses sistemas, o que conduz à falseação; por o que há de audaz em outras partes, o que conduz à precipitação; e por o que há de abusivamente sexual em outras, o que conduz a um rebaixamento automático, sobretudo perante o público, do autor criticado, de sorte que a explicação, sinceramente buscada e inocentemente exposta, redunde numa agressão. Porque o público é estúpido? Sem dúvida, mas o que faz o público público, que é o ser colectivo, por isso mesmo o priva da inteligência, que é só individual. A Robert Browning, não só grande poeta, mas poeta intelectual e subtil, referiram uma vez o que havia de indiscutível quanto à pederastia de Shakespeare, tão clara e constantemente afirmada nos *Sonetos*. Sabe o que Browning respondeu? «Então ele é menos Shakespeare!» («*If so the less Shakespeare he!*»). Assim é o público, meu querido Gaspar Simões, ainda quando o público se chame Browning, que nem sequer era colectivo.

Nestas considerações, feitas em tom mental de conversa solitária, e assim transmitidas à rapidez da máquina, vai a maior parte da crítica que tenho que fazer, adversamente, ao *Mistério da Poesia*. Elas versam, para falar pomposamente, um dos aspectos metodológicos do seu livro. Mas há nele também elementos de pressa excusada e de precipitação crítica a que qualquer questão de método é alheia. Se v. confessadamente não tem os elementos biográficos precisos para ajuizar do que poderia ser a alma do Sá-Carneiro, por que se baseia na falta de elementos para formar um juízo? Tem v. a certeza, só porque eu o digo e repito, que tenho saudades da infância e que a música constitui para mim – como direi? – o meio natu-

ral estorvado da minha íntima expressão? E repare que cito o estudo sobre o Sá-Carneiro, que, dada a sua falta de elementos, é admirável de espírito crítico, e o estudo a meu respeito que só peca por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir.

Concretizo. A obra de Sá-Carneiro é toda ela atravessada por uma íntima desumanidade, ou melhor, inumanidade: não tem calor humano, nem ternura humana, excepto a introvertida. Sabe porquê? Porque ele perdeu a mãe quando tinha dois anos e não conheceu nunca o carinho materno. Verifiquei sempre que os amadrastados da vida são falhos de ternura, sejam artistas, sejam simples homens; seja porque a mãe lhes falhasse por morte, seja porque lhes falhasse por frieza ou afastamento. Há uma diferença: os a quem a mãe faltou por morte (a não ser que sejam secos de índole, como o não era Sá-Carneiro) viram sobre si mesmos a ternura própria, numa substituição de si mesmos à mãe incógnita; os a quem a mãe faltou por frieza perdem a ternura que tivessem e (salvo se são génios da ternura) resultam cínicos implacáveis, filhos monstruosos do amor natal que se lhes negou.

Concretizo mais, agora comigo. Nunca senti saudades da infância; nunca senti, em verdade, saudades de nada. Sou, por índole, e no sentido directo da palavra, futurista. Não sei ter pessimismo, nem olhar para trás. Que eu saiba ou repare, só a falta de dinheiro (no próprio momento) ou um tempo de trovoadas (enquanto dura) são capazes de me deprimir. Tenho, do passado, somente saudades de pessoas idas, a quem amei; mas não é a saudade do tempo em que as amei, mas a saudade delas: queria-as vivas hoje, e com a idade que hoje tivessem, se até hoje tivessem vivido. O mais são atitudes literárias, sentidas intensamente por instinto dramático, quer as assine Álvaro de Campos, quer as assine Fernando Pessoa. São suficientemente representadas, no tom e na verdade, por aquele meu breve poema que começa: «Ó sino da minha aldeia...». O sino da minha

aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos, hoje do Directório, e a casa em que nasci foi aquela onde mais tarde (no segundo andar; eu nasci no quarto) haveria de instalar-se o Directório Republicano. (Nota: a casa estava condenada a ser notável, mas oxalá o 4.º andar dê melhor resultado que o 2.º.)

Depois destas concretizações, ou coisa parecida, desejo regressar (se ainda tiver cabeça, pois já estou cansado) a um ponto metodológico. A meu ver (cá estão as três palavras outra vez), a função do crítico deve concentrar-se em três pontos: (1) estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista; (2) buscar o que poderemos chamar a *explicação central* do artista (tipo lírico, tipo dramático, tipo lírico elegíaco, tipo dramático poético, etc.); (3) compreendendo a essencial inexplicabilidade da alma humana, cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poética de desentendimento. Este terceiro ponto tem talvez qualquer coisa de diplomático, mas até com a verdade, meu querido Gaspar Simões, há que haver diplomacia.

Nada disto, creio, precisa ser esclarecido, salvo, talvez, o que indiquei como (2). Prefiro – até para abreviar – explicar por um exemplo. Escolho-me a mim mesmo, porque é quem está aqui mais perto. O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho, continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Voo outro – eis tudo. Do ponto de vista humano – em que ao crítico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque – sou um histeroneurasténico com a predominância do elemento histérico na emoção e do elemento neurasténico na inteligência e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra). Desde que o crítico fixe, porém, que sou essencialmente poeta dramático, tem a chave da minha personalidade, no

que pode interessá-lo a ele, ou a qualquer pessoa que não seja um psiquiatra, que, por hipótese, o crítico não tem que ser. Munido desta chave, ele pode abrir lentamente todas as fechaduras da minha expressão. Sabe que, como poeta, sinto; que, como poeta dramático, sinto despegando-me de mim; que, como dramático (sem poeta), transmutando automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti, construindo na emoção uma pessoa inexistente que a sentisse verdadeiramente, e por isso sentisse, em derivação, outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir.

Agora vou parar. Vou reler esta carta, fazer quaisquer emendas que forem precisas, e enviar-lha. Além disso, sou instantaneamente solicitado a acabar de escrever à máquina por um amigo meu, ainda mais bêbado do que eu, que acaba de chegar e não estima embebedar-se sozinho. O «vou reler esta carta» quer, pois, dizer, que a vou reler logo, ou amanhã. Não deverei fazer emendas, salvo as do que saiu errado entre mim e a máquina. Se v. achar qualquer ponto mal esclarecido, diga, que eu direi. E v. não esqueceu, é claro, que o que aí vai é feito sem preparação nenhuma – atirado pelas páginas fora com a rapidez com que a máquina pode ceder ao pensamento decorrente.

Não, não esqueci que não referi o que haverá possivelmente errado no seu conceito do meu entendimento emotivo da música. Saltei esse pormenor porque não sei nada a respeito dele. Mas essa vontade de música é outra das graças do meu espírito dramático. É conforme às horas, os locais, e a parte de mim que esteja virada a fingir para os locais e as horas.

Nem esqueci, é claro, que, para trás, nesta carta, escrevi qualquer coisa sobre «afiar a faca psicológica» e «limpar ou substituir as lentes do microscópico crítico». Registo, com orgulho, que pratiquei, falando de Freud, uma imagem fálica e uma imagem iónica; assim sem dúvida ele o entenderia. O que concluiria, não sei. Em qualquer caso, raios o partam!

E agora estou, definitivamente, cansado e sedento. Desculpe o em que as expressões tenham falhado às ideias e o que as ideias tenham roubado à mentira ou à indecisão.

Um grande abraço do seu muito amigo e admirador.

P. S.

Houve um ponto da sua carta a que não respondi ou me referi. É o que trata da nota do *Descobrimento* sobre Camilo Pessanha.

Quero referir-me simplesmente à influência que o Pessanha pudesse ter tido sobre o Sá-Carneiro. Não teve nenhuma. Sobre mim teve, porque tudo tem influência sobre mim; mas é conveniente não ver influência do Pessanha em tudo quanto, de versos meus, lembre o Pessanha. Tenho elementos próprios naturalmente semelhantes a certos elementos próprios do Pessanha; e certas influências poéticas inglesas, que sofri muito antes de saber sequer da existência do Pessanha, actuam no mesmo sentido que ele.

Mas quanto ao Sá-Carneiro... Eu conhecia, de cor, quase todos os poemas do Pessanha, por mos ter várias vezes dito o Carlos Amaro. Comuniquei-os ao Sá-Carneiro, que, como é de supor, ficou encantado com eles. Não vejo, porém, que tenham influenciado o Sá-Carneiro em qualquer coisa. Uma grande admiração não implica uma grande influência, ou, até, qualquer influência. Tenho uma grande admiração por Camões (o épico, não o lírico), mas não sei de elemento algum camoniano que tenha tido influência em mim, influenciável como sou. E isto por uma razão precisamente igual à que explica a não influência de Pessanha sobre Sá-Carneiro. É que o que Camões me poderia «ensinar», já me fora «ensinado» por outros. A exaltação e sublimação do instinto de pátria são fenómenos insensíveis em sua substância: ou temos naturalmente o sentimento patriótico, ou o não temos; ou temos a capacidade de exaltar e sublimar os nossos sentimentos, ou a não temos. (E, à parte isto, o sentimento

patriótico é uma das coisas mais correntes em todas as literaturas, sendo, aliás, a sublimação construtiva do ódio, que é tão necessário à existência como o amor – a outra coisa igualmente corrente em todas as literaturas.) E a construção e amplitude do poema épico, tem-nas Milton (que li antes de ler *Os Lusíadas*), em maior grau que Camões.

Ora Sá-Carneiro tinha em si mesmo, ou de outras influências, tudo quanto o Pessanha lhe poderia dar, quando primeiro ouviu, como diz, «dos seus versos». Isto explica, ao mesmo tempo, a não influência e a grande admiração.

Muito seu,
F. P.

125
A João Gaspar Simões

Apartado 147.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Como, quando escrevo cartas à máquina, que é sempre que são extensas, ou importa que sejam claras, ou à máquina, tiro, a papel químico, a cópia que não custa tirar, estive agora a reler a que lhe escrevi na sexta-feira e lhe expedi no sábado de manhã, registada, para que se não perdesse.

Depois de reler, desejo fazer uma leve emenda e um acréscimo. A carta foi escrita, como nela mesmo lhe disse, com a velocidade que a máquina permitia, e por isso me escapou uma reserva ou restrição num ponto, e me esqueceu por completo mencionar outro ponto. O primeiro caso tem mais importância do que o segundo.

Onde, falando da influência no Sá-Carneiro da morte prematuríssima da mãe, refiro que a ausência da ternura propriamente humana na obra dele é devida a isso, assim como a introversão de ternura que nele havia, deveria ter exposto melhor, porque não é inteiramente assim. No primeiro caso está bem; no segundo não o está inteiramente. Onde a introversão da ternura é dada (por exemplo) por

Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...,

é deveras a substituição da ternura própria à ternura materna nunca havida. Mas onde o tom é

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
.....
Tristes mãos longas e lindas
Que eram feitas para se dar...,

o caso é outro, e o movimento mental tem outra origem, que é, suponho, inútil que especifique. Reforça-se do primeiro tipo de introversão, mas não procede intimamente dele.

O que me esqueceu por completo mencionar é o caso da referência que fiz no meu *Interregno* a ser aquele folheto escrito de maneira que ninguém mais o poderia escrever, ou qualquer coisa

neste sentido, de que me claramente não recordo. V. tomou isto como uma espécie de nota de narcisismo; já o fez em *Temas*, e agora repetiu-o em *O Mistério da Poesia*. É perfeitamente legítimo que v. o fizesse, porque a frase lá está. O pior é que ela se explica de uma maneira diferente. A frase pertencia ao *Interregno* na sua forma original de manifesto anónimo. O Ministério do Interior impediu a saída do manifesto, a não ser que viesse assinado e convertido em livro – isto é, folheto –, pois assim não era (então) preciso ir à censura, que, tendo sido consultada sobre o manifesto, pusera várias objecções à sua saída. Na revisão que fiz, de muito mau humor, pois me aborreceu muito tudo aquilo das autoridades, esqueci-me de tirar essa frase, que, sendo uma insolência de *blague* no manifesto anónimo, é nem mais nem menos que uma nota de mau gosto – género Shaw ou D'Annunzio – no folheto assinado. Mais nada. Sou absolutamente incapaz de escrever, directa e deliberadamente, uma frase daquela ordem em circunstâncias que não sejam as de um lapso, como as que cito. Tenho empenho em acentuar-lhe isto, não para me esquivar à atribuição de narcisismo (que não é das coisas mais características do meu espírito – mas isso, enfim, não discuto), mas para me não deixar ter por culpado de uma nota de mau gosto e de falta de educação que, na verdade, não deliberei. É uma *gaffe*, se v. quiser (e quererá bem, porque o é), mas não é a má-criação narcisista que, sem esta explicação, se poderia supor.

Sempre e muito seu,

1932

Apartado 147.

Lisboa, 2 de Abril de 1933.

Meu querido Gaspar Simões:

Tantas foram as complicações de ordem prática e urgente que desabaram sobre mim o mês passado que só hoje – domingo – pude começar a passar a limpo os *Indícios de Ouro* do Sá-Carneiro.

Aí lhe mando o que já passei, que é quase metade do livro. Ir-lhe-ei mandando o resto à medida que o for trasladando. Envio, e enviarei sempre, dois exemplares, pois pode ser conveniente v. ter um duplicado, e nada custa tirá-lo quando se escreve à máquina. Logo que esteja pronto o traslado dos *Indícios de Ouro*, farei o do *Guardador de Rebanhos*.

O Sá-Carneiro aceitava a ortografia moderna, simplificada, oficial – ou como se lhe queira chamar. Não sei se vocês seguem um critério de uniformização ortográfica nos livros da colecção; seja como for, no caso do Sá-Carneiro isso está certo, pois assim ele queria e fazia, pedindo às vezes que lhe emendassem a ortografia, para ficar certa com a oficial, onde ele tivesse dúvidas se escrevera realmente de acordo com ela.

Não garanto que esteja tudo rigorosamente certo por esse critério. V., porém, fará o necessário para que fique certo. Há, possivelmente, erros de grafia do próprio Sá-Carneiro, e alguns haverá meus, por lapso, ao copiar. Há porém algumas observações a fazer, relativas

a pontos onde se não deve emendar, ou alterar, embora pareça melhor de outra maneira. Os pontos resumem-se a três (1) Certas palavras (por ex. *ouro* ou *oiro*) que se escrevem indiferentemente com OU ou OI, escreve-as o Sá-Carneiro umas vezes de uma maneira, outras vezes da outra; isto correspondia, como sei, a um impulso rítmico, e não deve portanto alterar-se. (2) Há que manter as maiúsculas como ele as pôs, embora por vezes não seja fácil perceber por que delas usou, e outras vezes o uso seja absurdo e até contraditório dentro do mesmo poema. Nisto, como v. compreende, também se não deve tocar. (3) O mesmo se aplica à pontuação, extraordinariamente irregular e fantasista, mas a que o Sá-Carneiro ligava uma grande importância. Várias vezes eu repontei com ele por causa de traços onde conviria pôr vírgulas, ou ponto-e-vírgulas, etc. Mas ele, apesar de pronto a anuir em outras coisas, nesta nunca anuiu. Concordava muitas vezes comigo, mas tinha amor a essa pontuação especial. Por isso se lhe não deve também tocar.

Creio que são estas as únicas observações que há a fazer. Depois de estar completo o traslado do livro, enviar-lhe-ei uma nota preliminar, ou projecto dela, para v. ver se tem cabimento. Pensei, primeiro, em mandar, para prefácio, as breves linhas que escrevi, com o mesmo sentido, na *Athena*. Acho melhor não as incluir. Mas é por certo essencial que se diga qualquer coisa (uma página ou duas bastará) sobre os *Indícios de Ouro*, a sua publicação agora, etc.

Propriamente falando, os *Indícios de Ouro* acabam numa composição chamada «Último Soneto», publicada já ou na *Athena* ou noutra lugar (neste momento não me lembro); e o soneto que começa: «Que rosas fugitivas foste ali!» e acaba «Onde a minha saudade a Cor se trava». Para além disto há os três sonetos «O Fantasma», «El-Rei» e «Aquele Outro» (publicados na *Athena*), um poema

«Crise Lamentável», que está inédito, e os versos finais (que vieram na *Athena* também), aquela espécie de pré-epitáfio com que fecham os poemas ali insertos. — Ora confesso que não sei se deixo os *Indícios de Ouro* fechados com o «Último Soneto», se lhes agregue estes outros poemas. Há argumentos em favor de qualquer das coisas: por um lado o livro estava naturalmente completo com o «Último Soneto» a fechá-lo; por outro lado o Sá-Carneiro, numa das suas últimas cartas, dizia-me que, quando publicasse o seu livro de versos, juntasse estes poemas. O natural seria esta segunda hipótese. Receio, porém, que apareçam outros poemas, que ele se esquecesse de mencionar, entre as muitas cartas que me escreveu de Paris por essa altura e pouco antes, e que não tive ainda ocasião de reunir e examinar com cuidado, carta a carta. Ora estes poemas, a aparecer, formariam, com os tais suplementares, os «Últimos Poemas» do Sá-Carneiro, e assim deveriam figurar nas *Obras Completas*, não aqui neste livro. Se v. tiver alguma opinião que ache que me pode habilitar a ver claro nisto, dê-ma.

3 de Abril.

Por efeito da acção vulgar do tempo normal, não-einsteiniano, tive ontem que interromper esta carta na altura em que v. a vê interrompida. Estive hoje a rever o que tinha passado a limpo, e a fazer certas emendas, sobretudo as que derivavam de uma comparação do texto escrito do Sá-Carneiro com o texto impresso no *Orpheu*, naqueles poemas do livro que saíram no n.º 1; fiz prevalecer, é claro, o texto do *Orpheu*, pois esse foi revisto, com o devido cuidado, pelo Sá-Carneiro e por mim.

Esquecia-me de apontar que, não para poupar papel mas tempo, copiei os poemas a fio; suponho, contudo, que v. os fará imprir-

mir em páginas separadas. Assim estão, é claro, no próprio livro manuscrito do autor.

Esta carta deve seguir amanhã, e não ainda hoje, e é possível que eu consiga arrancar uns minutos consecutivos ao comércio de Lisboa para avançar o traslado do livro. Interrompo outra vez.

4 de Abril.

Fecho esta carta sem adiantar nada no traslado dos poemas. Vai assim, para não demorar mais. Retomarei amanhã o trabalho de copiar. Estive, agora mesmo, a completar a revisão pelo *Orpheu* dos poemas que lá vieram. Mas, enfim, isto sempre foi um pouco apressado, embora não creia que vão muitos erros: na leitura das provas se fará o necessário para tudo ficar certo, ou, pelo menos, o mais certo possível.

Tive pena que a sua estada em Lisboa, aquando da sua conferência, coincidissem com alguns dias de maior invisibilidade minha. O Almada Negreiros disse-me que v. me tinha procurado, ou que me ia procurar — ele não esclareceu bem qual das coisas era —, mas, se v. me procurou em qualquer lugar onde eu costume estar ou passar, ninguém me deu indicação a esse respeito. Isto me desculpará perante v. de qualquer lapso mais concreto, se porventura houvesse ocasião de mo retribuir.

Sempre e muito seu,

P. S. — Desculpe o atabalhoado desta carta, em todos os seus capítulos, máquinas de escrever diferentes, etc. À força de ter tantas coisas que fazer, todas ao mesmo tempo, estou com a alma não-

-euclidiana. Outro dia serei (espero) de uma geometria mental mais da velha tradição.

141

A João Gaspar Simões

Apartado 147.

Lisboa, 11 de Abril de 1933.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito obrigado pelas suas duas cartas – uma que se cruzou com a minha, a outra chegada agora mesmo.

Acabei ontem de passar a limpo os *Indícios de Ouro*. Vou, ainda, rever a minha transcrição, para eliminar desde já quaisquer erros que haja; de sorte que só amanhã lhe mandarei essa parte final do livro.

O caso de o livro incluir ou não os últimos poemas resolveu-se-me automaticamente à medida que eu o ia passando a limpo. Os *Indícios de Ouro*, apesar de constituídos por poemas vários, e escritos sem intenção de formar um livro com esta ou aquela unidade, têm contudo uma nítida congruência íntima; representam, através dos vários poemas, uma fase absolutamente clara da vida mental do autor. A «Caranguejola» – que v. conhece da *Athena*, e que é o penúltimo poema do livro propriamente dito – destoa nitidamente do conjunto, e do mesmo modo destoa os tais últimos poemas. Visto isto, omiti do livro a «Caranguejola», passando-o a limpo até fechar com «Último Soneto».

O Sá-Carneiro várias vezes – e baseando-se sempre no instinto de uma morte prematura, naturalmente porque sentia que a daria a si mesmo – me falou da publicação, depois da morte dele, de qualquer livro que deixasse, dizendo-me que fizesse do livro o que quisesse e como quisesse. Esta autorização tem, evidentemente, limites – limites que qualquer pessoa, recebedora de tal encargo, a si mesma impõe. Creio, porém, que não excedo esses limites, antes me conformo absolutamente com o encargo, fazendo o livro consistir no que vai trasladado, e deixando os outros poemas para formar uma parte final e suplementar do volume que, nas *Obras Completas*, contenha os poemas. Refiro-me, não só aos últimos poemas que tenho, mas ainda aos tais outros possíveis que porventura venham a aparecer entre as cartas de Sá-Carneiro. (Isto responde implicitamente à sua pergunta, se os últimos poemas por si podem dar um livro; está claro que não, pois, ainda com o que venha a aparecer, não passarão de uns dez ou doze, sendo por enquanto, com a «Caranguejola», seis. Mas, como vê, o meu critério é outro.)

No decurso desta semana farei a nota preliminar para os *Indícios de Ouro*; devo enviar-lhe, o mais tardar, na segunda-feira próxima. Por essa altura deve v. também já ter aí completo *O Guardador de Rebanhos*. Esse também tem um breve prefácio, que seguirá mais tarde; mas, enfim, o que v. quer é ter os originais. Nisto, aliás, não tenha receio. A demora tem sido devida a uma falta absoluta de tempo, como lhe disse.

Dada a constituição do livro do Sá-Carneiro da maneira que acima indiquei, acho que está certíssimo que se publique na *Presença* o único poema dos *Últimos* que está inédito. Ele aí vai. Compreenderá logo por que razão não veio na *Athena*: a magnífica (e dolorosa) brutalidade de expressão na quadra sobre «seguir peque-

nas» era estranha à índole daquela revista, ao passo que o não é à da *Presença*, como o não seria à do *Orpheu*.

Quanto à minha colaboração, seguirá amanhã, com o resto dos *Indícios de Ouro*.

Parece-me que isto abrange quanto lhe queria dizer hoje. Qualquer coisa, que me haja esquecido, direi amanhã.

Um abraço do seu muito amigo e admirador,

142

A João Gaspar Simões

Apartado 147.

Lisboa, 11 de Abril de 1933.

Meu querido Gaspar Simões:

Mais uma falha – esta às avessas. Em vez de lhe mandar amanhã o resto dos *Indícios de Ouro*, vai já hoje. E vai hoje também um pequeno poema meu, para a *Presença*. Ficamos assim em ordem, quanto ao imediato. Durante a semana passarei a limpo *O Guardador de Rebanhos*, como disse na carta junta. Os dois prefácios não tardarão. Não tenho empenho em o arrelhar – velha tradição minha que convém quebrar, como, aliás, a maioria das tradições, excepto as que não existem.

Não mando página para frontispício ou título dos *Indícios de Ouro*, pois isso já se sabe o que é: *Mário de Sá-Carneiro – Indícios de*

Ouro – Poemas... e o mais o que for de editorial, etc. Mas para tudo isso o Tempo nos dará tempo.

Sempre e muito seu,

143

A João Gaspar Simões

Apartado 147.

Lisboa, 1 de Julho de 1933

Meu querido Gaspar Simões:

Muito obrigado pela sua carta. Aí lhe envio colaboração para a *Presença*, mas não sei se servirá. Conformei-me com a sua indicação de a matéria não ser muito pequena. Escolhi por isso esse poema do Álvaro de Campos. O pior é que talvez seja muito grande. Se for, diga-me, e enviarei então qualquer outra coisa de menor extensão; mas, nesse caso, v. arrisca-se a que seja um dos tais poemas milimétricos, por eu não ter tempo de copiar outro. Isto é uma simples indicação e não uma ameaça: não desejo que *Presença* fique submersa na «Tabacaria» Campos.

Quando quer v. que eu lhe envie o prefácio para os *Indícios de Ouro*? E até quando posso eu enviar-lhe o original de *O Guardador de Rebanhos*? Diga-me prazos errados, antecipados por diplomacia, para, se eu tardar, afinal não haver atraso.

A Adolfo Casais Monteiro

Caixa Postal 147,
Lisboa, 13 de Janeiro de 1935

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que nunca eu veria «outras razões» em qualquer coisa que escrevesse, discordando, a meu respeito. Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica, que se lhe faça, como um acto de lesa-divindade. Além disso, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição. À parte isso, conheço já suficientemente a sua independência mental, que, se me é permitido dizê-lo, muito aprovo e louvo. Nunca me propus ser Mestre ou Chefe – Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque nem sei estrelar ovos. Não se preocupe, pois, em qualquer ocasião,

com o que tenha que dizer a meu respeito. Não procuro caves nos andares nobres.

Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz, com um livro da natureza de *Mensagem*. Sou, de facto, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas. E essas coisas, pela mesma natureza do livro, a *Mensagem* não as incluí.

Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto, incitaram-me a que o publicasse: acedi. Nem o fiz, devo dizer, com os olhos postos no prémio possível do Secretariado, embora nisso não houvesse pecado intelectual de maior. O meu livro estava pronto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao prémio, pois ignorava que o prazo para entrega dos livros, que primitivamente fora até ao fim de Julho, fora alargado até fim de Outubro. Como, porém, em fim de Outubro já havia exemplares prontos da *Mensagem*, fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exactamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri.

Quando às vezes pensava na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do género de *Mensagem* figurava em número um. Hesitava entre se deveria começar por um livro de versos grande – um livro de umas 350 páginas –, englobando as várias subpersonalidades de Fernando Pessoa ele-mesmo, ou se deveria abrir com uma novela policiária, que ainda não consegui completar.

Concordo consigo, disse, em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz, com a publicação de *Mensagem*. Mas concordo com os factos que foi a melhor estreia que eu poderia fazer.

Precisamente porque esta faceta – em certo modo secundária – da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (excepto no caso do «Mar Português», parte deste mesmo livro) – precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planeasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional. O que fiz por acaso e se completou por conversa, fora exactamente talhado, com Esquadria e Compasso, pelo Grande Arquitecto.

(Interrompo. Não estou doido nem bêbado. Estou, porém, escrevendo directamente, tão depressa quanto a máquina mo permite, e vou-me servindo das expressões que me ocorrem, sem olhar a que literatura haja nelas. Suponha – e fará bem em supor, porque é verdade – que estou simplesmente falando consigo.)

Respondo agora directamente às suas três perguntas: (1) plano futuro da publicação das minhas obras, (2) génese dos meus heterónimos, e (3) ocultismo.

Feita, nas condições que lhe indiquei, a publicação da *Mensagem*, que é uma manifestação unilateral, tenciono prosseguir da seguinte maneira. Estou agora completando uma versão inteiramente remodelada do *Banqueiro Anarquista*; essa deve estar pronta em breve e conto, desde que esteja pronta, publicá-la imediatamente. Se assim fizer, traduzo imediatamente esse escrito para inglês, e vou ver se o posso publicar em Inglaterra. Tal qual deve ficar, tem probabilidades europeias. (Não tome esta frase no sentido de Prémio Nobel imanente.) Depois – e agora respondo propriamente à sua pergunta, que se reporta a poesia – tenciono, durante o Verão, reunir o tal grande volume dos poemas pequenos do Fernando Pessoa ele-mesmo, e ver se o consigo publicar em fins do ano em

que estamos. Será esse o volume que o Casais Monteiro espera, e é esse que eu mesmo desejo que se faça. Esse, então, será as facetas todas, excepto a nacionalista, que *Mensagem* já manifestou.

Referi-me, como viu, ao Fernando Pessoa só. Não penso nada do Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos. Nada disso poderei fazer, no sentido de publicar, excepto quando (ver mais acima) me for dado o Prémio Nobel. E contudo – penso-o com tristeza – pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa, impuro e simples!

Creio que respondi à sua primeira pergunta. Se fui omissivo, diga em quê. Se puder responder, responderei. Mais planos não tenho, por enquanto. E, sabendo eu o que são e em que dão os meus planos, é caso para dizer, *Graças a Deus!*

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a génese dos meus heterónimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim: quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós

comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas –, cada poema do Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...

Isto explica, *tant bien que mal*, a origem orgânica do meu heteronimismo. Vou agora fazer-lhe a história directa dos meus heterónimos. Começo por aqueles que morreram, e de alguns dos quais já me não lembro – os que jazem perdidos no passado remoto da minha infância quase esquecida.

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos.) Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou antes, o meu primeiro conhecido inexistente – um certo *Chevalier de Pas* dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não

sei em quê, um rival do Chevalier de Pas... Coisas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida – ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que me é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades.

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura – cara, estatura, traje e gestos – imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudade deles.

(Em começando a falar – e escrever à máquina é para mim falar –, custa-me a encontrar o travão. Basta de maçada para si, Casais Monteiro! Vou entrar na génese dos meus heterónimos literários, que é, afinal, o que v. quer saber. Em todo o caso, o que vai dito acima dá-lhe a história da mãe que os deu à luz.)

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, num penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.)

Ano e meio, ou dois anos, depois lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro, no, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta,

mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 –, acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, «O Guardador de Rebanhos». E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caieiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio também, os seis poemas que constituem a «Chuva Oblíqua», de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caieiro a Fernando Pessoa ele só. Ou melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caieiro.

Aparecido Alberto Caieiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o *via*. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a «Ode Triunfal» de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma *coterie* inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a dis-

cussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

Quando foi da publicação do *Orpheu*, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugerii então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o «Opiário», em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas, que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão...

Creio que lhe expliquei a origem dos meus heterónimos. Se há porém qualquer ponto em que precisa de um esclarecimento mais lúcido – estou escrevendo depressa, e quando escrevo depressa não sou muito lúcido –, diga, que de bom grado lho darei. E, é verdade, um complemento verdadeiro e histórico: ao escrever certos passos das *Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro*, do Álvaro de Campos, tenho chorado lágrimas verdadeiras. É para que saiba com quem está lidando, meu caro Casais Monteiro!

Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (à 1.30 da tarde, diz-

-me o Ferreira Gomes, e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era, Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1m,75 de altura – mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo porém liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivía com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numa férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o «Opiário». Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aque-

la prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *tenue* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caetano escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos, como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo», etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis – ainda inédita – ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.)

Nesta altura estará o Casais Monteiro pensando que má sorte o fez cair, por leitura, em meio de um manicómio. Em todo o caso, o pior de tudo isto é a incoerência com que o tenho escrito. Repito, porém: escrevo como se estivesse falando consigo, para que possa escrever imediatamente. Não sendo assim, passariam meses sem eu conseguir escrever.

Falta responder à sua pergunta quanto ao ocultismo. Pergunte-me se creio no ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo porém a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em existências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas razões, e ainda outras, a Ordem Externa do ocultismo, ou seja, a Maçonaria, evita (excepto a Maçonaria anglo-saxónica) a expressão «Deus», dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer «Grande Arquitecto do Universo», expressão que deixa em branco o problema de se Ele é Criador, ou simples Governador, do mundo. Dadas

essas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente o nível da bruxaria, que é magia também), caminho esse extremamente perigoso, em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a *prepara*, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. Quanto a «iniciação» ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertenço a Ordem Iniciática nenhuma. A citação, epígrafe ao meu poema «Eros e Psyche», de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente – o que é facto – que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência, desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho.

Creio assim, meu querido Camarada, ter respondido, ainda com certa incoerência, às suas perguntas. Se há outras que deseja fazer, não hesite em fazê-las. Responderei conforme puder e o melhor que puder. O que poderá suceder, e isso me desculpará desde já, é não responder tão depressa.

Abraça-o o camarada que muito o estima e admira,

Fernando Pessoa

P. S. (!!!)

14/1/1935.

Além da cópia que normalmente tiro para mim, quando escrevo à máquina, de qualquer carta que envolve explicações da ordem das que esta contém, tirei uma cópia suplementar, tanto para o caso de esta carta se extraviar, como para o de, possivelmente, ser-lhe precisa para qualquer fim. Essa cópia está sempre às suas ordens.

Outra coisa. Pode ser que, para qualquer estudo seu, ou outro fim análogo, o Casais Monteiro precise, no futuro, de citar qualquer passo desta carta. Fica desde já autorizado a fazê-lo, *mas com uma reserva*, e peço-lhe licença para lha acentuar. O parágrafo sobre o ocultismo, na página 7 da minha carta, não pode ser reproduzido em letra impressa. Desejando responder o mais claramente possível à sua pergunta, saí propositadamente um pouco fora dos limites que são naturais nesta matéria. Trata-se de uma carta particular, e por isso não hesitei em fazê-lo. Nada obsta a que leia esse parágrafo a quem quiser, desde que essa outra pessoa obedeça também ao critério de não reproduzir em letra impressa o que nesse parágrafo vai escrito. Creio que posso contar consigo para tal fim negativo.

Continuo em dívida para consigo da carta ultradevida sobre os seus últimos livros. Mantenho o que creio que lhe disse na minha carta anterior: quando agora (creio que será só em Fevereiro) passar alguns dias no Estoril, porei essa correspondência em ordem, pois estou em dívida, nessa matéria, não só para consigo, mas também com várias outras pessoas.

Ocorre-me perguntar de novo uma coisa que já lhe perguntei e a que me não respondeu: recebeu os meus folhetos de versos em inglês, que há tempos lhe enviei?

«Para meu governo», como se diz em linguagem comercial, pedia-lhe que me indicasse o mais depressa possível que recebeu esta carta. Obrigado.

F. Pessoa

163

A Adolfo Casais Monteiro

Caixa Postal 147,
Lisboa, 20 de Janeiro de 1935.

Meu querido Camarada:

Muito obrigado pela sua carta. Ainda bem que consegui dizer qualquer coisa que deveras interessasse. Cheguei a duvidar de que o fizesse, pela maneira precipitada e corrente como lhe escrevi, ao sabor da conversa mental que estava tendo consigo.

Respondo com igual espontaneidade, e portanto falta de método e de arrumação, à sua carta agora recebida. Mas, enfim, qualquer coisa respondo. Sigo ao acaso os pontos a que tenho que responder.

Quanto ao seu estudo a meu respeito, que desde já, por o que é de honroso, muito lhe agradeço: deixe-o para depois de eu publicar o livro grande em que congregate a vasta extensão autónima do Fernando Pessoa. Salvo qualquer complicação imprevista, deverei ter esse livro feito e impresso em Outubro deste ano. E então v. terá os dados suficientes: esse livro, a faceta subsidiária representada pela *Mensagem*, e o bastante, já publicado, dos heterónimos. Com isso já o Casais Monteiro poderá ter uma «impressão de conjunto», supondo que em mim haja qualquer coisa tão contornada como um conjunto.

Em tudo isto, reporto-me simplesmente a poesia. Não sou porém limitado a esse sorriso das letras. Mas, quanto a prosa, já me conhece, e o que há publicado é o bastante. Até à data, que indico como provável para o aparecimento do livro maior, devem estar publicados o *Banqueiro Anarquista* (em nova forma e redacção), uma novela policiária (que estou escrevendo e não é aquela a que

me referi na carta anterior) e mais um ou outro escritos que as circunstâncias possam evocar.

É extraordinariamente bem feita a sua observação sobre a ausência em mim do que possa legitimamente chamar-se uma evolução qualquer. Há poemas meus, escritos aos vinte anos, que são iguais em valia – tanto quanto posso apreciar – aos que escrevo hoje. Não escrevo melhor do que então, salvo quanto ao conhecimento da língua portuguesa – caso cultural e não poético. Escrevo diferentemente. Talvez a solução do caso esteja no seguinte.

O que sou essencialmente – por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do que mais haja – é dramaturgo. O fenómeno da minha despersonalização instintiva, a que aludi em minha carta anterior, para explicação da existência dos heterónimos, conduz naturalmente a essa definição. Sendo assim, não evoluo: VIAJO. (Por um lapso da tecla das maiúsculas, saiu-me sem que eu quisesse essa palavra em letra grande. Está certo, e assim deixo ficar.) Vou mudando de personalidade, vou (aqui é que pode haver evolução) enriquecendo-me na capacidade de criar personalidades novas, novos tipos de fingir que compreendo o mundo, ou, antes, de fingir que se pode compreendê-lo. Por isso dei essa marcha em mim como comparável, não a uma evolução, mas a uma viagem: não subi de um andar para outro; segui, em planície, de um para para outro lugar. Perdi, é certo, algumas simplezas e ingenuidades, que havia nos meus poemas de adolescência; isso, porém, não é evolução, mas envelhecimento.

Creio ter dado, nestas palavras apressadas, qualquer vislumbre de uma ideia nítida do em que concordo com, e aceito, o seu critério de que em mim não tem havido propriamente evolução.

Refiro-me, agora, ao caso da publicação de livros meus no futuro próximo. Não há razão para se preocupar com dificuldades nesse sentido. Se quiser realmente publicar o Caeiro, o Ricaro Reis e o Álvaro de Campos, posso fazê-lo imediatamente. Sucede,

porém, que receio a nenhuma venda de livros desse género e tipo. A hesitação está só aí. Quanto ao livro grande de versos, esse, como qualquer outro, tem desde já a publicação garantida. Se penso mais nesse do que noutro, é que acho mais vantagem mental na publicação dele, e, apesar de tudo, menos risco de inêxito na sua edição.

Quanto à publicação do *Banqueiro Anarquista* em inglês, também aí não haverá, creio eu, mas por outras razões, dificuldade notável. Se na obra houver capacidade de interesse para o mercado inglês, o agente literário, a quem eu a enviar, a colocará mais tarde ou mais cedo. Não será preciso recorrer ao apoio do Richard Aldington, cuja indicação, todavia, muito lhe agradeço. Os agentes literários (respondo agora à sua pergunta sobre o que são) são indivíduos, ou firmas, que colocam os livros ou escritos dos autores junto de editores ou directores de jornais, que eles, melhor que os autores, avaliam quais devam ser, mediante uma comissão, em geral de dez por cento. Neste ponto, sei o que hei-de fazer e a quem me hei-de dirigir – coisa rara, aliás, em mim, em qualquer circunstância prática da vida.

Abraça-o o camarada amigo e admirador,

Fernando Pessoa.

164

A Alberto de Serpa

Caixa Postal 147,
Lisboa, 20 de Janeiro de 1935.

Meu prezado Camarada:
Muito obrigado pela sua carta do dia 1 deste mês.

QUADRO CRONOLÓGICO
DAS CARTAS

DATA	DESTINATÁRIO	ASSUNTO	1.ª PUBLICAÇÃO	OBSERVAÇÕES
1923				
20-6	João de Castro	Tradução autores portugueses	1990, M.ª Rosa Baptista, <i>Pessoa Tradutor</i>	
4-8	Armando Côrtes-Rodrigues	Pedido de notícias	1945, F. Pessoa, <i>Cartas a A. Côrtes-Rodrigues</i>	
7-8	Joaquim Pantoja	Apreciação literária: poesia de Alex. Seabra	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
20-8	Rogelio Buendía	Apreciação literária	<i>Ibidem</i>	
31-8	Adriano del Valle	Livros de autores portugueses	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
31-8	Francisco Cabral Metelo	Convite para Oliveira do Hospital	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
?-9	Adriano del Valle	Cont. carta de 31-8	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
3-9	Rogelio Buendía	Tradução de <i>Inscriptions</i>	<i>Ibidem</i>	
14-9	Adriano del Valle	Livros de autores portugueses	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Resp.: 3-10, 1996. <i>Corresp. Inédita</i>
15-9	Rogelio Buendía	Apreciação de tradução	<i>Ibidem</i>	
8-10	Adriano del Valle	Apreciação literária	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	
23-10	<i>Idem</i>	Envio de livros	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
23-10	Francisco Cabral Metelo	Recusa de convite	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
13-11	Watts & C.ª	Pagamento de livros	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resp.: 19-11, <i>ibid.</i>
?-?	Francisco Cabral Metelo	Apreciação de <i>Sachá</i>	1923, <i>Contemporânea</i> , n.º 8	

1924				
23-4	Adriano del Valle	Apreciações literárias	1989, M. ^a M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Parte publ., 1986, F. Pessoa, <i>Obra Poética e em Prosa</i>
1-6	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	
14-9	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	Resp.: 22-9, 1996, <i>Corresp. Inédita</i>
14-9	Isaac del Vando-Villar	Apreciação literária	1979, <i>Persona</i> , n.º 3, Julho	
14-9	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	
24-9	Adriano del Valle	Ref. <i>Contemporânea</i> , n.º 10	1989, M. ^a M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Resp.: 10-11 in 1989, <i>As Cartas de Pessoa</i>
25-9	Éditions Adyar	Encomenda de livro	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
7-10	Alberto Teles Machado	Pedido colab. para <i>Athena</i>	<i>Ibidem</i>	
11-10	Adriano del Valle	Envio: <i>Contemporânea</i> , n.º 10	<i>Ibidem</i>	
31-10	William Bentley	Divulgação de <i>Athena</i>	1989, M. ^a M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Parte publicada in 1971, A. Pina Coelho
15-11	Paulo Osório	Difusão de <i>Athena</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
26-11	The Electroz	Pedido de catálogo	<i>Ibidem</i>	
26-11	H. Gypsia	Encomenda de livro	<i>Ibidem</i>	
27-11	Sociedade Martins Sarmiento	Agradecimento por envio de livro	<i>Ibidem</i>	
5-12	W. Heffer & Sons	Encomenda de livros	<i>Ibidem</i>	
29-12	Kineton Parkes	Envio de <i>Athena</i> e versos ingleses	<i>Ibidem</i>	
29-12	P. Chander Smith	Envio de <i>Athena</i>	<i>Ibidem</i>	

1925				
1-1	William Bentley	Envio de <i>Athena</i> , n.º 2	<i>Ibidem</i>	
7-1	Catvalho Henriques	Agradecimento de livro	<i>Ibidem</i>	
7-1	João Cabral do Nascimento	Apreciação literária	<i>Ibidem</i>	
27-2	Carlos Lobo de Oliveira	Revisão de provas (<i>Athena</i>)	1963, <i>Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris</i> , n.º 24, Abril	Reproduzida em fac-símile
7-5	Francisco Costa	Pedido de Colaboração para <i>Athena</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resp.: 8-5 in 1996, <i>Corresp. Inédita</i>
23-5	Cellon-Werke	Representações de produtos	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resp.: 9-6, <i>ibid.</i>
5-6	Francisco Costa	Colaboração para <i>Athena</i>	1986, F. Pessoa, <i>Obra Poética e em Prosa</i> , II	
1-7	Cellon-Werke	Representações de produtos	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resp.: 22-7, <i>ibid.</i>
10-8	Francisco Costa	Apreciação literária	1944, <i>Diário da Manhã</i> , 12 de Dezembro	
19-8	A. Gaupin de Sousa	Empréstimos bancários	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
31-8	Não identificado	Internamento em manicómio	1971, A. Pina, <i>Os Fundamentos Filosóficos da Obra de F. Pessoa</i>	
20-10	Eden Fisher	Invento de Anuário	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	
31-10	Zia Reshid	Empréstimos bancários	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
21-11	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	
27-11	Banco Angola e Metrópole	Cedência: patente Anuário	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	
1926				
6-3	Guérin Frères	Patente de Anuário	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
18-3	Presidente da Ass. Com. de Lx.	Prorrogação de impostos	<i>Ibidem</i>	Existe outra versão (ESP. 114 ^l -69)

18-4	João [Castro Osório?]	Ortografia Moderna	1993, <i>Pessoa Inédito</i>	
12-8	Hofherr-Schranz-Clayton-Shuttleworth	Conflitos com firma Carvalho Almeida	Inédita (ESP. 114 ² -56 e 57)	
17-8	José Pacheco	Demissão de Augusto Gil	1977, Gustavo Nobre «José Pacheco», <i>Colóquio-Artes</i> , n.º 35, Dezembro	
17-9	A. Ferreira Gomes	Inquérito de <i>A Informação</i>	1926, <i>A Informação</i> , 17 de Setembro	Assinada: Álvaro de Campos
1927				
14-2	<i>Daily Express</i>	Crítica a artigo sobre tabacos	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
1-4	Não identificado	Projecto do <i>Grémio</i>	<i>Ibidem</i>	Parte publ., 1971, A. Pina Coelho
13-5	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	
1928				
26-1	José Régio	Livro de Régio e <i>Presença</i>	1988, <i>Colóquio-Letras</i> , n.º 106, Nov.-Dez.	
31-1	<i>Idem</i>	Colaboração de Sá-Carneiro	1998, <i>Cartas entre F. Pessoa e os directores da Presença</i>	
24-3	<i>Idem</i>	Parabéns <i>Presença</i> , n.º 10	1985, J. Rui de Sousa, <i>F. Pessoa, empregado de escritório</i>	Telegrama assinado por Álvaro de Campos
13-4	<i>Jornal do Comércio</i>	Sebastianismo	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Castas de Pessoa</i>	
3-5	José Régio	Promete tábuas bibliográfica e colaboração	1998, <i>Cartas entre F. Pessoa e os directores da Presença</i>	
17-5	Carlos Lobo de Oliveira	Envio de exemplares (<i>Athena</i>)	1963, <i>Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris</i> , n.º 24, Abril	Reproduzida em fac-símile

29-6	José Régio	Silêncio, atraso	1998, <i>Cartas entre F. Pessoa e os directores da Presença</i>	
15-11	<i>Idem</i>	Dados bibliográficos	<i>Ibidem</i>	
20-11	<i>Idem</i>	Envia poemas	<i>Ibidem</i>	
6-12	<i>Idem</i>	Nota bibliográfica. Apreciação de poema	<i>Ibidem</i>	
?-?	David Davidson	Sebastianismo, Profecias	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i> ,	
?-?	Teixeira de Pascoaes	Apreciação literária	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Castas de Pessoa</i>	
1929				
1-1	José Régio	Elogia a receptividade da <i>Presença</i>	1998, <i>Cartas entre F. Pessoa e os directores da Presença</i>	
14-3	José Régio	Referência ao cinema	1998, <i>Cartas entre F. Pessoa e os directores da Presença</i>	
16-5	<i>Idem</i>	Inquérito sobre cinema	<i>Ibidem</i>	
17-5	Revista <i>Presença</i>	Colaboração	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i> ,	
31-5	J.-M. Buckner	Negócio: tabaco	<i>Ibidem</i>	
26-6	J. Gaspar Simões	Reacção ao livro <i>Temas</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Outra versão, 1989, M.ª M. Parreira Silva
[18-8]	<i>Noticias Ilustrado</i>	Artigo de Pessoa: «O Conto do Vigário»	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Castas de Pessoa</i>	Assinada por «Um vigarista»
11-9	Ofélia Queirós	Alegria do Reencontro	1978, F. Pessoa, <i>Cartas de Amor</i>	Resp.: 12-9, in 1996, <i>Cartas de Amor de Ofélia</i>
14-9	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	
18-9	<i>Idem</i>	Requerimento	<i>Ibidem</i>	
24-9	<i>Idem</i>	Idade: diferença	<i>Ibidem</i>	Resp.: 25-9, <i>ibid.</i>
25-9	<i>Idem</i>	Pedido de afastamento	<i>Ibidem</i>	Assinada: Campos. Resp.: 26-9, <i>Ibid.</i>
26-9	<i>Idem</i>	Intromissão de A. de Campos	<i>Ibidem</i>	

29-9	<i>Idem</i>	Obra literária e casamento	<i>Ibidem</i>	Resp.: 30-9, <i>ibid.</i>
30-9	J. Gaspar Simões	Edição da obra de Sá-Carneiro	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 13-10, 1998, <i>Cartas entre F. P. e directores da Presença</i>
2-10	Ofélia Queirós	Confissão de loucura	1978, F. Pessoa, <i>Cartas de Amor</i>	Resp.: 3-10, 1996, <i>Cartas de Amor de Ofélia</i>
9-10	<i>Idem</i>	Desejo de contacto físico	<i>Ibidem</i>	Resp.: 9-10, <i>ibid.</i>
9-10	<i>Idem</i>	Estado nervoso	<i>Ibidem</i>	Resp.: 10-10, <i>ibid.</i>
17-10	J. Gaspar Simões	Edição da obra de Sá-Carneiro	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 22-10, 1998, <i>Cartas entre F. P. e directores da Presença</i>
4-12	Mandrake Press	Correcção de horóscopo de Al. Crowley	1994, Marco Pasi, <i>Aleister Crowley: tra trasgressione e tentazione politica</i>	Resp.: 11-12, 1994, Marco Pasi, <i>Aleister Crowley: tra trasgressione...</i>
6-12	J. Gaspar Simões	Edição da obra de Sá-Carneiro	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 8-12, 1998, <i>Cartas entre F. P. e directores da Presença</i>
16-12	Ofélia Queirós	Envio de fotografia	1978, F. Pessoa, <i>Cartas de Amor</i>	Resp.: 17-12, 1996, <i>Cartas de Amor de Ofélia</i>
1930				
6-1	Aleister Crowley	Combina encontro	1994, Marco Pasi, <i>Aleister Crowley: tra trasgressione e tentazione politica</i>	Resp.: s/d., 1987, Isabel M. França <i>Fernando Pessoa na intimidade</i>
10-1	J. Gaspar Simões	Edição da obra de Sá-Carneiro	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 23-1, 1998, <i>Cartas entre F. P. e directores da Presença</i>

11-1	Adolfo Casais Monteiro	Apreciação literária	1985, A. C. Monteiro, <i>A Poesia de F. Pessoa</i>	
11-1	Ofélia Queirós	Envio de poema	1978, F. Pessoa, <i>Cartas de Amor</i>	Resp.: 12-1, <i>ibid.</i>
17-1	José Régio	Apreciação literária	1971, <i>A Rabeca</i> , 23 de Maio	Resp.: 24-1, 1987, Isabel M. França
25-2	Aleister Crowley	Não ida a Inglaterra	1994, Marco Pasi, <i>Aleister Crowley: tra trasgressione e tentazione politica</i>	
7-4	António Ferro	Entrevistas de A. Ferro	1971, <i>A Rabeca</i> , 23 de Maio	
20-4	Conde de Keyserling	Conferência sobre «alma portuguesa»	1988, F. Pessoa, <i>A Grande Alma Portuguesa</i>	
29-5	Aleister Crowley	Ida a Inglaterra e horóscopo	Catálogo da Assírio & Alvim, 1997	
6-6	Adolfo Rocha (Miguel Torga)	Apreciação literária	1965, Andréa Rocha, <i>A Epistolog. em Portugal</i>	Resp.: 9-6, in 1989, M. ^a M. Parreira Silva
?-6	<i>Idem</i>	<i>idem</i>	1966, F. Pessoa, <i>Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literária</i>	
28-6	João Gaspar Simões	Referência a Adolfo Rocha	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Versão: 12-6, 1996, <i>Corresp. Inédita</i> e resp.: 30-6, 1998, <i>Cartas entre F. P...</i>
4-7	<i>Idem</i>	Colaboração para <i>Presença</i>	<i>Ibidem</i>	Resp.: 7-7, <i>ibid.</i>
16-10	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	Resp.: s/d., <i>ibid.</i>
22-10	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	Resp.: 25-10, <i>ibid.</i>
26-10	<i>Idem</i>	Ref. «O Último Sortilégio»	<i>Ibidem</i>	Resp.: 7-11, <i>ibid.</i>
18-11	<i>Idem</i>	Poesia inglesa	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 24-11, <i>ibid.</i>
3-12	<i>Idem</i>	Colaboração para <i>Presença</i>	<i>Ibidem</i>	Resp.: 5-12, <i>ibid.</i>
6-12	<i>Idem</i>	<i>Idem</i> . Ref. a A. Crowley	<i>Ibidem</i>	

19-12	<i>Idem</i>	Colaboração para a <i>Presença</i>	<i>Ibidem</i>	Resp.: 23-12, <i>ibid.</i>
1931				
4-1	<i>Idem</i>	<i>Idem.</i> «Hino a Pã» de Crowley	<i>Ibidem</i>	Resp.: 20-1, <i>ibid.</i>
7-2	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	
10-2	Aleister Crowley	Falta de Financiamento para revista	Catálogo da Assírio & Alvim, 1997	
14-2	Teixeira de Pascoaes	Agradece obras e promete carta	1969, J. Prado Coelho, <i>A Letra e o Leitor</i>	
4-4	João Gaspar Simões	Colaboração para a <i>Presença</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: s/d., <i>Ibid.</i>
26-5	<i>Idem</i>	Colaboração e combina encontro	1998, <i>Cartas entre F. Pessoa e os directores da Presença</i>	Resp.: 30-5, <i>Ibid.</i>
6-6	<i>Idem</i>	Edição da obra de Sá-Carneiro	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 11-6, <i>Ibid.</i>
5-10	<i>Idem</i>	Ref. a A. Crowley	<i>Ibidem</i>	Resp.: 10-10, <i>Ibid.</i>
1-11	<i>Idem</i>	Trad.: «Hino a Pã»	<i>Ibidem</i>	
3-11	<i>Idem</i>	Envio de colaboração	1998, <i>Cartas entre F. Pessoa e os directores da Presença</i>	Resp.: 11-11, <i>Ibid.</i>
9-11	L. P. Moitinho de Almeida	Apreciação literária	1954, Moitinho de Almeida, <i>Algumas Notas Biográficas sobre F. P.</i>	
20-11	João Gaspar Simões	Colaboração para <i>Presença</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	
3-12	<i>Idem</i>	Crítica a obra de J. G. Simões	<i>Ibidem</i>	Resp.: 10-12, <i>Ibid.</i>
11-12	<i>Idem</i>	Crítica à teoria freudiana	1936, <i>Presença</i> , n.º 48, Julho	
14-12	<i>Idem</i>	Cont. de 11-12. Sá-Carneiro	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 12-5-1931, <i>Ibid.</i>
1932				
12-5	<i>Idem</i>	Polémica Simões-Sérgio	<i>Ibidem</i>	
14-5	José Osório de Oliveira	Artigo sobre Goethe	1981, <i>Persona</i> , n.º 6, Outubro	
25-5	João Gaspar Simões	Referência a <i>Presença</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 27-5, <i>Ibid.</i>

16-7	<i>Idem</i>	Polémica Simões-Sérgio	<i>Ibidem</i>	Resp.: s/d., <i>ibid.</i>
28-7	<i>Idem</i>	Plano de publicação	<i>Ibidem</i>	Resp.: s/d., <i>ibid.</i>
16-9	Museu-Biblioteca Castro Guimarães	Candidatura a conservador do Museu	1950, J. Gaspar Simões <i>Vida e Obra de Fernando Pessoa</i> , vol. II	
22-10	J. Gaspar Simões	Atraso. Doença. Desculpas	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 25-1-1933, <i>ibid.</i>
?-?	João de Castro Osório	Poesia pagã de Paulino de Oliveira	1932, <i>Descobrimento</i> , n.º 6-7, Verão-Outono	
?-?	José Osório de Oliveira	Inquérito sobre livros	1936, <i>Diário de Lisboa</i> , 29 de Maio	
1933				
3-2	J. Gaspar Simões	Elogio de Elói	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 17-2, <i>ibid.</i>
10-2	Júlio R. Pereira	Desenhos de Júlio	1981, <i>Persona</i> , n.º 6, Outubro	
18-2	J. Gaspar Simões	Edição: autores portugueses	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	
25-2	<i>Idem</i>	Edição: Caeiro	<i>Ibidem</i>	Resp.: 1-3, <i>ibid.</i>
11-3	António Ferro	Apreciação de livro	1974, <i>Diário Popular</i> , 31 de Janeiro	
2-4	J. Gaspar Simões	Edição de <i>Indícios de Ouro</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	
11-4	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Ibidem</i>	Resp.: 18-3, <i>ibid.</i>
11-4	<i>Idem</i>	Envio de textos	<i>Ibidem</i>	
1-7	<i>Idem</i>	Col. <i>Presença</i>	<i>Ibidem</i>	
12-7	Albatross	Inscrição no Al. Crime Club	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	Resp.: 17-7, 1996, <i>Corresp. Inédita</i>
15-8	Bernarr Macfadden	Art. em <i>Fama</i> : Colónia Estoril	<i>Ibidem</i>	
18-8	Wieselthier	Medida do colarinho	<i>Ibidem</i>	Resp.: 10-10, <i>Ibid.</i>
19-8	B. Macfadden	Cont. carta de 15-8	<i>Ibidem</i>	
27-9	António Ferro	«Cunha» para emprego de A. T. Rebelo (SPN)	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Resp.: 17-10, <i>ibid.</i>
20-10	Rider & C.ª	Pedido de catálogo	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	

26-12	Adolfo Casais Monteiro	Envio: poemas ingleses	1985, A. C. Monteiro, <i>A Poesia de F. Pessoa</i>	Resp.: 3-4-1934, in, 1985, C. Monteiro
26-12	Branquinho da Fonseca	Promessa de crítica a <i>Zonas</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
1934				
22-1	J. Gaspar Simões	Colaboração para <i>Presença</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 24-1, 1998, <i>Cartas de F. P. a directores da Presença</i>
28-1	<i>A Voz</i>	Maçonaria	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	Assinado: «Um Irregular do Transepto»
8-2	J. Gaspar Simões	Colaboração para <i>Presença</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	Resp.: 10-2, <i>ibid.</i>
8-2	Tomás Ribeiro Colaço	Colaboração para <i>Fradique</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
15-2	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	1989, M.ª M. Parreira Silva, <i>As Cartas de Pessoa</i>	
17-10	A. Allen	Negócio: Gouveia Carvalho	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
24-12	Adolfo Casais Monteiro	Livro de Casais. <i>Mensagem</i>	1985, A. C. Monteiro, <i>A Poesia de F. Pessoa</i>	Resp.: 10-1, in 1985, C. Monteiro
24-12	J. Gaspar Simões	Promete crítica. <i>Mensagem</i>	1957, F. Pessoa, <i>Cartas a J. Gaspar Simões</i>	
24-12	José Régio	Agradece livro. Envia poesia	1979, <i>Jornal de Vila do Conde</i> , 20 de Setembro	
?-?	Tomás Ribeiro Colaço	Polémica sobre poesia de Botto	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	
1935				
13-1	Adolfo Casais Monteiro	Génese dos heterónimos	1937, <i>Presença</i> , n.º 49	Resp.: 17-1, <i>ibid.</i>
20-1	<i>Idem</i>	Auto-análise. Publicação de obra literária	1943, <i>Diário Popular</i> , 9 de Setembro	
20-1	Alberto de Serpa	Promete crítica a <i>Varanda</i>	1996, F. Pessoa, <i>Correspondência Inédita</i>	

4-10	<i>Diário de Notícias</i>	Resp. a anúncio	<i>Ibidem</i>	
10-10	Tomás Ribeiro Colaço	Colaboração para <i>Fradique</i>	1983, F. Pessoa, <i>Obras em Prosa</i> , (Aguilar)	
15-10	Luís Miguel N. Rosa	Envia poema «alcoólico»	1965, F. Pessoa, <i>Obra Poética</i> , (Aguilar)	Incompleta
30-10	Adolfo Casais Monteiro	Colaboração para <i>Presença</i> . Ref. Estado Novo	1985, A. C. Monteiro, <i>A Poesia de F. Pessoa</i>	
?-?	Marques Matias	Agradece livro. Estado Novo	1985, <i>Fernando Pessoa: o Último Ano</i>	

«The letter can be either portrait or mask.»

JANET ALTMAN

«A carta morre mais depressa quando não encontra o seu destinatário.»

CARLOS ALVES

A publicação sistemática das cartas escritas por Fernando Pessoa, ao longo de trinta anos de vida, tem como principal objectivo oferecer aos leitores e estudiosos da obra pessoana um instrumento de trabalho e um objecto de prazer.

A dispersão das cartas, no espaço e no tempo de jornais, revistas e livros de autores variados, inviabilizava, na prática, o pleno acesso a este importante material. Se algumas cartas – e refiro, por exemplo, a conhecida carta a Adolfo Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos, ou algumas cartas a Armando Côrtes-Rodrigues e João Gaspar Simões – têm sido reproduzidas e re-publicadas à saciedade, outras há que nos surgem, hoje, quase como se fossem inéditas – e refiro, por exemplo, duas ou três cartas enviadas a Mário Beirão, perdidas nas páginas de um amarelecido *Diário Popular* de 1957, ou os postais publicados, em 1963, num pouco difundido *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, pelo destinatário, Carlos Lobo de Oliveira.

Impunha-se, pois, reunir cartas conhecidas, esquecidas, guardadas em cópia nas «arcas» de Pessoa, ou mesmo alguns rascunhos suficientemente legíveis e fundamentais para o seu entendimento

enquanto homem e enquanto poeta-pensador. Impunha-se reconstituir a cadeia temporal da sua intervenção epistolar, na própria medida em que ela acompanha e interage com a sua escrita literária e ensaística e é dela sintoma, quando não mesmo, substância. Juntar todos os fragmentos, recompor conjuntos significantes e significativos equivale, então, a reencontrar a história, as múltiplas histórias da obra pessoana, a rede imensa da sua vida relacional, e a refazer também aquela parte da História da Cultura e da Literatura portuguesas de que Pessoa é, indubitavelmente, um dos protagonistas.

Podemos surpreender, assim, ao percorrer cronologicamente as cartas destes dois volumes de *Correspondência*, a vida-obra de Fernando Pessoa no seu devir, no seu ir-se escrevendo para a posteridade (escrever uma carta significa sempre vencer a distância e buscar um interlocutor algures no futuro), no seu confrontar-se com os inúmeros companheiros de viagem.

É desta viagem que somos as testemunhas e, de algum modo, também os agentes, pois nos cabe a enorme tarefa de manejar, de encontrar os nexos de uma rede intrincada de relações e de silêncios.

Este segundo volume inicia-se com as cartas escritas em 1923. Na sequência do ano anterior, em que Fernando Pessoa – após um ano de 1920 dedicado à paixão e um ano de 1921 intensa e ingloriamente vivido no mundo dos negócios – parece recuperar todo o seu entusiasmo literário e toda a sua vontade missionária de servir Portugal, é nas margens da *Contemporânea* que o vemos epistolarmente actuar.

Com efeito, é através da revista de José Pacheco, especialmente vocacionada para o intercâmbio luso-espanhol, que Pessoa conhece e convive com os poetas andaluzes Rogelio Buendía, Adriano del Valle e Isaac del Vando-Villar, todos eles ligados ao movimento ultraísta, desejosos de se mostrarem ao público português e ávidos

também de notícias literárias e artísticas do nosso país. Nestes três homens, mas sobretudo em Adriano, encontra, portanto, o nosso poeta o terreno propício para a sua acção de divulgador da literatura portuguesa e dos seus escritores mais representativos. O que interessa fundamentalmente Pessoa não é, de facto, trazer até nós os espanhóis, mas levar os portugueses, literariamente falando, para além da fronteira, à *conquista* de outros leitores e do resto da Europa.

Por outro lado, assistimos neste ano de 1923, e pela primeira vez, à internacionalização de Fernando Pessoa, se assim me posso exprimir. A publicação das traduções feitas por Buendía de alguns dos seus poemas ingleses e a publicação de uma carta sua, em jornais andaluzes, não pode ter deixado de agradar ao poeta português e de o ter estimulado para uma tão profícua correspondência.

Saudoso de *Orpheu* e algo decepcionado com a *Contemporânea* (onde continua, no entanto, a colaborar), como confessa a Côrtes-Rodrigues (carta n.º 2), Pessoa vai amadurecendo, sem dúvida, ao longo deste ano, o ambicioso projecto de *Athena*. A quase-falência da revista de José Pacheco, em 1924, dir-se-ia apressar não apenas a eclosão de uma nova revista, como também o esmorecer da troca de cartas com os companheiros de Espanha. A partir de Setembro, Pessoa só está disponível para a sua *Athena*.

Os últimos meses de 1924 são inteiramente ocupados, do ponto de vista epistolar, com a difusão da revista e os contactos com os colaboradores e assinantes. A diversificação dos interlocutores é um facto que se regista e se prolonga no ano seguinte, pelo menos até ao quinto e último número de Junho (saído embora com a data de Fevereiro). É agora a vez de *Athena* falir, mas não de falhar enquanto projecto no qual Pessoa põe todo o seu empenho e também toda a sua arte de encenador dramático. Nela, nesta revista destinada a um público «que não há», isto é, àquele pouco que compreende, se

dão a conhecer publicamente Alberto Caeiro e Ricardo Reis e a faceta pessoana de tradutor literário, e se digladiam, no plano teórico, Álvaro de Campos e o próprio Pessoa.

Verificamos, porém, que o labor exigido por *Athena* não impede o poeta de continuar a dedicar muito do seu tempo aos negócios próprios e alheios, conforme o documentam algumas cartas deste período. O ano de 1925 afigura-se, assim, extremamente activo, tanto mais que é também nesta altura que F. Pessoa trabalha no seu invento de um anuário sintético, do qual chega a registar a patente e para o qual, como se vê, tenta encontrar uma viabilidade económica (cartas a Eden Fisher, Banco Angola e Metrópole, Guérin Frères).

Não será, pois, de estranhar que date de Agosto de 1925 uma carta a um advogado não identificado (carta n.º 43), admitindo estar a sofrer um acesso de «loucura psicasténica» e a precisar de internamento num manicómio.

A actividade do poeta não parece, de modo algum, diminuir no ano seguinte, ainda que o corpo epistolar de 1926 não seja muito elucidativo. Temos, contudo, além de notícias de negócios, um breve sinal (carta n.º 50) de outro projecto no qual participou e colaborou com entusiasmo, o da *Revista de Comércio e Contabilidade*, dirigida pelo seu cunhado, Francisco Caetano Dias, de que se publicam, entre Janeiro e Junho de 1926, seis números.

As três únicas cartas de 1927, de que dispomos, ajudam sobremaneira a confirmar que F. Pessoa não era o poeta lunático, associal e misantropo, que alguns teimam em imaginar. Estes fragmentos mostram, de facto, um permanente «desassossego», quer do Pessoa crítico quer do Pessoa interventor na sociedade do seu tempo, sempre empenhado na busca de mais largos horizontes e de mais longos caminhos para a cultura portuguesa.

O aparecimento, em Coimbra, da revista *presença*, neste mesmo ano, iria oferecer a Pessoa um novo palco para a sua poesia. Pessoa não é mais agora o encenador, mas o actor de corpo inteiro, o actor das múltiplas máscaras, representando em quase todos os números o seu papel de mestre de uma geração.

É assim que, em 1928, sobressai, pelo seu volume, a correspondência trocada com José Régio, um dos directores da revista coimbrã. Aí se torna evidente o modo como F. Pessoa, intuindo, por certo, a importância decisiva que a hospitalidade dos presencistas teria para a sua visibilidade pública e para o seu definitivo reconhecimento literário, não descursa nem a colaboração nem uma certa pose de poeta consagrado.

O ano seguinte continua a ser postalmente marcado pela relação privilegiada que Pessoa (e Campos) estabelece(m) com os presencistas. Além de José Régio, também João Gaspar Simões surge agora como válido interlocutor. Este passa, de resto, a ser preferido por Pessoa na sua estreita comunicação com a *presença*. Talvez porque, enquanto primeiro crítico e divulgador extasiado da sua obra e personalidade, mereça ao criador dos heterónimos mais *confiança* do que um José Régio, poeta e, por assim dizer, seu rival, admirador confesso da grande poesia de Mário de Sá-Carneiro.

Ainda assim, em 1929, os homens da *presença* têm de partilhar as atenções de Pessoa com Ofélia Queirós. Depois de um longo intervalo de nove anos, as «ridículas» cartas de amor voltam a ocupar a escrita e o tempo pessoanos. Trata-se, no entanto, de uma efémera recaída. A paixão absorvente de 1920, responsável, em grande parte, pela ausência total de cartas para outros correspondentes, naquele ano, é substituída por uma às vezes terna, às vezes indiferente amizade, quase sempre com a desdenhosa intromissão do engenheiro Álvaro de Campos.

O ano de 1930 é particularmente rico, do ponto de vista das relações estabelecidas por Pessoa. Para além da intensa correspondência com João Gaspar Simões, a quem vai fornecendo, pouco a pouco, parte importante da matéria-prima para a sua futura e monumental biografia, o poeta entretém uma azeda troca de cartas com Adolfo Rocha e interpela também com algum melindre o Conde de Keyserling.

É deste mesmo ano que nos fica o último documento do seu romance amoroso com Ofélia Queirós, ponto final dado, sem dúvida, pelo seu duplo Álvaro de Campos, o mesmo senhor que, dir-se-ia, ajuda a inventar o rocambolesco desaparecimento de Aleister Crowley, também em 1930. Não é, no entanto, o engenheiro sensacionista que escreve ao Mago Negro. As cartas incluídas neste volume (n.ºs 91 e 96) dizem bem do interesse de Pessoa nesta mágica relação e, sobretudo, no seu convívio com o oculto.

Note-se como na leitura cruzada destas cartas de 1930 é possível surpreender, como se de um romance epistolar se tratasse, todo o imbrincado do dito e do não-dito, da verdade e do fingimento, do histórico e do ficcional que caracterizam particularmente a escrita de Fernando Pessoa. Assim se encontram, nas cartas a Gaspar Simões, os ecos das cartas trocadas com o futuro Miguel Torga, e se apreende um subtil fio para a compreensão da dissidência deste último relativamente à revista coimbrã. Assim se assiste à tentativa de Pessoa de convencer ou, pelo menos, de deixar no espírito de Gaspar Simões a dúvida sobre o pretensu suicídio de Crowley na Boca do Inferno.

1931 é também, epistolamente falando, um ano de João Gaspar Simões. De facto, se exceptuarmos as breves missivas a Luís Moitinho de Almeida e a Teixeira de Pascoaes (este, curiosamente, um dos poucos, se não mesmo o único interlocutor de Pessoa que parece

resistir ao tempo...), é na correspondência com o crítico de Coimbra que o poeta se concentra. A carta de 11 de Dezembro (n.º 124), nuclear para o entendimento poético de Pessoa, mostra como este encontra nos presencistas o porto seguro para a sua sempre insegura embarcação, mas também como eles se lhe afiguram, neste momento decisivo da sua vida, os porteiros de um futuro grandioso.

O ano seguinte continua a ser marcado pela mesma tendência. Pessoa procura, com toda a clareza, dar corpo visível e inteiro à sua obra dispersa e incompleta. Se a *presença* constitui o palco, e os seus directores se revelam, cada vez mais, os encenadores ideais do seu «drama-em-gente», os seus biógrafos, os seus críticos incansáveis, a verdade é que só pode ser dada a conhecer uma obra que *existe*. Para a organizar e para a completar, o poeta precisa de tempo e disponibilidade física e mental que um retiro em Cascais, por exemplo, lhe poderia dar. A carta de candidatura ao cargo de conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães (n.º 131) atesta esta intenção, há muito, aliás, acalentada, como se percebe nas cartas de 1929 a Ofélia.

A decepção causada pela recusa da sua candidatura e da sua pretensão não transparece, de modo algum, nas cartas de 1933. Pessoa continua a investir na *presença*, embora não deixe de se mostrar interessado em projectos tão diferentes como o de uma Colónia Macfadden no Estoril, sobre o qual escreve um artigo para *Fama* (ver cartas n.ºs 145 e 147) e de continuar atento a todas as edições de livros policiais saídas em Inglaterra.

Também o interesse que demonstra relativamente à literatura sobre Maçonaria (carta n.º 149) antecipa, de certa forma, a sua intervenção, em 1934, junto do jornal *A Voz* (carta n.º 153), e, em 1935, com o conhecido artigo de Fevereiro no *Diário de Lisboa*, em defesa das associações secretas.

O ano de 1934 deixa ver, ainda, a colaboração de Pessoa em *Fradique*, publicação que se situa quase nas antípodas da *presença*. Mas as relações estabelecidas com o ultra-conservador Tomás Ribeiro Colaço, amigáveis é certo, revelam alguma tensão. A polémica em torno de António Botto, na qual Pessoa está obviamente contra o director de *Fradique* e a favor de José Régio, em primeiro lugar; mais tarde, já em 1935, a carta aberta de Tomás Colaço a Fernando Pessoa, reagindo contra a sua defesa da Maçonaria, e o evidente mal-estar sentido pelo poeta (ver, por exemplo, carta n.º 166), indiciam o seu afastamento relativamente ao núcleo nacionalista.

As cartas do último ano de vida do poeta dão conta, por outro lado, de um visível abatimento que a censura do Estado Novo e as directrizes salazaristas lhe causam. A incompreensão gerada pela publicação quase simultânea dos poemas «nacionalistas» de *Mensagem* e do artigo em defesa de uma associação «anti-nacional», consubstanciada em Tomás Colaço, é apenas mais um motivo para esse abatimento de que fala a Marques Matias e a Adolfo Casais Monteiro (cartas n.ºs 168 e 169).

É este último interlocutor que Pessoa escolhe como confidente em 1935. As conhecidas e importantíssimas cartas de 13 e 20 de Janeiro constituem o seu decisivo testamento literário e corporizam, definitivamente, o mito-Pessoa que Casais Monteiro se encarregará, com Gaspar Simões, de cultuar e passar para a posteridade. Apesar das afirmações em contrário, não há dúvida de que Pessoa elabora estas duas cartas com todo o rigor, consciente talvez de que esta seria a última oportunidade de se auto-retratar para os vindouros. Pessoa prepara, de certa forma, a celebridade futura e não há nisso qualquer vaidade pessoal, antes uma viva consciência da sua genialidade como poeta e da sua influência previsível nas gerações seguintes.

Como dizia, no início, o *corpus* epistolar de Fernando Pessoa pode também ser lido como objecto de prazer. Independentemente da sua importância como documento histórico de toda uma época literária e política, ele comunga de uma literariedade que não é de mais realçar. O *prazer do texto* pessoano resulta, sem dúvida, de um discurso poético que, não poucas vezes, se sobrepõe ao registo plano do quotidiano; resulta da fina ironia e da subtilidade das metáforas que se encontram mesmo em cartas ditas de negócios (ver, por exemplo, a carta inédita n.º 51 ou a n.º 73); resulta da ficção que irrompe, por vezes, pela intrusão de um Álvaro de Campos em cartas para Ofélia Queirós ou José Régio, ou pela assumpção inteira do seu nome e da sua *pessoa*, como na carta (n.º 53) a Augusto Ferreira Gomes; resulta, enfim, da fluência do discurso ensaístico de algumas cartas a João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro e da possibilidade de refazer diálogos interrompidos, contos ainda por contar.

Temos, portanto, verdadeiramente à nossa frente as cartas de um escritor, fragmentos constituintes da sua obra. Enquanto corpo escrito, enquanto verbo, elas são, simultaneamente, e como diria David Mourão-Ferreira na sua «Ars Poetica», espelho e véu, ou seja, rosto e máscara do seu autor e do seu universo de relações.

Tal como no vol. I, também neste vol. II se transcrevem, em nota, as cartas dos correspondentes de Pessoa, quer integralmente (quando inéditas ou pouco conhecidas) quer apenas em parte (quando recentemente vindas a lume ou pouco relevantes para o estudo da obra e da personalidade do poeta). O acesso ao conjunto carta-resposta parece-me ser da maior importância, se quisermos, realmente, perceber a fala de Pessoa em toda a sua dimensão. É que toda a carta «morre mais depressa quando não encontra o seu destinatário», o que vale por dizer que uma correspondência só pode

sobreviver quando não exclui esse terceiro elemento que é a síntese das duas falas em jogo, esse terceiro olhar que é o nosso, hoje, religando as partes e encontrando ou descobrindo, nesses diálogos, novos sentidos.

Gostaria igualmente de sublinhar, como faço no posfácio do primeiro volume da *Correspondência* pessoana, que estou ciente da necessária incompletude desta recolha. Quantas cartas de Fernando Pessoa se perderam no seu caminho? Quantas cartas não encontraram, de facto, o seu destinatário? Quantas jazem ainda nas gavetas ou na poeira dos destinatários mortos? E quantas também ele destruiu ou foi deixando nas muitas casas da sua peregrinação pela vida?

É reassumindo, pois, o estatuto de não definitiva, que esta publicação pretende, contudo, contribuir para um melhor conhecimento da vida e da obra de Fernando Pessoa e para um renovado prazer dos seus leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. P. Moitinho de, «Algumas Notas Biográficas sobre Fernando Pessoa», 1954
Athena, edição facsimilada, Lisboa, Contexto, 1983
Baptista, Maria Rosa, *Pessoa Tradutor*, dissertação de mestrado, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 1990
Belém, Victor, *O Mistério da Boca do Inferno – o encontro entre o Poeta Fernando Pessoa e o Mago Aleister Crowley*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, 1995
Banco, José, *Fernando Pessoa – esboço de uma bibliografia*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983
Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris, n.º 24, Lisboa, Abril de 1963
Bonet, Manuel, *Diccionario de las Vanguardias en España*, Madrid, Alianza Ed., 1995
Cartas de Amor de Ofélia a Fernando Pessoa, org. de Manuela Nogueira e M.ª Conceição Azevedo, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996
Coelho, António Pina, *Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, vols. I e II, Lisboa, Editorial Verbo, 1971
Coelho, Jacinto do Prado, *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Portugália, 1969
Colóquio-Letras, n.º 106, Novembro-Dezembro, 1988
Contemporanea, edição facsimilada, vols. I a IV, Lisboa, Contexto, 1984-1992
Descobrimento, n.º 6-7, Verão-Outono, 1932
Diário de Lisboa, 29 de Maio de 1936
Diário da Manhã, 12 de Dezembro de 1944
Diário Popular, 9 de Setembro de 1943 e 31 de Janeiro de 1974
Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, org. Instituto Português do Livro e Bibliotecas, vols. III e IV, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1994 e 1997
Fama, n.º 4, 10 de Março de 1933
Fernando Pessoa: o Último Ano, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985

- Fradique*, 1934-1935
- França, Isabel Murteira, *Fernando Pessoa na intimidade*, Lisboa, Dom Quixote, 1987
- Informação (A)*, 17 de Setembro de 1926
- Jennings, H. D., *Os Dois Exílios*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, 1984
- Jornal de Vila do Conde*, 20 de Setembro de 1979
- Lopes, Óscar, *Entre Fialbo e Nemésio*, vols. I e II, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987
- Mónica, Maria Filomena, *O Tabaco e o Poder: 100 anos da Companhia dos Tabacos de Portugal*, Lisboa, Quetzal, 1992
- Monteiro, Adolfo Casais, *A Poesia de Fernando Pessoa*, org. José Blanco, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985
- Nobre, Gustavo, «José Pacheko», *Colóquio-Artes*, n.º 35, Dezembro, 1977
- Notícias Ilustrado (O)*, 1928-1929
- Persona*, n.º 3, Julho de 1979; n.º 6, Outubro de 1981
- Pessoa, Fernando, *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, introdução de Joel Serrão, Lisboa, Ed. Confluência [1945] (2.ª ed., 1985)
- Pessoa, Fernando, *Cartas de Amor*, org., posfácio e notas de David Mourão-Ferreira, estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz, Lisboa, Ática, 1978
- Pessoa, Fernando, *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, ed. de Enrico Martines, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998
- Pessoa, Fernando Pessoa, *Correspondência Inédita*, org. e fixação do texto de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Livros Horizonte, 1996
- Pessoa, Fernando, *A Grande Alma Portuguesa – A carta ao Conde de Keyserling e outros dois textos*, fíx. e com. de Pedro T. da Mota, Lisboa, Ed. Manuel Lencastre, 1988
- Pessoa, Fernando, *Obra Poética*, ed. Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro, Aguilar, 1965
- Pessoa, Fernando, *Obra Poética e em Prosa*, org. e introdução de António Quadros, vol. II, Porto: Lello & Irmão, 1986
- Pessoa, Fernando, *Obras em Prosa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1983
- Pessoa, Fernando, *Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literárias*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg R. Lind e J. Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1966
- Pessoa, Fernando, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg R. Lind e J. Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1966

- Pessoa, Fernando, *Pessoa Inédito*, coordenação de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Livros Horizonte, 1993
- Pires, Daniel, *Dicionário da Imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996
- Pires, Daniel, *Pacheko, Almada e Contemporânea*, Lisboa, Centro Nacional de Cultura/Bertrand, 1993
- presença*, edição facsmilada, tomos I a III, Lisboa, Contexto, 1993
- Rabeca (A)*, Portalegre, 23 Maio de 1971
- Rocha, André, *A Epistolografia em Portugal*, Coimbra, Almedina, 1965
- Saraiva, Arnaldo, *Fernando Pessoa, Poeta-Tradutor de Poetas*, Porto, Lello Ed., 1996
- Silva, M.ª Manuela Parreira da, *As Cartas de Pessoa*, dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1989
- Simões, João Gaspar, *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982 [1ª ed. 1957]
- Simões, João Gaspar, *Retratos de poetas que conheci*, Porto, Brasília Editora, 1974
- Simões, João Gaspar, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, vols. I e II, Lisboa, Bertrand, 1950 (6.ª ed. 1991)
- Sousa, João Rui de, *Fernando Pessoa, empregado de comércio*; Lisboa, Site, 1985

ÍNDICE

<i>Nota prévia</i>	7
CORRESPONDÊNCIA	9
Notas	361
Quadro Cronológico das Cartas	443
Índice dos destinatários	457
<i>Posfácio</i>	461
Referências Bibliográficas	473

